

A 488734









www.PampaLivre.info

1
Camillo Branco de
páginas 16 a 20



CAMILLO CASTELO BRANCO

DA LIVRARIA
DE
GUSTAVO D'AVILA PEREZ

EX LIBRIS



USTAVO D'AVILA PEREZ

SECCÃO CAMILIANA
N.º 300 - 2643
Estante *Il. Lima*
Prateleira *5*
lote esquerdo

LUIS BOTELHO

PARRAFOS

Journal of the Administration



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Administração

Av. Prof. Dr. Luciano de Carvalho, 11

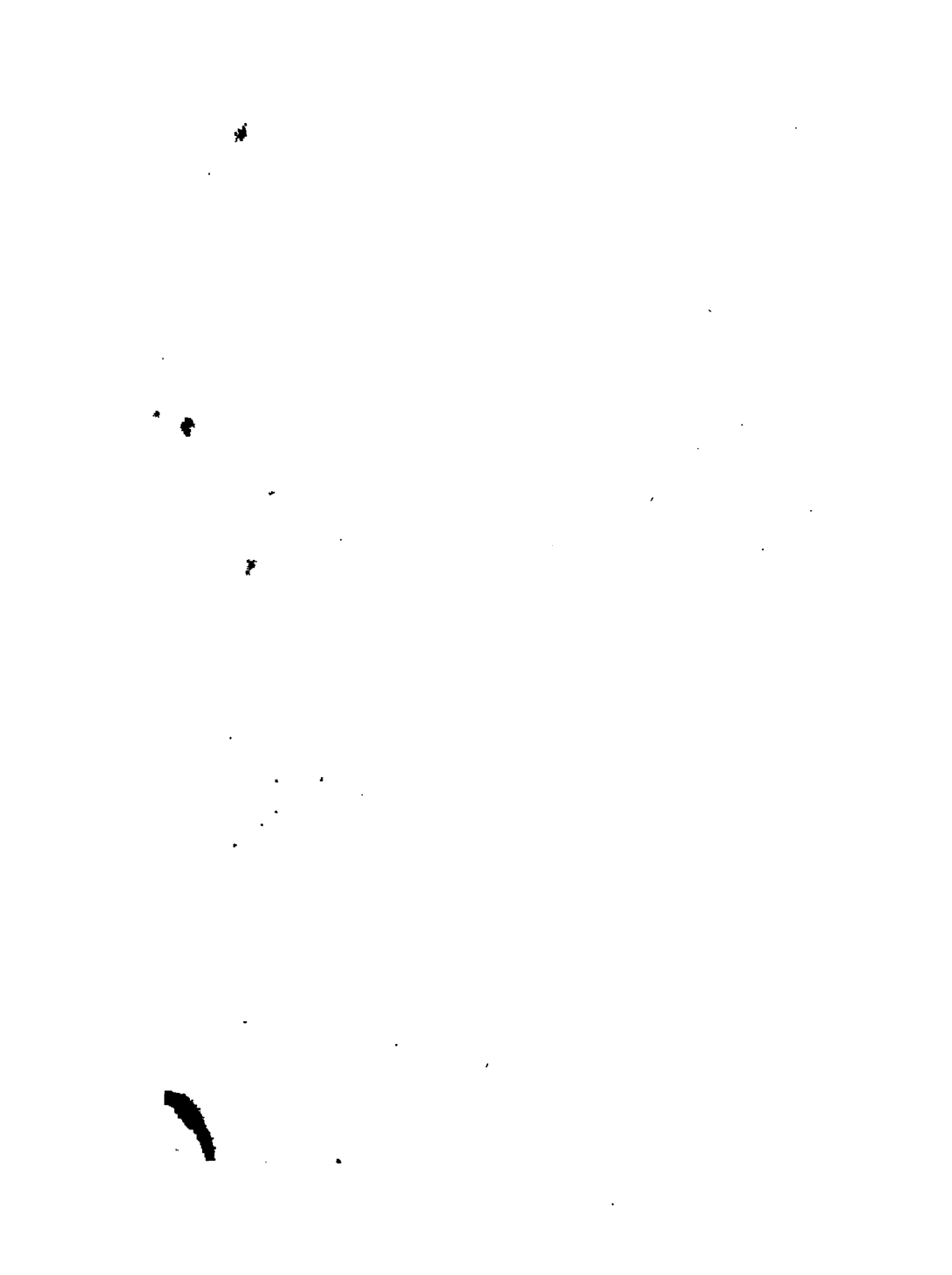
13083-900

Aracaju

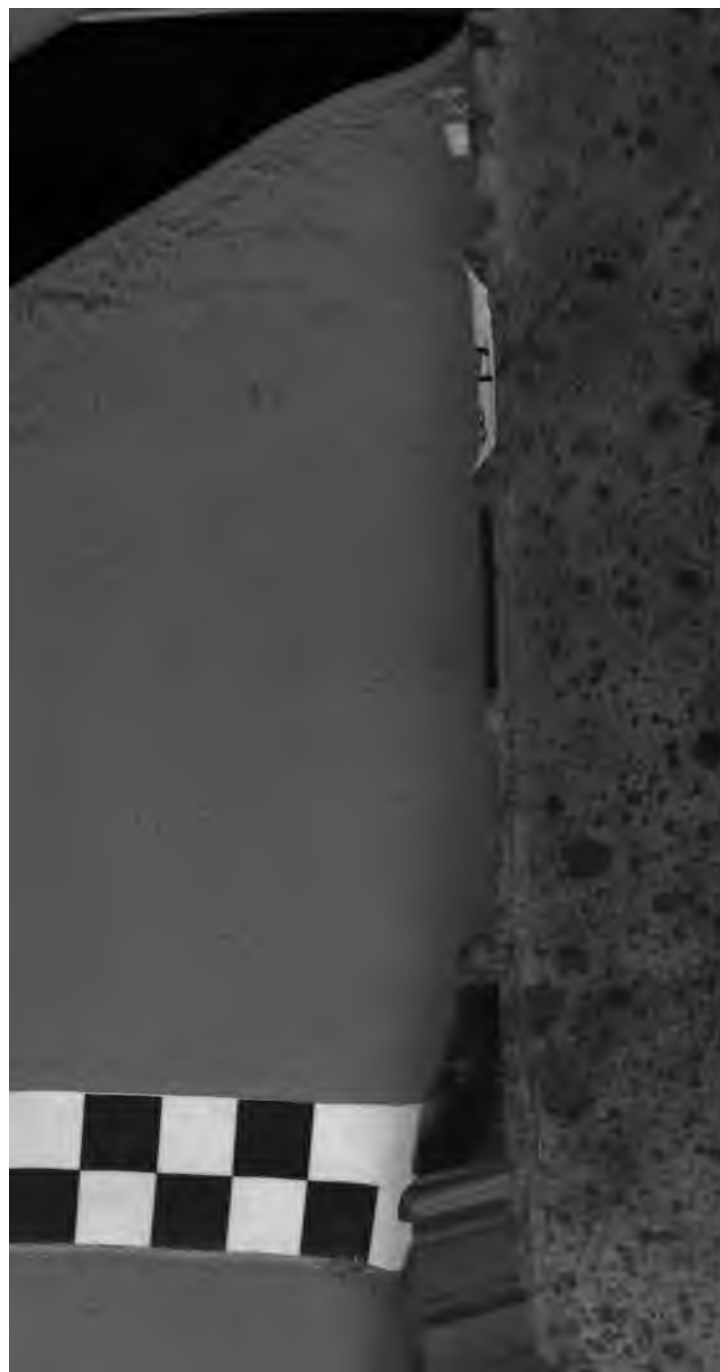
2003

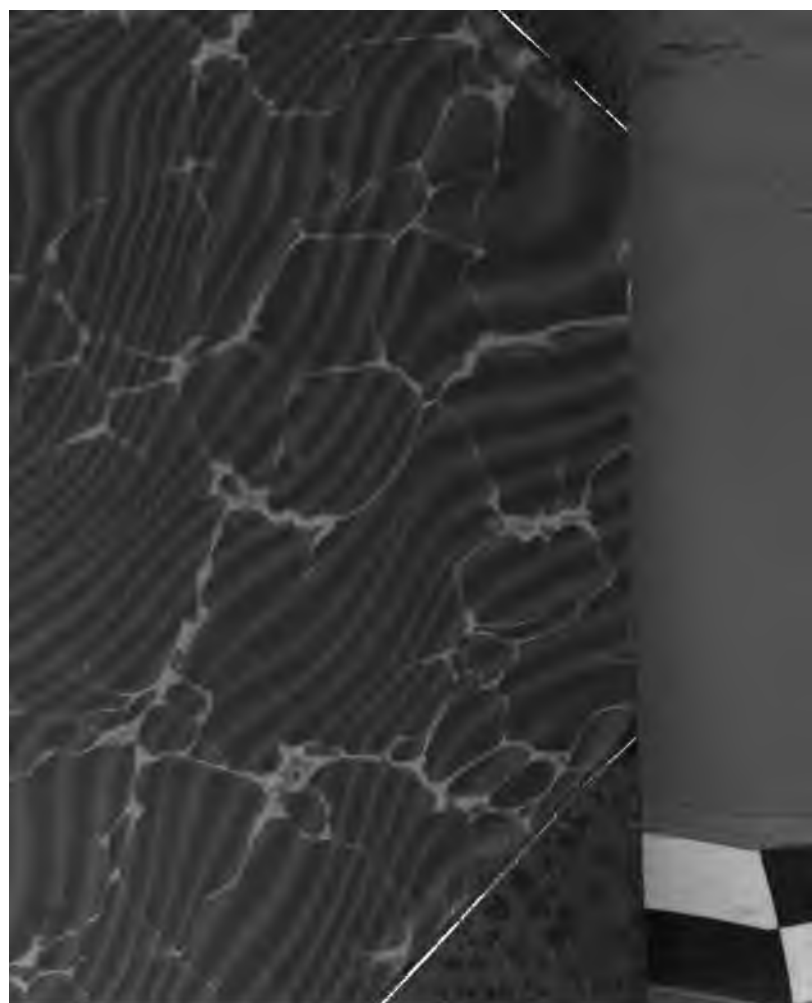


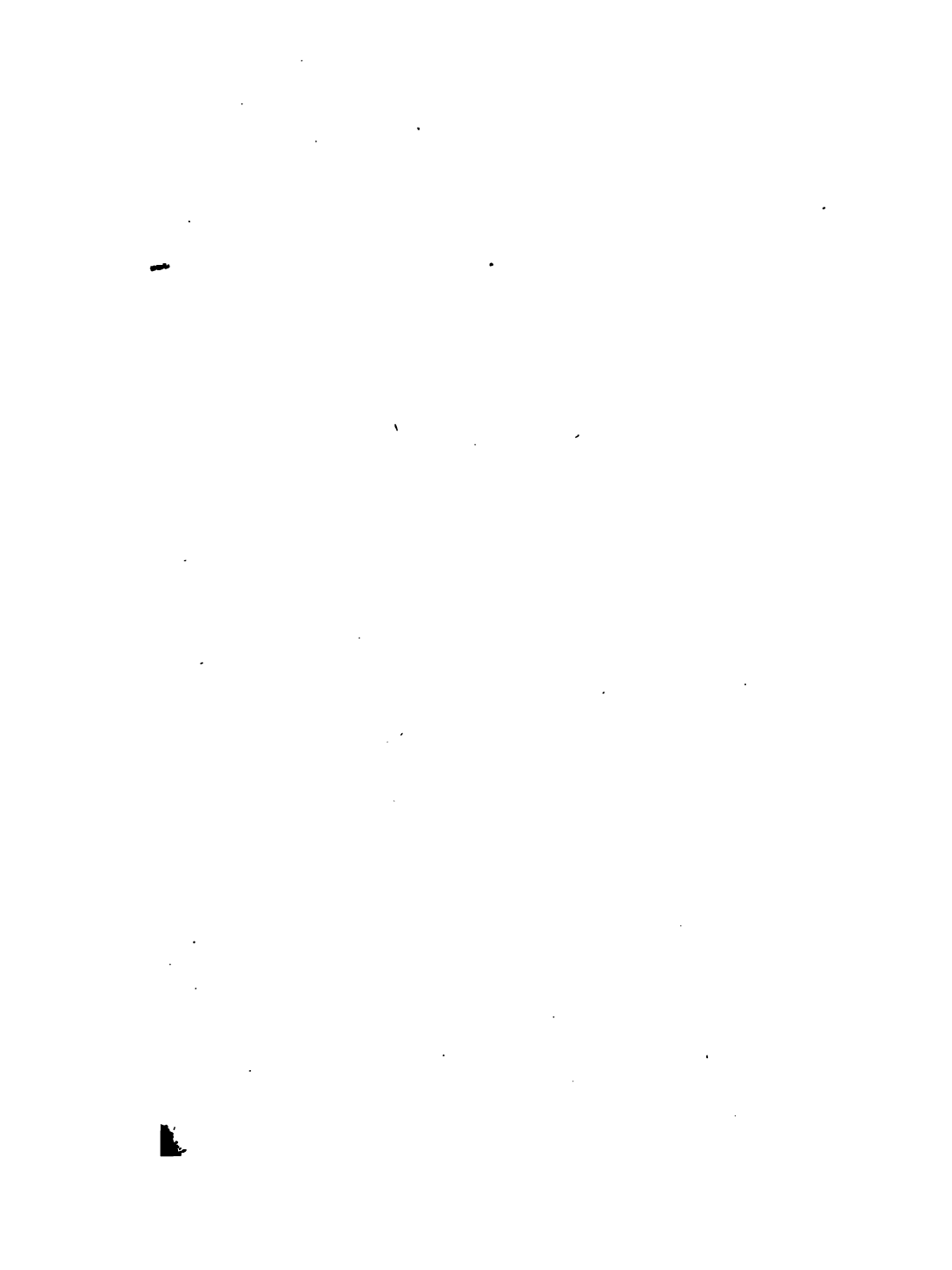
(367)



PARRAPOS







• Camillo Branco de
páginas 16 a 20



**DA LIVRARIA
DE
GUSTAVO D'AVILA PERE'Z**

• Camélias de
papirus 16 a 20



CAMILO CASTELO BRANCO

**DA LIVRARIA
DE
GUSTAVO D'AVILA PERE'Z**

EX LIBRIS



GUSTAVO D'AVILA PEREZ

SECÇÃO CAMILIANA

N.º 30 - 2643

Estante II cima

Prateleira 5

lote esquerdo

EDIZ. BOFFILO

ΠΑΡΙΑΠΟΣ

ΤΟΜΟΣ ΑΨ' - 2008



ΠΑΝΕΠΙΣΤΗΜΙΟ ΙΩΑΝΝΙΝΩΝ

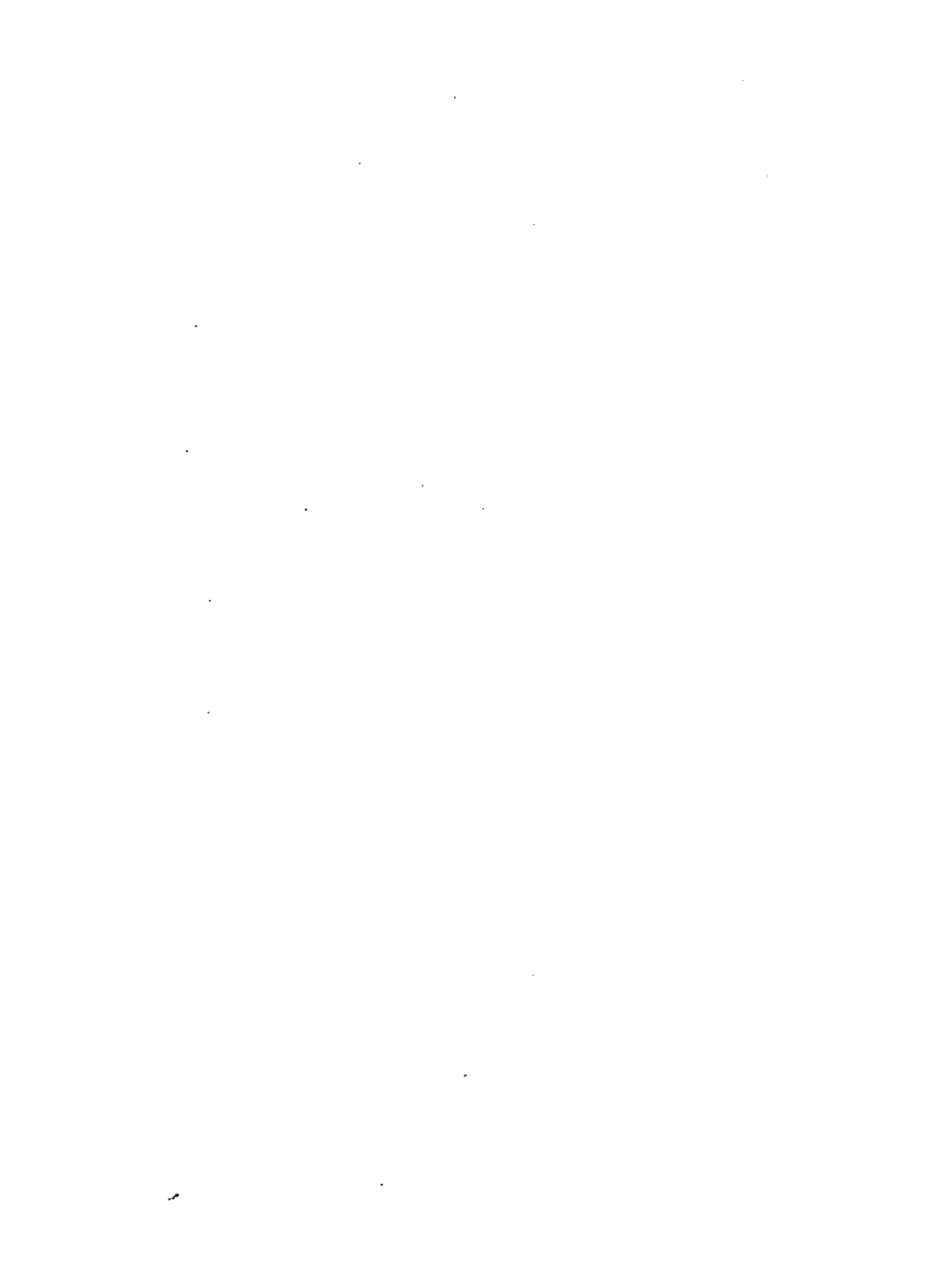
ΚΑΤΑΣΤΑΣΗ ΣΤΟ ΠΛΗΡΕΣ ΚΑΙ ΣΥΜΠΛΗΡΩΣ

ΕΠΙΣΤΗΜΟΝΙΚΟ ΚΑΙ ΕΚΔΟΣΕΩΝ

2008



FARRAPOS



LUIZ BOTELHO

PARRAPOS

JORNAL DE UM IMPRESSIONISTA




LIVRARIA UNIVERSAL
DE
Magalhães & Moniz, Editores
12, Largo dos Loyos, 12
—
PORTO

869.9
E7A0f

PORTO
IMPRESA PORTUGUEZA
Rua do Bomjardim, 181
—
1892

As breves notas que destacamos de um livro em preparação, e aqui reproduzimos (1), é possível que os leitores mais attentos da nossa folha tenham uma vaga ideia de as terem visto algures. Não admira. A vida tem durissimas exigencias, e a gente se lê os jornaes é simplesmente por distrair-se, por saber um pouco o que se passa! Não admira porisso, repetimos, que o pensamento que se espalha dia a dia, gota a gota, producto suado e tressuado do coração que se emociona e do cerebro que crepita, desparzindo

(1) *Primeiro de Janeiro*, numero litterario, 1830.



bêtas de luz e alimentando anonymamente e ingloriamente este minotauro insaciavel da imprensa, tenha a duração ephemera do conceito que se entregou á petala d'uma rosa. Viveu o mesquinho tanto tempo quanto pôde durar o viço e o perfume da triste petala desfolhada...

Assim passa o labor despremiado dos que levam a vida acorrentados a esta faina do jornalismo!

Mas, ajudando reminiscencias dos menos desmemoriados, digamos-lhes já que sim, conhecem estas notas de as haverem lido n'este jornal. São devidas á penna scintillante de Luiz Botelho, um dos nos-

themas que devam passar pela sua retina de artista enamorado da ideia. Aguarda o facto e por elle vae espalhando, a flux, com amor que não cansa e com ardor que não se extingue, os thesouros da sua sensibilidade. Nas notas esparsas por estas columnas fóra, e agora recolhidas em volume, umas vezes canta e tantas outras chora,—phenomeno psychologico tão raro nos dias de hoje,—uma alma pura, um coração sincero. É este o segredo da sua força, da sua autonomia moral e da sua physionomia de escriptor. Ao conspecto do acontecimento, bastas vezes o penetra, como ao poeta antigo, a incomportavel

tristeza das coisas: sunt lacrimæ rerum. Mais vezes ainda, fluctua vagamente na luz crepuscular do passado, tão de molde á saudade, ou inclinado á doce e serena melancolia, que faz bem. Nem lhe faltam occasiões de vestir a toga candida e officiar em holocausto ao verdadeiro merito, ou armar-se da troça hilariante, encaminhada a corrigir tuertos e a appensar o rabo-leva a grotescos e carnavalescos.

De tudo isto, colhido em flagrante, a êsmo, sem quadricula nem rebuscamentos, resalta a nota vivida, sincera, emocionada, ora calma, ora revolta, adquirindo na textura, para o effeito esthetico,

o traço firme, a esbelta flexuosidade, a justa proporção harmoniosa. Para o effeito sensorial, para o agrado da pupilla e do tympano, lá estão as riquezas de paleta e de gamma, arrancadas com muito talento e o mais exquisito bom gosto á pompa e musica. primaveril da lingua, qualidades mercê ás quaes houve Luiz Botelho as suas esporas d'ouro na ala dos mais elegantes prosadores da ultima geração litteraria.

Ah! mas por que vem de mão amiga, não vá pensar-se... E' melhor deixar fallar a obra. E como quer que ella não tardará já agora a vir a lume, tempo terão

*os que a lerem de bem aquilatar-lhe os primores. Aquillo que no jornal resaltou vivificado e quente do facto, colhido in flagranti, não perde da sua belleza e effi-
cacia trasladado agora ao livro.*

J. d'Oliveira Ramos.



FARRAPOS

Anthero de Quental

Um dia, Theophilo Gautier, — o artista eminente da *Comédie de la Mort*, — indignado, enfim, contra a estreiteza e contra a ineptia da maior parte das criticas de que era alvo, exclamou: — «Quando comprehenderá esta gente que eu sou um homem para quem o mundo visivel existe?»

Com effeito, as tendencias subjectivistas da época, representadas e intensificadas pelos accordes supremos das lyras de Hugo, Byron, Lamartine, Musset, e pelo ecco retumbante da grande prosa do autor do *Renato*, eram bem pouco propi-

cias á fulguração, em plena e justa gloria, d'essa esplendida alma pagã que era a alma de Theo—atacismo de toda a luz, toda a pureza e toda a potente vitalidade em que vibrava a esthesia da antiga Hellade.

«Os gregos—disse Goethe—fizeram da vida o mais bello sonho.» Como o semi-deus de Weimar, Theophilo Gautier foi ainda um magnifico avatar da alma hellenica. Ao redor das suas estrophes, como em torno aos colmeaes do Hymetto, adeja a abelha attica, zumbindo, n'um reverbero de azas de ouro... Alalá! Alalá! A sua poesia, como n'um carro apollineo, passa triumphante sobre as molas elasticas do rythmo, em meio de uma pulverulencia de astros, ondas auroraes de luz e symphonias maravilhosas de rimas! Alalá! Alalá! Nos seus versos, de uma harmoniosa e vasta resonancia como a das frondes de Dodóna, canta a musica divina e resplende o immaculado marmore dos coros de Sophocles! Na venustez antiga d'esses versos,—como um satyro sagrado, expandindo-se n'uma larga irradiação beatifica de alegria e de volupia cadenciadas pela graça, o velho Anacreonte, ciungido de rosas e pampanos, obliquando a amphora de Chypre

ou de Lemnos, brinda ás divindades do Amor e da Vida—Eros, Pan, Dionysos, Aphrodite!

*

O Amor e a Vida! A essa poesia radiosa, fecunda, affirmativa, em que o genio grego celebrava todas as manifestações da seiva universal, todas as energias creadoras, todas as forças da natureza naturante, endeusando e cantando céu e terra n'um immenso hymno cosmico,—a essa grande e soberba efflorescencia de arte, irmã dos Propyleus e do Parthenon, outra poesia se contrapõe, irmã dos tumulos, tenebrosa e imponente, mergulhando o Espirito na obsessão do Nada e na aspiração fervorosa á imperturbavel paz da inconsciencia. Hoje, em vez de Amor e Vida, a poesia quasi não canta senão o Amor e a Morte. Nos paizes ridentes e abençoados, nas douradas regiões do sol, onde a fôrma e a côr triumpham no seu maximo de intensidade e pujança, e onde por toda a parte nos parece ouvir convites magnanimos arrastando-nos ao perenne festim da Vida, ahí mesmo a alma cerra os olhos á opulencia de galas que a circumda e—

monge sem a visão da cruz—recolhe á crypta sombria da sua interior desolação e da sua desesperança irremissivel.

Assim foi, por derradeiro, a alma de Leopardi, o grande poeta italiano; assim é, tambem, Anthero de Quental, o nosso grande poeta.—Cegos sublimes, para quem o mundo visivel como que não existe! Elles são, por este lado, a antithese flagrante de Gautier. Uma promiscuidade labyrinthica de causaes de toda a ordem os levou á dolorosa abstracção em que a sua alma vaga: —agentes morbidos, um idealismo transcendente, o germanismo philosophico, um admiravel senso das ideias geraes, o espirito metaphysico aspirando n'um vôo impotente e febricitante á comprehensão absoluta da substancia, de que toda a escala dos seres e toda a evolução da phenomenalidade não são mais do que as fugitivas variantes; a alta critica em prodigiosos lances inductivos, que dão vertigens, e exercida em conjunctos—como os circulos concentricos de um lago, cada vez mais amplos—distançando-se, distançando-se para as origens n'um alongamento ancioso, que desemboca tragicamente no vacuo: tudo isto complicado de factores moraes, austeridades de uma nobreza culminante dila-

cerando-se nas bravias brutalidades rasas da existencia, contra as lanças da injustiça victoriosa, em toda a aspereza de angulos dos fraguados do destino, em todas as garras victimarias e torsionarias da fatalidade!

A esta altura de entendimento e de sofrimento, o espirito naufraga no pessimismo, a nevrose empolga-nos, a volição succumbe. Némesis, a formidavel sentinella das fronteiras celestes que separam os effeitos das causas, accorre com a sua feroz matilha de supplicios. O sonho illimitado em que, perdidamente, se esvoaça a alma suggere-nos a infinita e dispersiva viagem posthuma, para a qual nos abalamos, lividos, á funda *gare* das sepulturas. Um sentimento angustioso de inanidade se nos deriva de todo o ambiente. Aviva-se dentro de nós a terrificante pagina de Goya, onde, sob um céu caliginoso, um esqueleto, soerguendo a lousa, escreve sobre a terra—*Nada*. A pouco e pouco as energias se nos vão paralyndo, n'um algido arrefecimento de cadaver. Junto, vagamente, a consciencia vela, como uma alampada bruxoleando ao pé de um morto. . .

É a tua vingança, ó velha India immemorial, sagrada região dos Sete-Rios, lon-

ginquo berço aryano! Ao rude estrepito de toda a vangloria e toda a pompa das suas civilisações e do seu poderio, foram perturbar o teu grande somno millenario, em que, na absorvente expectativa do Nirwana, visionando o tragico esfarellar dos mundos, sonhavas n'um desdem supremo a vida—como um tablado de phantasmagorias ephemerias agitando-se confusamente sobre o vacuo. Então,—como um vento de morte,—uma terrivel epidemia gangetica, mais devastante do que a peste, passou pelos eleitos das raças de que tu foste o veneravel presepio. O budhismo germinou sinistramente nas 'consciencias. E o espirito, esfolhado de illusões, immerso n'um extase insondavel, aguardando o anniquilamento e a redempção absoluta, repousa, como Çakia-Muni, á sombra da figueira selvagem.—Além, nas brumas do passado, na *sierra* escavada e pulverulenta, os nossos Ideaes divagam brandindo a esguia lança, cavalgando o esqueleto de Rociante, envoltos n'um turbilhão phantastico de chimeras, seguidos de um estranho e pavoroso Sancho que hasteia alto como que o aço de uma fouce!

*

O tédio da vida alastra, o pessimismo entenebrece-nos. Como o Édipo de Sophocles, o Espirito exhora a Morte, filha da Terra, ella que adormece todos os homens, a abrir-lhe dôcemente o seu leito!

N'uma extensa escala de manifestações da philosophia e da arte contemporaneas vem eccoando essa clamorosa e reboante supplica; em poucas, porém, resoará de uma vibração tão forte como no extraordinario livro dos *Sonetos* de Anthero de Quental. Agita-se com um profundo abalo, no brilho escuro d'ebano, d'aquellas paginas, a tragedia da intelligencia que tempestúa no Homem moderno. O livro é a historia de um espirito altissimo que hoje esteira por um mar de treva, como jangada de não sei que lugubre *Medusa*, levando todo um amontoamento de cadaveres de illusões e de crenças. Historia escripta com uma concisão magnifica, no bronze do vigor dantesco. É ouvir a resonancia d'esse grande verbo de morte! — A espaço, um côro vago, de uma ineffavel suavidade e uma infinita melancolia, vem do largo, como um trémolo de saudades, e o poeta escuta, enlevado, extatico, «n'um sonho

todo feito de incertezas» que a Rosa Mystica perfuma, que a Estrella Matutina, cheia de graça e de misericordia, innunda com a sua luz celeste... Mas é um momento. O dobre mortuario succede rapido aos dulcissimos accordes da *Avè-Maria*. — *Avè, Morte!* suprema e acolhedora rotunda de todos os caminhos da ventura e do infortunio: formidando, immenso e mudo oceano, sem escolhos e sem praias, onde é grato naufragar! E este motivo vae longamente resoando no bronze dos sonetos, como n'um carrilhão funereo, — como o clamor tremendo e pertinaz d'esse grande coração desolado, onde é eternamente noite sob todo o clarão dos astros!

São as arvores do céo, as nuvens...

De noite, ás vezes, quando a espaços no azul profundo alastram as suas tenues frondes, dir-se-hia que as estrellas veem poisar nos ramos d'essas arvores, e brilham como os rouxinoes chilreiam!

A uma cantora

Avè, ave!

Cheia de graça, se o teu vulto, de uma tão fina e tão patricia gentileza, apparece nos tablados, e se a voz desprendes como se toda a alma te affiorasse aos labios n'um intenso e ancioso bater d'azas,— nós quedamos, vendo-te e ouvindo-te, n'um enlevo ineffavel, o espirito em extasis n'uma psychostasia profunda, feita de sonho e de encanto!

Das convulsões e dos escarceos do drama em que te agitas, surge a tua voz, vibrante, limpida, toda escorrendo a paixão que te marulha a alma, e por vezes, no teu canto e no teu vulto, nós temos a visão da Anadyomene antiga, divina de graça e de esplendor, emergindo ovante de uma immensa e revolta flôr de espuma!

N'este [redacted] erio que pelo passado de cada um [redacted] se alonga, e onde as ale-

grias matinaes da infancia, com a pequenina mortalha azul das suas azas, dormem n'um jazigo resplendente como um sacratio ou como um herço, um jazigo feito de beijos e de todo o estremecimento e de todo o arminho celeste do coração das mães; n'essa necropole, onde a mocidade nos ficou descançando eternamente da sua caminhada anciosa pelos mundos do amor e da aventura e pelos planaltos da esperança—lá se concentra a espaços, e divaga, o saudoso bando alado e triste das nossas reminiscencias...

Ha campas bem amadas, cobertas de grinaldas, de bençãos e de lagrimas, douradas do esplendor de inapagaveis lampadarios, acolhidas á veladora sombra cariciosa das arvores, envoltas n'um grande fremito de evocações soluçantes,—cadaveres de illusões antigas embalsamados de saudades, flôres perpetuamente vicejando aos orvalhos da manhã da alma, gasto o marmore das lousas pelos joelhos da prece e da piedadè... —E ha fundas vallas ferrozmente revoltas, sem flôres, nem arvores, nem lagrimas, insondados e sinistros algares de maguas, tragicos amontoamentos de fatalidades e de miserias phosphoreando na desolação e na treva, ossadas



dispersas e corroidas pelas hyenas do remorso, por toda a multidão raivosa das recordações irresgataveis e lancinantes!...

A « Dança macabra », de Saint-Saëns

Dança macabra!

Este assumpto, com toda a convulsionada sombra do seu character medieval, com toda a tempestade humana da sua feição vingativa e equalitaria, terrificante communa d'além-campa, supremo rasouramento social nas regiões do não-ser, desenfreada orgia que rompe nas impassiveis e sagradas regiões do Nirwana, liquidação absoluta e distribuição equitativa de todas as magnificencias e todas as misérias da natureza e da sociedade, enorme bacchanal furiosa desencadeando-se n'um como Josaphat illimitado e tenebroso,— este assumpto, dizemos, é bem de força a inspirar e glorificar os mais vigorosos engenhos.

Resòa o bater da meia-noite... Subito, a Morte surge, escoltada de esqueletos; ao

seu rispido avôcamento, elles respondem n'um concerto estridente, a que os mortos despertam e abalam da terra n'uma chusma innumeravel, e affluem por toda a parte, febricitantes, phantasticos, horriveis, bûscando e cingindo á pressa os farrapos tûbidos que perderam... Emfim, tudo a postos! O corpo de baile, immenso formigueiro de espectros, povôa sinistramente a amplidão... A orchestra rompe n'um delirio! E á mistura o embater dos ossos com o zingarrear asperrimo da musica—zig-zig-zig, clac-clac-clac—eia! a sarabanda tragica dos mortos, o phrenesim choreographico dos esqueletos em tumultuarias ondas que se repellem e se constringem, como as carcassas, ringindo, se entrechocam e faiscam, como tudo revoluteia vertiginosamente em furia, brechando a noite de clarrões phosphorescentes, a que todo o funereo turbilhão alveja!

Mas já a madrugada vem além despontando... Os gallos cantam... Sús! e ao signal de commando o bailado estaca, os espectros fogem n'uma dispersão pressurosa e recolhem aos seus covis, e tudo se extingue n'um largo sussurro de furtiva debandada, como um pesadello que se desvanece...

*

Tal é o transcendente motivo tratado por Saint-Saëns n'uma symphonia admiravel de nitidez, de sciencia instrumental, de colorido e de character. Tratado a toda a sua altura? Não o cremos. A symphonia em questão é o producto de um bello talento, de um parnasiano da musica, um artista correctissimo, eminentemente lucido, culto, equilibrado. Mas o assumpto, formidavel, demandava um pulso genial, um cerebro que, á intuição prodigiosa do phantastico, de Weber, alliasse a força herculea de um Beethoven ou de um Wagner.

... Agora, pelo oceano infindavel da morte, como um vento que passa ululando, a nossa saudade evoca a alma que se distanciou ao longe, a alma que de nós se distanciou para sempre... Nunca mais! Nunca mais! É a viagem tenebrosa que

rando na amplidão, foi a pouco e pouco perdidamente decompondo-se, esvaindo-se, sumindo-se na immensa valla, sob a leiva tenebrosa do alvião da noite...

Camillo Castello Branco era o primeiro escriptor portuguez contemporaneo. Elle era, no terreno da psychologia esthetica, o superior interprete e o grande representante da nossa alma collectiva. Similhante ao genio de Goya surgindo fulgurantemente na hora derradeira em que houvessem de fixar-se as tradições da vida intima e exterior da velha Hespanha, Camillo vingou surprehender ainda a genuina alma portugueza e estampou-a em paginas insuperaveis de intensidade psychologica e de vigor de estylo, com uma dramatisação tempestuada de caudaes de lagrimas e de vendavaes de riso, com um poder de expressão prodigioso em que ha verbo para todo o systema de apparencias do mundo ambiente e para toda a escala de suggestões e de intuições do mundo subjectivo. N'este

campo, no terreno da realisação, na esphera propriamente artistica, é inexcedivel o extraordinario escriptor, e intrepidamente e esplendidamente confrontavel com tudo quanto haja mais scintillante e mais poderoso nas litteraturas mais opulentas. Como os grandes implantadores do romantismo em França—Hugo e, Gautier—que, topando no serviço do seu enorme talento o lexicon *precioso* e anemico do seculo xviii, se soccorreram do verbo immenso dos Rabelais e dos Ronsard, Camillo, guiado por um maravilhoso tacto de artista e de philologo, enseivou o depauperado sangue humanista da lingua portugueza com um sem numero de elementos rubros, tonificantes, vivificantes, que hoje ahí circulam por todas as arterias da nossa litteratura.

Os seus livros teem a observação e teem a phantasia, teem a tragedia e teem a graça, paginas revoltas de paixão e sibilantes de sarcasmos, luminosas clareiras sorridentes onde a felicidade canta, ravinas e algares tenebrosos aonde a fatalidade nos arrasta e nos afunde, physionomias latejantes de uma vida inolvidavel, corações torsionados pela dôr ou expandidos de ventura, espantosos exemplares do ri-

diculo arrancados á galeria das Fórmias e das Consciencias com uma dextreza e uma força inegualaveis, e expostos n'um escancáro flagrante á gargalhada publica. De par com as vibrações mais dramaticas e mais lacrimaveis do coração humano, avulta n'esses livros a portentosa cornucopia do riso que o autor despejou a caudal plena por toda a interlopia ulcerosa ou carnavalesca dos ridiculos do Homem. Esta nota, a nota satyrica, a *vis* sarcastica e epigrammatica—nunca em prosa portugueza expluiu e estrugiu tão atordoadora e tão aniquilante como quando ferida por esse formidavel subjugador da linguagem. A intervallos, em rapidos revezes com o marulhar potente da gargalhada, em pungentes alternativas byronianas ou heinescas—Heine descido dos intermundios do sonho ao negro enxurradouro da realidade!—grandes phrases limpidas, como lagrimas, affloram imprevistamente na pagina agitada, e resvalam silenciosas, lentas,—abrindo sulcos de valla no coração e no livro,—como um cortejo funerario passando ao través de um carnaval em furia!

Ha nos livros de Camillo o affago que nos encanta e a garra que nos empolga, a irresistivel gargalhada explosiva que nos

alvoroça e o fundo rebate trágico que nos arrefece,—ha o potentissimo folle de forja que subitamente nos inflamma e nos faz cahir sobre a alma todas as marretas do enthusiasmo, a cujo baque revóam myriades de scintillas!

*

Ultimamente, um grande còro geral de despeitos e sympathias obsidiava o nome veneravel do escriptor, não ha muito ainda tão barbarescamente contendido, vilipendiado e calumniado, no mais in-esthetico e vergonhoso dos assaltos. Tamparam-se invejas e despeitos, calaram-se odios e resentimentos, volvendo-se todos elles n'uma fervorosa convergencia de homenagens e ovações. A longa e trabalhada viagem d'esse esplendoroso caminheiro do espirito viera ter finalmente, ao través de toda a orden de vicissitudes e affrontamentos, a este superior planalto de paz e de justiça, onde freneticamente as acclamações o vinham hoje de toda a parte saudando. Nada restava já agora da encarniçada negação antiga ás faculdades excepcionaes do grande romancista e do temeroso pamphletario,—essa furiosa negação juramentada em ex-

terminio e esvurmando calumnias, ás quaes, no insoffrido e vehemente escriptor peninsular, nem sempre se defrontara a calma transcendental do poeta, crystallisada n'uma rhetorica profunda:— *Mon goût diaboliquement passionné de la bêtise me fait trouver des plaisirs particuliers dans les travestissements de la calomnie.*

Annuniação

Não somos theologos. Longe do nosso espirito apresentarmos aos leitores qualquer dissertação ponderosa, bem escholiada de textos dos santos padres e das mais qualificadas autoridades exegetas, sobre o mysterio da Annuniação. Muito modesto e muito simples, o nosso intuito é apenas solicitar que se tenha commiseração pelos pobres, quando se tem a Annuniação de Jesus.

Um Deus, que surge na consciencia humana, é um redemptor ideal que o nosso apoucamento e o nosso infortunio criam;

de tal sorte que a religiosidade vae a pouco e pouco extinguindo-se, á medida que essa imagem sagrada e omnipotente, que esse Deus abstracto se concretisa n'um mais alto grau de civilisação e de bem-estar social.

Vós outros, os eleitos da fortuna, correi para a conquista real da divindade. Que o dóce Jesus não sangue eternamente na sombria imaginação dos desherdados, que elle desça redivivo e radiante do seu Calvario, e que a immensidão da sua bondade transmude em abastança e em sorrisos o vasio e desolado lar dos pobres! A beneficencia, que ella venha, como um diluvio de graças, inundar as almas desditosas. Esses fundos corações tenebrosos, covis onde os sentimentos rugem e se dilaceram como feras, que o vosso amor os torne em focos de bemquerença, que ali entre Deus, que d'ali saia uma alva revoadade bençãos! Ide á conquista de Deus, fazei do proprio coração o arsenal potente onde se hão-de forjar as vossas couraças e as vossas armas, e uma vez aprisionado esse grande incoercível, a quem o egoismo traz ha tanto foragido, acorrentae-o, domae-o, encarcerae-o, como n'um encerro de bronze, na dura existencia dos infelizes!

É o derradeiro limite da ascensão humana—a posse integral d'esse evadido formidável. Deixae que os atheus se afadiguem na esterilidade e na mesquinhez dos seus esforços. Emquanto a humanidade se estorça na dôr e na miseria, hão-de sempre as religiões triumphar, como penhores sublimes de conciliação e de resgate, como a profunda affirmação piedosa da futura graça e da beatitude infinita. Deus é o grande vacuo a preencher e é a grande promessa honrada, é o *deficit* de civilização e a garantia infallivel do seu saldo! Todos vós, que o podeis, tratae de solver essa immensa conta que se deve á sorte dos miseraveis!

Primavera

Passaram na Biblia do anno as paginas sombrias: ahi vem vibrando—vibração de aurora!—o seu radioso *Cantico dos canticos*. A primavera surge triumphante, dos escarceos do inverno, como Venus Anadyomene da irisada espuma das ondas, e,

fulgidamente, no azul desponta o seu aureo carro alado, rolando a mil quadrigas de andorinhas! .

Para esta entrada festival, a natureza desentranha-se em galas, o chão reverdece e alfombra-se, as flôres pullulam, a passurada revôa pela altura em grandes bandos joviaes, expandindo-se em ridentissimas chalradas. E, quando enfim a diva esplenda em toda a sua formosura e em toda a sua graça, da natureza inteira romperá uma girandola vivissima de hossanahs, um concerto prodigioso de côres, de sons e de perfumes se diffundirá pelo ar fremente, um diluvio de perolas e diamantes golphará dos cofres da madrugada, gorgeios crystallinos esfusiarão no alto como um immenso *scherzo*, sylvandros e satyros espojar-se-hão pelos bosques em rebolarias doidas, e nos beirae dos ninhos, timidas, curiosas, irrequietas, cabecitas implumes assomarão pipilando, a vêr quem assim passa em tão ruidosa pompa, no meio de uma tão violenta erupção de festa!

*

Bemvinda a primavera! Quando raia o dia, o rubor do céu é agora mais vasto e

mais intenso. As profundezas da terra, a grande mãe, revolvem-se nas contorsões de um como parto monstruoso, e este ventre disforme, bojando sob o docel azul do firmamento, arqueja em arrancos gigantescos—dando á luz as violetas e as rosas. A madrugada é a nutrix d'esses bebés pequeninos, divinamente envoltos nas suas faxas verdejantes; elles veem entreabrindo os labios em timidos vagidõs ineffaveis—subtís como um perfume,—e sugam avidamente o ubere que a aurora espreme com os seus dedos roseos e d'onde, em crystaes gotejantes, o orvalho, tremulo, flue...

*

Bemvinda! Agora, que bello ensejo para uma grande recepção de festa a essa graciosissima diva! Vós todos, a quem a fatalidade acorrenta n'este escuro carcere das cidades, evadi-vos para longe, correi aos campos, que é lá que tem de celebrar-se o festival, no meio das arvores em flôr e em cantos, por sob o firmamento em azul e em astros!

Debandae, ide tomar um immenso banho de natureza, retemperar, lavar, fortalecer a alma. Não sonhaes, sequer, que

estupenda alacridade estoira pelos campos, com que vehemente expansão irresistivel a vida referve nas entranhas da terra e lhe esguicha de todos os poros, como a seiva explue em catadupas dos seios tímidos de Rhea, como é de pequeninas almas puras, exhalando-se, a dôce respiração das rosas, como os dedos do sol enfeitam e opulentam o toucado das arvores, e como é maravilhosa a cantata das aves e como é deslumbrante a symphonia das côres!

Para longe! para longe! Fugamos dos saguões urbanos, vamos saturar de um ar bem forte e bem sadio estes tristes folles derrancados — os pulmões, e vamos forjar com elles uma vida acerada e resistente que nos robusteça e nos afervore para a lucta. Eia! a desenfreada orgia que vae já nos campos, o prodigioso festim pagão, como Pan cabriola na espojeira dos prados e como a vida estúa e se estadeia na sublimidade do seu impudor divino!

João Saraiva


Dissemos do autor das *Serenatas*:

Não o conhecem. É um principiante e um moço. Mas é também um verdadeiro poeta, e assim não faltará, mercê de Deus! quem estime conhecê-lo.

Referimo-nos a João Saraiva — bella alma irradiando de uma physionomia extremamente sympathica, de ephebo, cujo perfil nos dá uma viva impressão do mais puro typo egypcio.

João Saraiva trata de publicar o seu primeiro livro de lyricas—*Serenatas*. São versos de um finissimo quilate de concepção e realisação, demonstrando victoriosamente um artista. A quadra vae rude para os poetas, os leprosos d'esta sociedade tão radicalmente prosaica, arida, mercantil, como outro dia os capitulava um dos nossos espiritos mais altos e mais luminosos, que é também um dos nossos lyricos mais illustres; no entanto, a versos do valor das *Serenatas* de João Saraiva, deparar-se-ha, sempre, uma *élite* de almas abrindo-se-lhes n'uma acolhida fervorosa e justa, sobejamente compensadora.

De um gosto e uma subtileza adoraveis



que, a espaços, nos fazem pensar nas mais preciosas joias do florilegio chinês vertido por Judith Walter e nos divinos conceitos poeticos de Gautier, as lyricas de João Saraiva, nitidas, breves, crystallisam deliciosamente, em imagens de uma grande pureza e frescura, phantasias de uma irisação resplendente, e sentimentos da mais rara delicadeza.

*

Está publicado o livro de João Saraiva. É toda uma primavera em flores e em canticos! Os espiritos dirão se tergiversámos da justiça, quando, em face de algumas composições dispersas, avançámos esse rapido juizo.

Abril floresce. Dezoito annos—é a idade do poeta. As *Serenatas*, na viridencia e na distincção fidalga da sua esthesia, accusam de um modo bem profundo essa noble mocidade alada, a clara manhã sonora d'essa alma tão penetrantemente luminosa e de uma tão opulenta irradiação de encantos. Mas, á delicadeza e á juventude cantante do coração e das imagens, vincula-se no talento de João Saraiva um senso critico exigentissimo, de maneira tal que em ra-

ros poetas, a tanta frescura d'estro, se allia uma tão escrupulosa consciencia esthetica. A fórma em que tma grande parte das concepções do livro se condensam é de uma sobriedade justa, de uma precisão rigorosa, de uma transparencia magnifica, e o pensamento rebrilha n'esses versos como um vinho de ouro no mais limpido crystal, atravessado por um raio de sol vivissimo.

Assim, João Saraiva, artista genuinamente meridional, de uma elevada hierarchia, tem a intuição superior da fórma. O seu respeito pela arte e a sua dignidade intellectiva são bem mais do que bastantes para que todo o verso descurado lhe repugne como um sacrilegio e para que os decantados *virtuosi* do improviso—enxovados de banalidade, espanto da estupidez massiça do vulgacho—devam ser-lhe cordealissimamente despreziveis. No espirito do autor das *Serenatas*, a ideia terá um longo estadio, primeiro que a seus olhos ella surja diamante. Depois, que pertinazes e convulsos labores de lapidario! O pensamento assignalar-se-ha,—em toda a sua gamma, em todos os seus cambiantes, em toda a sua escala chromatica, subtil, fluctuante, elastica, revolta,—nas mil fa-

cetas conjugadissimas da fôrma, no complexo e impeccavel contraponto da linguagem, na reticulada trama, irreprezivelmente harmonica, das phrases, do rythmo e da rima. Sopesar-se-ha na mais sensitiva das balanças o valor ideologico e onomatopaico das palavras, de tal sorte que, uma vez feita a selecção, se traduza fidelissimo, nos versos, o timbre da alma do artista. Quantos vocabulos, quantas formulas tilintadas pela critica, e, para esta supremacia de exito, que abundante e fatigante refugamento de moeda falsa!

Não vá, todavia, colligir-se d'esta explanação de processos que pretendamos enfileirar João Saraiva na ala impassivel dos parnasianos. Á nitidez gauleza casa-se nas lyricas do trovador das *Serenatus* uma vibração cordeal demasiado intensa para que tal classificação nos permittissemos. Ha n'esses versos um character peninsular perfeitamente accentuado, uma viva tinta reverberante de sympathia intima; ha confessionarios flagrantes d'esta emoção affectiva, irreprimivel, espontanea, esparsa, em que ao sol da juventude a nossa alma desabrocha—immensa rosa de amor, como uma aurora, abrindo!

A esthesia de João Saraiva expande-se

n'essa idade eternamente bemdita em que a primavera das illusões nos leva ainda em meio do seu caminho refflorente de graças. N'uma successão de deslumbramentos, vão as miragens desenrolando toda a magia scenographica dos seus panoramas, avultando os seus zimbórios fulgurantes, projectando alto a floresta dos seus minaretes e das suas cúspides, erigindo maravilhosos alcáçares, onde, como na Alhambra, a inscripção — *Felicidade! Felicidade!* — se vê correndo por toda a parte em arabescos de ouro... Ai de nós! Mais tarde, á medida que os nossos passos avançam na estrada pulverulenta e aspera, — a uma introversão terrível, a um profundo terramoto de desalentos, toda essa cidade ideal, que os nossos sonhos andaram levantando e perspectivando em pleno azul, inappellavelmente se subverte e se aniquila. As ravinas e os algares do scepticismo, fraguentos, vertiginosos, amaldiçoados, cavam-se — lá onde outr'ora, na planicie ridente, em festa as avesinhas chilreavam, e a perder de vista se estendia pela terra a verde confiança... E então, meu querido poeta, meu bem-amado trovador, alma inundada do clarão do oriente, — em vez do rouxinol das *Serenatas*, nunca mais, nunca mais se

ouvirá cantar senão a sinistra ave das ruínas crocitando o seu funereo estribilho—*Never, oh! never more!*...

Embora! É bella a vida, é esplendida a mocidade! Ao adagio tragico e transcendente de Hamlet, resôa o vivissimo allegro de Fortinbras resurgindo—balsões ao vento e tambores em festa—aos sons gloriosos da fanfarra! Pelo espirito do autor das *Serenatas*, n'uma vasta undação de aurora, passa o carro ethereo d'Hebe, tirado a um bando regorgeante de andorinhas. Não ha no concerto a nota impetuosa da paixão, mas vibra a affectividade, sem macula, de uma alma delicada e altivola, toda escorrendo a luz do sol nascente. Psyche e o Amor celebram ainda, no thalamo sagrado, a sua nupcia mystica. E como é deliciosa essa palpitação de cordealidade ao través de toda a firmeza, todo o brilho, toda a renda tenuissima das composições do poeta—qualidades que por vezes se nos enlaçam na memoria com os mais puros esmaltes do seculo XVIII, ou com os diamantinos conceitos de Gautier!

Que são uma das fórmulas de crystallisação mais predilectas da esthesia de João Saraiva—os *concetti*. Nada, porém, da pre-

ciosidade que essa fôrma de ordinario affecta. Ideia e expressão as mais sinceras, colleando resolutamente e subtilmente n'uma efflorescencia de imagens orvalhadas de originalidade e frisantissimas de justeza, avocando suggestões imprevistas, desdobrando-se com essa translucidez superior que, no elasterio de uma phrase, n'um breve e scintillante escorço, nos dá a visão de um mundo.

As nossas saudações entusiasticas a este espirito gentilissimo de poeta! Que elle resista, integro, a todos os travancos do ignobil prosaismo que entre nós obsidia o homem de letras, a todos os contactos da lepra da inveja, ás hostilidades de todas as almas rasas, de todos os estereis, de todos os abortados, de todos os *fruits secs*, de todos aquelles, em summa, que, absolutamente desprovidos de seiva, se vingam, abeberando-se profundamente de veneno!

Uma sessão musical

... Nada mais nitido nem mais brilhante do que a execução das diferentes peças que ouvimos ao notavel pianista. Execução complicada e sabia, disseminando-se n'um sem numero de elementos, partindo graciosa e agil em todas as direcções, como á busca de estorvos para vencer, de tropeços para galgar com uma suprema elegancia, ex-
pluindo n'uma espumante dispersão irisa-
dissima de notas crystallinas.

Por entre a profusão de toda essa inextricavel ramaria, a ideia-mãe das composições espirala-se maravilhosa, como haste que, por um prodigio de enseivamento, irradiasse na mais luxuriante e encantadora florescencia. A espaços, dir-se-hia que nos foge, que se dissolve na exabundancia dispersiva dos ornatos... Subito, uma clareira, a saída abrupta de um tunnel de esplendores, e eil-a que resurge do seu banho de harmonias, cada vez mais bella, mais fresca, mais radiosa, e sempre virgem no meio da orgia desenfreadissima de solicitações que a requestam, cobrindo-a de um chuveiro de preciosidades e magnificencias.

Algumas composições, o artista parece tel-as bordado na alma em fiadas inestimáveis de perolas. São escalas infinitas de notas eminentemente fluidas, correndo com uma dextreza vertiginosa, chilreantes, limpidas, n'um isochronismo absoluto, cedendo-se, na rapidez da fuga, apenas a fracção de instante strictamente necessaria para que o tympano apprehenda a sua fôrma primorosissima de espherulas. E essas *roulades* deslumbrantes, como um côro de rouxinoes em vôo pelo azul, vão, veem, attenuando-se, avultando, cantando em tórno á melodia; sublinham-na, interpretam-na, saúdam-na com os maximos transportes, — agora, enternecidas, se lhe casam n'um vívido noivado, logo abalam de impeto e entôam por toda a parte o entusiasmo que as incende. Ás vezes, toda essa multidão cantante de notas luminosas vão, irrequietas, agglomerar-se n'um pequenino recanto, e então ha um marulho de *crystaes* agitadissimos na sua irreprehensivel harmonia, delicioso murmurio de intraduzíveis chilreadas, qualquer coisa como se um thesouro de diamantes miudamente facetados, e revoltos, trocassem, a um tempo, as suas *myriades* de *scintillas* por outras tantas reverberações sonoras! Este mur-

murio, este mysterioso e inténso arrullamento, como depois de uma trama pactuada em segredo, espraia-se, desdobra as suas ondas n'um leito amplissimo, sobre o qual, cheia de graça, a melodia se dilata ao longe por uma praia infinita...

Os doidos

De certo, entre os infortunios que mais desoladoramente podem ferir o Homem no seu rude engatinhar pelas escarpas da vida, nenhum ha que tão fundo cave as almas de tristeza como a invasão de um cerebro por uma grande golphada de sombra. Mergulhar no escuro e pavoroso tunnel, d'onde, o mais das vezes, não ha sair que não seja para entrar no tunnel infinito da morte... A face humana volvida na face silenciosa de um tumulo, onde jaz grotescamente, na treva, o cadaver tábido de uma alma... É degradante para a nossa dignidade este espectáculo, e a intensa misericordia, que elle infunde, complica-se do vago e instintivo horror de que tambem os espectado-

res um dia irrompam desvairadamente no lugubre tablado!

Nem sabemos o que seja mais pungente — se o absoluto entenebrecimento de um espirito, se a sua apenumbração apenas, uma consciencia sobrevivendo a si propria, assistindo á sua propria morte, deitando luto por si mesma, — uma grande noite estrelada de alguns raros luzeiros, que vêem pávidamente a sombra que os circumda, e tremem, e empallidecem! Oh! deploraveis martyres, noctambulos da suprema noite, como a nossa piedade vos acaricia na desventura, e como, oh pobres cegos da luz interior! a nossa alma seria a desvelada mão que vos guiasse e vos amparasse pelas veredas escabrosas da existencia!...

Que a philantropia rodeie de amor e de conforto essas tristissimas reliquias que são aquelles em quem morreu o pensamento, — miserandos naufragos da vida, hastes combalidas abrindo-se n'uma terrificante flôr nocturna, tragicos somnambulos espectralizados pelas convulsões da fatalidade, funereos esqueletos de arvores d'onde o cadaver da alma pende!...

A custodia de Belem

É o que ha mais elegante, mais complexa e delicadamente ornado, essa magnificente preciosidade. As linhas capitaes, rendilhadas, embrenhadas n'uma densa trama de arabescos, de *fioriture*, de imagens de toda a ordem, ascendem, desenvolvendo-se a custo de todo esse labirinto, como n'uma grande aspiração para o alto. Os pilares, os columnellos irradiam em derivações phantasiosas, lançando aqui um baldaquino em que se abriga um santo, ali uma rêde graciosissima que vae subindo, ou correndo a toda a volta, embrincando-se com uma suprema gentileza.

Em tôrno do hostiario, — a que ha soto-posto um friso com esphas em relevo, — apostolos, ajoelhados, rezam, emquanto as esbeltas agulhas verticaes, que os suspendem, parecem assignalar o itinerario dos seus divinos arroubos; essas agulhas, essas altas linhas elevam-se, prendendo-se em caprichosos laços, levando comsigo toda uma legião de santos, cuja alma se expande sob pequeninos doceis, finamente rendados. Dir-se-hia, tudo aquillo, um hymno das mais puras exultações, uma glo-

rificação requintadamente artistica dos esplendores celestes, que de subito se condensasse, fundindo-se primorosamente em ouro, com toda a subtileza e tensão dos seus mysticos anceios.

Por sobre o hostiario ha um collar cantante de seraphins, e depois tudo sobe impetuosamente, n'uma convergencia arripia-dissima de ornatos, para o cruzeiro que encima toda a custodia. É espantoso de complexidade e arte. Os rendilhados gurgulham, espumam, fervem, revestindo por um sem numero de fórmulas os seus principaes *motivos*, como um *allegro* vivissimo de Beethoven. Columnas, pilares, ogivas, uma grande prodigalidade de meandros de toda a especie engatinham alvoroçadamente pela cupula acima, atropellando-se, embaraçando-se continuamente n'uma ascensão frenetica, e ficando a pouco e pouco exhaustos pela encosta, emquanto um como braço audacioso rompe, e hasteia triumphantemente a cruz a todo o alto!

Victor Hugo

No seu 83.º anniversario, 26 de febreiro de 1885.

É hoje o 83.º anniversario do autor dos *Miseraveis* e da *Lenda dos Seculos*. Nós todos, que a esse ubere prodigioso que é o genio de Hugo anciosamente collámos os labios da nossa alma, inundando-a de consolações e alentos, de um mundo illimitado e radiosissimo das mais altas suggestões de intelligencia; nós todos, que temos a jorrar-nos perennemente pelo intimo, como inexgotavel fonte caudalosa dos mais puros e saciantes gosos, a memoria das suas biblias de ouro, e que nos seus enthusiasmos nos alamos, e estremecemos nas suas indignações, e cantamos nos seus lyrismos, e abarcamos e contemplamos o universo no seu immenso abraço pantheista, e respiramos a pulmões plenos no vasto horizonte do seu genio epico; nós todos, que temos latejado ao vigoroso impulso do seu grande coração humanitario, e que, mais que em meio da natureza do bom Deus, temos vivido, intensamente, violentamente, no absorventissimo paiz do sonho

e do ideal, creado por esse artista gigantesco: nós saudamos hoje, com toda a cor-dealidade e com todo o impeto de que somos susceptiveis, este anniversario do homem soberano, da miraculosa organização divina, cuja existencia tem sido uma tão deslumbrante e excepcional trajectoria de luz no firmamento do espirito!

Nós associamo-nos de todo o coração á vehemente revoada alta de saudações que de toda a parte a esta hora alveja o anniversario do poeta. A alma de Hugo domina o seculo, como um sublime céu profundo, ora tropejando e faiscando por sobre todas as fórmas da tyrannia, ora cobrindo com a benção do seu azul e dos seus astros— todos os desherdados, todas as victimas da prepotencia e da injustiça, e todas as faces da belleza e todas as culminações do ideal. De longe, essa alma tem vindo em torrentes, seculo abaixo, aqui escachoando e espumando em furia, além dilatando-se, limpida e serena, como um lago amplo, mas arrastando sempre, na levada irresistivel, o apaixonado entusiasmo dos espiritos e o fecundantissimo nateiro que ha-de refflorir e fructificar no dia esplendoroso de ámanhã.—Saudamos o venerando apostolo do Bello e do Amor, a sacrosanta e

paternal consciencia que preside á evolu-
ção progressiva do Homem, prendendo ao
pensamento a aza lyrica da fé, impulsionante,
altivola, religiosa, triumphadora. Do
seu coração e do seu cerebro tem golphado
uma enorme vitalidade rubra e impetuosa,
e, se a poesia do seculo prorompeu em
ondas d'esse espirito gigante, d'esse cora-
ção borhotoou a jorros o mais eloquente e
propulsivo ideal humanitario.

Saudamos o jubileu de Victor Hugo!

*

Na sua morte, 22 de maio de 1885.

11 da noite. Um telegramma da Havas
acaba de nos transmittir a noticia da morte
do poeta.

Extinguiu-se o maior vulto litterario do
seculo. Um immenso luto cobre a esta
hora o mundo intellectual, todos os cora-
ções elevados, todas as almas opprimidas
pela fatalidade e pelas prepotencias, — al-
mas de quem o autor dos *Miseraveis* foi o
mais devotado, o mais eloquente e o mais
poderoso defensor. A litteratura perdeu o
seu grande Mestre, o espirito supremo que,
no estadio de quasi um seculo, fôra o seu

venerando representante e o seu ensinamento mais fecundo, o legionario em chefe, portador augusto do lábaro do ideal, marchando á frente de todos e de tudo, invencível, sobrenatural, sublime, envolto n'uma photosphera de genio e de gloria, avultando para lá da vanguarda, como a columna de fogo, de que nos falla a Biblia.

Victor Hugo opulentou soberbamente a lingua franceza, inundando-a de todo um diluvio de novas formulas, rasgando-lhe os mais amplos horisontes, volvendo o triste dictionario raciniano — essa mumia — no lexicon grandioso e viventissimo em que os escriptores modernos talham os perfis da ideia. Ao mesmo tempo que o rhetorico genial que havia em Hugo dava á linguagem a mais surprehendente malleabilidade e largueza, facultando-lhe uma força de expressão que nenhuma outra litteratura ainda vira, o seu incomparavel poder de artista creador espatifava inappellavelmente, para sempre, os tacanhos moldes em que um tropego classicismo vinha reeditando pela millesima vez, n'um dessoramento pelintra, as tragedias de Racine, de Crébillon e Voltaire, e os lyrismos preciosos do seculo xviii. As *Orientees*, o *Hernani*, o *Cromwell* com o seu celebre prefacio —

as taboas da lei do Romantismo — rompiam em triumpho, magnificos de genio e de audacia, nos arraiaes dos velhos eunuchos, produzindo furiosas tempestades de indignação e de escandalo, reviravoltando absolutamente a ordem, subvertendo tudo, reformando tudo, recrutando um valoroso exercito de revolucionarios esplendidos de talento e mocidade, que passavam, trajos flammantes e juba ao vento, através do horror das mumias e da estupefacção dos philisteus. No theatro, ás primeiras representações do *Hernani*, feriam-se encarniçadas batalhas, em que os hercules da legião dissidente — Gautier e Dumas — experimentavam, a murro, quanto os pelados cacos do classicismo decrepito soavam tristemente a occo.

Sabe-se da intervenção de Victor Hugo na politica militante, e de como o realista, que elle era, por sua mãe, e o entusiasta, que succedeu, de Napoleão, se transformaram no mais radical e ardente e vigoroso propugnador do direito e da liberdade. Ao golpe de Estado de Luiz Napoleão, Victor Hugo, e com elle a mais pura *élite* intellectual da França, protestou nobremente e heroicamente, do alto da tribuna e das barricadas, stygmatisando o crime, sacri-

ficando a vida á consciencia, affrontando as balas dos assassinos da republica, e, já no exilio, em Guernesey, o poeta vibrou sobre o vilipendio da patria esses dois divinos feixes de raios, que se chamam os *Châtiments* e o *Napoléon le Petit*, os dois livros mais fulminadores e mais admiraveis que a indignação fraguou ainda,—terriveis mantos de fogo que arderão eternamente, historia em fóra, suppliciano, corroendo, calcinando a odiosa carcassa do segundo imperio!

Datam do exilio as obras capitaes de Victor Hugo,—estes monumentos: os *Castigos*, a *Lenda dos Seculos*, os *Miseraveis*, as *Contemplações*. Do fundo do seu desterro, soltando o trovão da sua voz ou a branca aza alta do seu lyrismo através do oceano, em demanda carinhosa e paternal de todos os oppressos e de todos os visionarios, Victor Hugo assumia as proporções de um propheta e de um deus, e o seu prestigio irradiou intensamente pelo mundo. Ao baque do imperio, quando já em meio do tragico escalvramento da patria Victor Hugo reentrou em Paris, foi toda uma apotheose o acolhimento feito ao glorioso poeta. A breve trecho, era Paris sitiado, ás catastrophes da guerra da Alle-

manha succedia a desesperação tremenda, o nihilismo epileptico e incendiario da Comuna, e Victor Hugo registrava as espantosas calamidades da patria n'esse livro flagrante e fumegante—*l'Année terrible*.

Duas vezes divino—pelo genio e pela bondade,—a evasão d'esse immenso espirito enche-nos da mais cerrada noite e da mais profunda magua, e a nossa alma alaga-se de lagrimas, e, hem no intimo, nós ouvimos, convulsa, soluçando, a memoria abençoada e sublime das paginas do poeta...

Perante esse grande emmudecido, cujo espirito cumulou um seculo, perante esse colosso, reduzido agora ás estreitezas de um esquife, não ha mais que um epicedio condigno—é a dôr da humanidade inteira, que a esta hora inunda de lagrimas e de bençãos a sua memoria sacrosanta!

*

Na sua apotheose, —celebração na rotunda da Boavista, 31 de maio de 1885.

Celebrou-se a grande solemnidade. Comovidissimos, abalada a alma pela mais intensa trepidação nervosa, os olhos rasos

quanto que, esfumando-se na sombra, a multidão, copiosissima, se dispersava silênciosamente ao longe...

Theatro, epoca de 1884.

Tumultuou hontem no Baquet, magnificamente avultada por Ernesto Rossi, a monumental tragedia de Shakespeare—o *Othello*.

Aquella figura ardente do guerreiro africano, um vulcão de heroicidade selvagem e de amor feroz, asperrimamente forrado pelo odio,—indole violenta em que referve a lava do sol dos tropicos e em cuja alma as paixões rugem como feras n'um covil,—aquella imponente figura tragica era de força a tentar a enorme envergadura de aza do talento de Ernesto Rossi.

Potentissima tragedia o *Othello*! O quadro desdobra-se largamente, com um vigor supremo, a fundas pinceladas gigantescas, e ha n'elle todo o relevo de uma tela de Rembrandt, por onde a urna do

genio de Rubens despejasse uma caudal de sangue. Vêde o temperamento opulentissimo de Othello. É um grande incendio. É uma profunda fornalha accesa, onde as paixões violentamente crepitam, estalam, ardem. Lançae ali a polvora do ciume, e uma formidavel explosão rebenta. Othello, ciumento, é um tigre, um tigre zebrado por subitaneos assomos de uma ternura rebelde e impotente. Brame, espuma, arqueja n'um fremito bravio, estorce-se n'uma immensa contensão electrica, e arremessa-se com um terrivel impeto.

Iago! Que espantosa personificação da inveja e da perfidia! No admiravel dialogo do terceiro acto, como elle insinua penetrantemente a suspeita no coração de Othello, com que segurança elle mede o alcance do golpe, como elle negaceia infernalmente a calunnia, como a avança, como a furta, n'um vaivem e n'um jogo diabolico, á feição da tempestade que se convulsa no animo da sua victima! Afinal, a serpente do ciume tem-se enroscado por toda a alma de Othello, e é ver escabujar o selvagem!

Á flôr d'este furioso mar cavado, por onde, como aspera rajada, passara o sopra envenenado da perfidia, vaga perdidamente soluçando, — mimoso e brando nenuphar

que o temporal desfolha,—a meiga, a dôce, a candida e tristissima Desdemona...

Impossivel — dizer o que foi Ernesto Rossi na representação do mouro de Veneza, dizermol-o a toda a altura das impressões que hontem nos revolucionaram, nos incenderam e nos subjugarão a alma! O papel, desde o terceiro acto, começa a prestar-se francamente para um trabalho de verdadeira imponencia. D'ahi por diante, é um crescendo tempestuosissimo de tragedia até á suprema peripecia — a morte. O dialogo de Othello com Desdemona, em que esta intercede por Cassio,—que surprehendente primor! O modo como Rossi avulta, a pouco e pouco,—nitidissimamente,—a cedencia das severas determinações do guerreiro aos encantos invenciveis da esposa! Ha um momento em que toda a colera e toda a severidade se teem já desvanecido, e elle escuta ainda, enlevado, absorto, a divina musica dos rogos de Desdemona, como que perdido pelo azul de uma alta embriaguez de amor... Depois, n'ess'outro dialogo do terceiro acto, o grande artista, lançado no coração do mouro o toxico da suspeita, exprime com um portentoso relevo aquella situação angustiosissima. A cobra do ciume estrangula-lhe

as palavras, que partem expluidas em rugidos, as mãos são garras — crispam-se-lhe, os olhos ressaltam-lhe das orbitas como leões rompendo das cavernas! O furor com que elle proprio em si revolve o mesmo punhal hervado que a perfidia lhe cravara, com que elle espreme o hediondo tumor que é a alma de Iago, até que saia de lá todo o negro carnegão da calumnia! Assim convicto de que é um ludibrio, de que é um coração infamemente vilipendiado, Othello é um turbilhão de raiva, de desespero, de selvageria. E as feras bramem e estridem na sua voz tremenda, e saltam nos seus impetos de tigre!

O dialogo do quarto acto com Desdemona é de uma execução pujantissima. No desempenho de Ernesto Rossi agita-se todo um oceano de furia arremessando-se para a immaculada consciencia de Desdemona como um desenfreado tropel de vagas para um azul sem mancha. Os astros brilham, tremulos, pela altura, e ás vezes, na rapida crista de uma onda, passa como a velleidade de uma fugidia lagrima de luz... Othello increpa brutalmente Desdemona, repelle-a, prostra-a, affronta-a com os mais aviltantes insultos, mas, confundida n'esta feroz descarga de projectis de

lama, a espaços a lava do amor fulgura ainda e na luz, de que rutilam os olhos do ciumento, chora o humido lampejo de um revoltado e largo mar de pranto!

O ultimo acto—um assombro! É tudo prodigioso, desde a rude lucta íntima que precede o assassinio até ao ponto em que —reconhecendo-se traído por Iago—Othello, prostrado, aniquilado, louco, a alma esfarrapada em estertores de leão moribundo, confoge desvairadamente ao suicidio. Os espectadores assistiram, empolgados pelo talento do artista, a esta situação dilacerante, e, quando o yatagan faiscou subito pelo pescoço do mouro, um surdo fremito de horror soou por toda a sala!

*

Hamlet é o personagem shakespeareano de mais ampla representação da alma. Nada mais complexo, mais contraditorio, mais refractario á analyse, mais funda e insondavelmente humano do que essa absorventissima figura a quem a duvida revolve,—esse vago perfil sombrio, tragico, desvairado, cambaleando sobre a ruina rasa das suas illusões, varrido por um grande vento

de loucura, arrebatado agora por um negro corcel indomito de febre e de vingança, logo retido na quietude fremente da eterna hesitação, n'um eterno e torsionario e paralyzante sonho. — Sonho que por vezes colla anciosamente os labios á ideia de morte, como ao generoso ubere nocturno d'onde mana a onda larga do esquecimento e do repouso absoluto!

Qual de nós, ao lér a tragedia-abysmo de Shakespeare, não tem visto essas paginas agitarem-se ao *je ne sais quoi d'effaré et de terrible*, de que falla o gigante dos *Miseraveis*? Qual de nós se não tem, assim, sonhado á bocca de uma cisterna cheia de noite, cavada e tenebrosa como a propria alma, d'onde, se a meditação lá desce, volta, como um phosphorescente e estranho balde, a trashedar da nossa mesma essencia? A quem a espada de Hamlet não tem, de banda a banda, varado a alma? Quem, ao folhear o *Hamlet*, não sente que uma invencivel garra lhe despedaça os fechos d'esta biblia que todos nós guardamos no intimo, e lh'a devassa cruamente, escholiando-lhe, annotando-lhe, commentando-lhe, de nervosas gargalhadas ou de lagrimas amargas, o texto complicadissimo, torcido, riscado, submerso em mil horrões

e todo enrodilhado de entrelinhas, que nos tumultua a dentro da consciencia?... .

Hamlet é a alma transcendente, a alma abstracta e visionaria, a quem uma atrocidade monstruosa escurenta, a quem o vendaval do crime subverte e arrebatava n'um turbilhão e n'um desvairamento. Quando a realidade assim lhe rompe brutalmente no espirito, quando ella vae sacudir, despertar n'um grande abalo essa nobre, melancolica e nevoenta organização de sonhador, uma intensa vertigem se apodera subitamente de Hamlet. Faz-se a noite n'aquelle espirito, onde paira o anjo das supremas desolações, estendendo sobre tudo a sua aza entenebrecedora, envenenando tudo, transfigurando tudo n'uma feroz retina pessimista. O mundo é uma enorme sentina atulhada pelo vicio e pelo crime. Nenhuma alma que não seja uma floresta escura, povoada de attentados como feras. O amor é uma burla, a honra é uma burla, a consciencia é uma burla. Elle mesmo, Hamlet, o immaculado, o justiceiro, o que é elle mais do que um presidio de forçados? — O desespero anda lá por dentro a roer-lhe a ossada dos sentimentos mais puros e mais sagrados. — O genio de vingança, em Hamlet, é um espectro formidando,

mas irresoluvel, nutante, imbelle, a quem tudo entrava, a quem tudo é pretexto para a dilação da tremenda desforra. Dir-se-hia que é de Hamlet que Hamlet se vinga, taes são os conflictos que lhe tempestuam no cerebro, sem um resfolego decisivo, sem que a ponta de um punhal ou de uma espada lhe force uma valvula e lhe rompa uma cratera. Oh! antes o suicidio!... A morte... Quem sabe o que ha para além da morte? Quem sabe a que regiões nos leva essa horrifica viagem, de que ninguem voltou ainda?... E a hesitação subsiste, omnimoda, pertinaz, febril, convulsa, esvoaçando-se perdidamente como ave estonteadada e ferida. Em vão forceja a vingança por a reduzir á inercia: ella estremece eternamente n'essa misera alma tumultuaria!

Entretanto, Hamlet, pallido, allucinado, errante, vae simulando — elle! — sinistramente a loucura, avelando a mascara á *mascara*, ludibrio tragico de si proprio, n'uma perpetua lucta angustiadissima, até que emfim a fatalidade o vinga e o adormece na calma imperturbavel da morte.

O *Hamlet* é uma espantosa tempestade sob um craneo, é um tratado immenso da mais viva e penetrantè psychologia, jazigo de uma inexgotavel opulencia para todos

os mineiros da alma humana. Tragedia do pensamento cohabitante com o cadaver da vontade,—tragedia agitando-se e cavando-se, com um terrivel paroxysmo de eloquencia, n'uma linguagem profunda e tormentosa como um tenebroso, convulsionado e illimitado mar! E é como um relampago illuminando a noite que uma alta moralidade, por fim, refulge, quando, ao phantasma de Hamlet moribundo, se contrapõe o resurgir ovante de Fortinbras — o heroe da acção,—que volta da campanha ruidosamente em festa, os tambores estrepitantes de triumpho, a bandeira desfraldada victoriosamente ao vento!

*

No theatro de S. João, o *Shylock*, pela companhia Rossi.

Essa poderosissima comedia, uma das obras mais notaveis do autor do *Hamlet*, foi, por parte de Ernesto Rossi, vivida com uma intensidade magnifica.

A crueldade e a sordidez do velho israelita, qualidades que são como a corrosiva desforra de uma raça inteira, esmagada na prensa do desprezo e das sevicias mais atrozes ao través dos seculos,—Er-

nesto Rossi realisou-as admiravelmente, e a sua larga physionomia expressiva, — fe-roz, pertinaz, febricitante, — escorria o ne-gro jorro que horbotoava da alma do ju-deu, torcida violentamente pela rapacidade e pelo odio.

Shylock é um dos caracteres mais ca-vados de toda a galeria humana de Sha-kespeare. N'aquelle fundo coração tene-broso, onde o rancor se acaçapa, saltando, por vezes, sanguinario como um tigre, está premda e amassada a alma de toda uma raça forte, que, escarnecida, acossada, mar-tyrisada, se recolhe aos antros, e ali, como n'um laboratorio infernal, se aferra á al-chimia da vingança, metallizando tenaz-mente o seu odio, lançando na caldeira a escoria da miseria e do vicio que vão ha-ter-lhe á porta, e reduzindo a escachoante e fetida mixordia a esta rija condensação victoriosa — o ouro, o ouro rutilante e vin-gador, que tudo compra, que tudo avilta, que tudo acalcanha e anniquila!

Um enorme relevo aquelle com que o poeta esculpiu essa rude physionomia he-braica!

O talento de Rossi encarnou-a integral-mente. — Proferidas pelo grande artista, como vibram essas eloquentes phrases de

Shakespeare, de uma presa leonina, que, de um lance, arrepanham todo um caracter e o escancaram fumegante!

*

Para caracterisar o trabalho de Ernesto Rossi n'essa formidavel tragedia, o *Rei Lear*, cuja terrivel grandiosidade hombreia com a estatura gigantesca de Eschylo, uma palavra, só, nos rompe do espirito, como uma saudação vibrantissima:—*sublime!*

Aquillo estonteia, aquillo é excessivo, magnifico, soberanamente bello. O personagem epico de Shakespeare, escorraçado do solar das filhas a quem cumulara de beneficios, rasgada a alma de ingratições, precipitado n'uma tragica loucura que vae tempestuando, em trajos carnavalescos, ao rutilar dos relampagos e ao rolar dos trovões, pelas escarpas dos montes, pelas cristas dos fragedos e pelas desertas *falaises*, essa victima de uma fatalidade tremenda, que, acolhida ao supremo asylo cariciosissimo do coração de Cordelia—a filha a quem elle desherdara e amaldiçoara,—vê esta mesma acolheita brutalmente extincta pela morte: o rei Lear teve uma en-

carnação profunda, magistral, perfeita, no culminante artista.

No final do sarau, uma grande tempestade de aclamações e de palmas se desencadeou febricitante e vehementissima, áquelle extraordinario esforço de talento.

Uma actriz muito distincta, Mlle Belli-Blanes, interpretou de uma adoravel fórma o papel de Cordelia — essa divina Antigone christã, essa alma verdadeiramente celeste em que brilham com tanta limpidez todos os astros da bondade, esse purissimo coração fraguado em meio de uma negra forja de monstruosidades e horrores pelo Vulcano dos forjadores da alma, esse prodigio que, na phrase de Hugo, se libra, alado e radioso, como o anjo que fluctua ao cimo da Giralda de Sevilha, por sobre as cumiadas d'aquella sombria torre de pavorosas atrocidades!

*

Que aurora cantante de mocidade, que poema vibrantissimo de amor—esse eterno *Romeu e Julieta*, e como, á sua dôce voz maguada, o nosso coração divinamente se abre, e d'elle surgem, e se alevantam, como

de um Campo Santo, as mais caras e alvas visões da nossa vida!

É a tragedia do amor, o amor imenso e triumphante que nos exalta n'um raptó supremo a alma, e nos transforma o peito n'um receptaculo offegante de mil vidas. Esse amor, potentissimo, rompe do amago ardente do odio, com uma candidez e um alvoroço de pomba libertando-se de um ninho aspero de viboras, e ascende, e paira enlevadamente pelos ares, expandido e luminoso como uma grande flór celeste!...

.....

*

A *Morte civil*, de Giacometti, é um drama defeituosissimo, onde rasgadamente a inverosimilhança triumphá; tem, no entanto, lançado com uma energia notavel o character do protogonista, ao qual se sacrificou tudo, ou quasi tudo o mais, como de ordinario acontece nas peças expressamente escriptas para, com todo o relevo, avultar o talento de um executante poderoso. É impossivel sobrepujar a crueldade com que o miserrimo Corrado (o protogonista — Rossi) foi tratado por Giacometti. Tudo o que uma grande alma ardente póde soffrer

mais pungitivo, mais atroz, mais horrivel, tudo isso retalhou a alma d'aquella victima do melodrama tragico. Esse amplo coração é pertinazmente e encarniçadamente esmagado ao longo de quatro actos que, interpretados por Ernesto Rossi, nos ficam avassallando como um enorme pesadello.

Corrado apparece no segundo acto, — exausto de forças, torvo, livido, macilento; vem de um carcere, foragido, em demanda de sua mulher e de sua filha. Desde então até que o triste condemnado succumbe ao excesso de soffrimentos, abundam situações de uma suprema violencia, que o artista realisou de um modo verdadeiramente deslumbrador. Com que paroxysmo de valentia é feita a descripção do assassinio commettido por Corrado! A scena do conflicto movimenta-se com um espantoso arranque d'alma, e quando o assassino cresce para a imaginaria victima e lhe crava ferozmente o punhal, tem tal impeto o avanço e vibra de maneira tal a mão crispada, que uma lamina de punhal lampeja e uma arrípiante vibora de frio nos colleia subito pela espinha!

Depois, que vigorosa e accidentada gamma de sentimentos pujantemente expressos! O amor conjugal que se julga in-

famemente ludibriado, o amor paterno esvoaçando anciosamente e perdidamente no vacuo, o revolver fundo e implacavel do remorso, o acabrunhamento de um dilatado e anniquilante infortunio, a revelação abrupta de que esse amor não é um ludibrio, de que esse vôo anciadissimo não é o vaguear de uma chimera—como tudo, na expressão do artista, é magnifico de força, de eloquencia, de plenitude!

A verdade com que é traduzida a morte, e com que harmonia, com que celeste e ineffavel concerto a dulcissima onda de amor que de repente banhó aquelle vasto coração sequioso se diffunde e se confunde na paz absoluta do Nirwana, como n'um immenso oceano!

*

Chronica de inverno

Dia brumoso e chuvisquento—um scenario perfeitamente a caracter para esta abominavel ante-sala do inverno. Um breve pateo todo assoalhado—o verão de S. Mar-

tinho,— e eis-nos entrados no encharcado salão de espera, d'onde immergiremos rapido no sombrio casarão hyemal, desmantelado e batido de toda a furia dos vendavaes, como o lendario *manoir de Corbus*. Cortez e pressuroso, o sol, como se o tivera esquecido, voltou ha dias fugidamente a despedir-se, e, por um cruel contraste, por uma d'estas enormes ironias do bom Deus, é no proprio limiar dos aguaceiros e das tormentas que elle resurge o mais caricioso e o mais fulvo dos soes no azul mais profundo e mais immaculado! Assim, é quasi sem transição e sem crepusculo que vamos resvalar á noite, e que faremos o trajecto aspero do inverno, como n'um longo tunnel tenebroso e gottejante. Mas —por Deus!—que um dia havemos de irromper em plena luz e em plena festa, á saudação enthusiasica da natureza em flôr, do céu azul, do chilrear vibrantissimo das aves,—caindo nos braços da primavera amante, cingindo-nos do immenso abraço da primavera rediviva!

Agora, a natureza enclausura-se. De expansiva e hilariante que ella fôra, tornou-se ferozmente recolhida, carrancuda, impenetravel, desapareceu a còr, encalvereram as arvores, a luz rutilante voltou-se

n'um livor de morte, expiraram as flôres, vão já longe as avesinhas:—adeus, azas! adeus, cantos! adeus, perfumes! Logar ás barbaras legiões do inverno! O homem, escorraçado para dentro de si mesmo, substitue á larga vida exterior, que o absorvera, uma intima e condensada existencia, de um goso mais subtil e mais consciente, haurido no livro, na musica, no convivio, na palestra ao recanto do fogão, entre espiritos amaveis, no recolhimento da noite, no aconchego familiar do ambiente, avivando as cinzas, que se apagam, revolvendo a memoria, que se reaccende,—essa adoravel palestra, que suggeriu aos irmãos Goncourt uma das suas mais penetrantes e maravilhosas paginas.

Não faltam, pois, antidotos do enjôo n'esta rude travessia do inverno. Musica—nem a Patti, nem o Masini, certamente, mas em summa eis ahi aberto o theatro de S. João com uma companhia em que, se não abundam as gargantas de ouro, tambem não rareia o timbre dos metaes preciosos. Emigraram as andorinhas, vieram os tenores e as primas-donnas, todo um bando de aves que ahi acabam de chegar alvoroçadamente dos quatro pontos cardeaes para a elegante gaiola ouro e

purpura da praça da Batalha. Está, emfim, povoado o viveiro onde vae desferir-se em trillos e em volatas a bella alma alada e sonora dos maestros, pela voz mais ou menos fidedigna d'essas aves exoticas, que, hoje em dia, nós achamos quasi sempre bonacheironamente uma delicia,—que o em- prezario, hoje como hontem, reputa invariavelmente uma cambada mercenaria, da mais impertinente especie. — Antigos tempos do theatro de S. João! Pateadas como terramotos, encarniçadas e rudes batalhas entre a plateia e palco e camarotes, a ponto que os mimosos e mellifluos cantores abalavam não raro d'aqui para a Italia tomados de um verdadeiro panico! Era como se voltassem da Scythia á velha *urbs*, nos tempos de Attila e de Theodosio. Recolhiam do paiz dos hunos! Algumas noites, foi um cataclysmo. Alturas tantas, abruptamente, no Olympo— a quarta ordem de camarotes, — desencadeava-se a toda a volta uma trovada atroantissima que levantava na plateia uma explosão de indignações e protestos furibundos, um estridor de gritos e de rugidos, insultos como cacos de granaada furando e retalhando o ar— todo erriçado de bengalões brandidos e de punhos ferozmente cerrados. De cima choviam raios

e coriscos, sob a fórma de bancos e cadeiras, sobre a superior, sobre a geral, sobre o palco scenico. Era o fim do mundo! O panno vinha abaixo, debandava a orchestra, e nas duas plateias ia um temporal desfeito de murros, de imprecações, de lambadas, de bengaladas. Ficou lendario um tremendo murro que ali desabou uma noite sobre o impavido Zé Mano, um dos mais ardentes e denodados campeões das refregas sanjoaneiras. Foi realmente uma coisa homerica! A mão tombou e immediatamente — catrapuz! — Zé Mano vae rondando a terra, enfiando pela coxia abaixo, como que fulminado. Subito, ouve-se um brado entusiastico: — *Toque! Esse foi de mestre!* — Era o José Mano, amorphanhado e ennovellado no chão, estendendo lá do fundo a sua grande mão cordeal ao Ajax que o prostrara!

Mas a vehemencia era a mesma na *execução* e na apothese. Não havia meio termo. Temperamentos excessivos, muito sangue e muita seiva, uma estonteante bebedeira de vida, uma esplendida mocidade generosa, entusiasta e irrefreavel. Ou isto ou o senil commedimento dos rapazes de hoje, tão constitucionalmente dessorados, tão burocraticamente pacatos e conselhei-

ros. De modo que a temporada lyrica de S. João é agora o que ha mais pacifico e mais monotono. A *season* alvorece finalmente, com a *Lucia*, e despontam velleidades de que ella venha a encerrar-se com a noite tragica de *Othello*. Todos os nossos votos e todos os nossos anceios vão n'esta bella expectativa. Com effeito, na partitura de Verdi—o formidavel agitador da paixão e o potentissimo pulso dramatico,—a tempestade e o turbilhão de *Othello* devem rebramir com um fragor sublime! Eis ahi o verdista impenitente—dirá quem nos conheça. *Me adsum*. É um réo confesso e irremediavel quem lhes falla. Não um exclusivista, no entanto,—folguem os germanistas. Ah! o genio triumpho de todas as diversidades, de todas as antipathias e antagonismos ethnicos, e por mais caracterizada e radical que seja a nossa organização de latinos, por mais inabalavel o nosso orgulho de meridionaes, atreitos á paixão, perdidamente amorosos da obra de arte em que a intima vibração da nossa raça, ardente, dramatica, impetuosa, se produza no seu maximo de pureza e valentia, o genio é o universal, o eterno victorioso, porque elle é, em toda a parte e em todos os tempos, o grande represen-

tante do que em nós existe, e subsiste, menos mudavel e mais profundamente humano. Beethoven e Mozart, como Rossini e como Verdi, alagam-nos a alma de maravilhas, dilatando-a n'esta expansão enorme que é a supremacia do goso esthetico. Entumecem-na como a um aerostato prodigiosamente altivolo, que vae ancioso por esses ares, todo alado de harmonias, imponderavel no alvoroço e na depuração absoluta da sua espiritualidade, perdida a visão da terra, pairando alto no ideal!

Musica de camara

A musica, pelo seu enorme poder de absorpção, tem alguma coisa da famosa *pieuvre* de Victor Hugo. Ella é a sonora esponja de que a nossa alma é a subtilissima agua. Aspira-nos, sorve-nos, absorve-nos, apodera-se inteiramente e absolutamente de nós, por fórma tal que o nosso espirito não é mais que um sonho extatico boiando pelo oceano dos sons...

Assim nos succedeu na assistencia ao concerto da Sociedade de musica de camara. Abriu-o, aureamente, Mendelssohn, com o 1.º tempo do 1.º quintetto, tão gracioso e nitido, e com o adagio e lento do 2.º quintetto, composição culminantissima, repassada de um largo espraimento de melancolia. Sente-se, n'esse trecho, o doloroso aneio de uma alma, toda alvorçada de uma grande aspiração extra-terrestre, e que, retida por invencíveis liames, se debate e se contorce na angustia, agora levantando impetuosamente o vôo, para logo cair, exhausta, no desalento e na desesperação infinita. Algumas phrases são lamentos dilatadamente resonantes, appellos de agonia para as regiões do repouso absoluto, para a immensa paz imperturbavel do Nirwana.

O adagio do 2.º quintetto de Beethoven tem a religiosidade imponente e a profunda tristeza solemne de um psalmo. Escorre em caudaes de alma o talento d'esse gigantesco illuminado, e a nós pareceu-nos estar ouviudo-o nos penetraes de uma alta cathedral antiga, — ouvindo-o reboar pelas extensas arcarias, alongando-se gemente pelas sombrias naves...

Uma composição maravilhosa de senti-

mento e de caracter — o andante do 1.º quartetto de Tschaikowsky, um russo. É uma das paginas que mais nos impressionaram no concerto. Evoca-nos a Siberia, o *steppe*, a desolação da campina slava, o raso e vasto descampado sob a neve — mortalha immensa, na solidão glaciaria e silenciaria da noite... Uma tristissima toada, aos sons velados do violino, ouve-se a distancia, como o lamento de alguma pobre caravana errante... E, lentamente, vae a toada esvaindo-se, bruxoleando, estertorando, murmurio flebil de agonia, já quasi exanime, já quasi imperceptivel, dissolvendo-se vagamente no silencio, até de todo se perder ao longe na immensidade gelada e inappellavel!

Adagio do quartetto em lá maior, de Brahms. Um colloquio eloquente do piano com a rebeca, a violeta e o violoncello. Os instrumentos de corda abrem-se em lamentações de infinita magua, ora alternadas, ora simultaneas, com a voz do piano, que avulta, grave e severa, n'uma exhortação sacerdotal de varonil conforto. Grande musica, magnifica de largueza, de unção ideal, de qualidades suggestivas!

Pagina de Beethoven — o andante cantabile do quartetto para piano, violeta e

violoncello. N'esta composição sublime, a que, segundo a phrase de Anthero de Quental, poderia chamar-se a *rêverie* de um deus triste, ha um immenso elasterio de melancolia, que nos resóa profundamente pela alma. O poderoso philtro d'essa musica suspende-nos, alados, n'um alto enlevo, e as notas, estiradas, longas, passam-nos pelas cordas mais intimas e mais vibrantes do espirito, como em grandes arcaadas, a que a dôr acorda intensa, com uma transcendente volupia!

O *scherzo* do 5.º quartetto de Mendelssohn é uma producção eminentemente graciosa. As notas, precipitadas, lepidas, correm e saltitam n'uma alegria doida, como um bando jovialissimo de creanças; no final, umas phrases de córte um pouco aspero deram-nos a impressão de uma scena de *esturro* ameaçando pancadaria, em que de repente disparasse toda aquella adoravel festa dos *bébés*.

Executou-se, finalmente, o quintetto de Beethoven, para duas rebecas, duas violatas e violoncello. É prodigioso o que ha de riqueza melodica e de sciencia orchestral n'esta composição do grande artista. As ideias emergem n'uma affloração continua, transfigurando-se n'um sem numero de va-

riações, com uma opulencia de formulas, uma nitidez de contornos e uma elegancia verdadeiramente supremas!

Em meio de todo o nosso moirejar degradante de *reporters* pifios, de todas as rubricas repulsivas do nosso papel de Plutarchos de Prudhomme e de Suetonios da chronica policial, em meio de toda a nossa culinaria adjectivista ao serviço do Interesse famulento e da tímida Vaidade, — uma phrase de Camillo ou uma percepção interior de Stendhal, um verso de Hugo ou de Shakespeare constituiram sempre uma indemnisação soberba, paga n'um metal preciosissimo, em moeda de um timbre e de um lavor incomparaveis. — Ah! como é providencial para o nosso velho feitio de esthetico impenitente que haja ainda n'este immenso descampado raso e exausto de seiva, sovado do palmilhar das cafilas, e varrido por um vento de assolação e de peste ao commando de um Eolo estercorario, — que haja ainda, longe a longe,

a tenda hospitaleira e bem amada, a vitalisante e restauradora acolheita, onde o nosso espirito se dessedente e se repoise, n'um confugio de oasis! Como é dôce que haja ainda, no mar largo, a deliciosa ilha de verdura e de sombra, aonde vão de arribada, agua aberta, as nossas pobres almas desarvoradas, — carga plumbea de tédio e de ascedia e de cansaço, desoladas equipagens de naufragos que foram outr'ora, na Illusão antiga, a esplendida e cantante marinhagem dos nossos sonhos!

Natal

Veem passando os dias da consagração da familia. Acodem de toda a parte osromeiros do lar, e de alguns, que não chegam, porque o estorvo de obrigações ineluctaveis lh'o não permite, a alma envia adhesões ferventissimas a esta intima festa, que é uma profunda communhão de corações do mesmo sangue, de espiritos em que pulsa, e se derrama, e se enflora, e

fructifica, uma generosa seiva, haurida em terra irmã.

N'estes dias, a memoria santissima das mães reclama, onde quer que elles jazam, os corações que lhes pertencem: o nosso amor acorda, o nosso amor empluma-se, e o vôo ancioso, que elle solta, nada ha que possa resistir-lhe!

É a hora do recolher, estão de lado as fadigas asperas da vida, bateu Ave-Marias o nosso coração sonoro: é ás mães que n'estes dias absolutamente nos devemos. Em todas as direcções, bandos alvos de azas affluem n'uma convergencia ardente, cujo fremito ouvimos na revoada em que tambem nos vae a alma, e, se por desdita os nossos passos não alcançam ir com ella... — ó dôces mães, cujo amor ainda hoje nos embala! ó santos corações, que heis-de ser o nosso eterno berço!... — não é verdade que o nosso logar lá está, impreenchivel, na sua fidelidade antiga, — lá, na suavissima acolheita onde o Genio da familia hoje paira como immensa benção, onde a reminiscencia dos extinctos, a recordação immorredoura de todos os ausentes tem hoje a sua abundante ração á meza, no vosso insubstituivel convivio, na paz divina que junto de vós se aspira? E não é tam-

bem verdade, ó mães! que a nossa alma, a trasbordar de unção, será, bem que estejamos longe, uma das taças que o vosso amor sequiosamente busque?

Oh! na refeição sagrada que hoje se celebra, tão potentemente symbolica, de uma religiosidade tão pura, são as almas as verdadeiras taças em que a sêde se nos estanca! Todas ellas regorgitam, todas ellas se nutuam, inexgotaveis, scintillantes, hî-lariantes, repassando-nos de uma ineffavel embriaguez sem par, e de um prodigioso contentamento inegalavel! Todo o nosso ser frondeja, sublimado, n'uma expansão de vitalidade suprema, em cada individuo se concentra e se dilata o verbo colectivo de toda uma familia, os globulos do nosso sangue entôam n'uma levada impetuosa de enthusiasmo um grande hymno familiar, em que a voz, por mais longinqua, dos nossos ascendentes se diffunde com a voz d'aquelles que nos rodeiam e com a intensa commoção da nossa propria voz!

N'estes dias, uma communhão integral, uma consubstanciação absoluta congrega os corações amorosos, e dos tumulos, e das mais apartadas e impraticaveis distancias, ha uma grande evasão fervorosa de almas, contra a qual nem o espaço, nem

a morte, — estes formidaveis carcereiros, — nada podem e nada valem.

Porque só o Amor é valido, só o Amor é omnipotente!

Arvore do Natal

...Oh! era de vêr a anciedade com que vós, graciosissimos *bébés*, solicitaveis o sorteio d'essa grande cornucopia de joias que a generosa arvore tinha pendentes sobre os vossos desejos! Era de vêr o contentamento indizivel com que vós recebieis a dispersão d'essa admiravel joalheria pelas mãositas anciosas, trementes, supplicantes, das vossas ambições! Para a arvore, o impeto dos vossos desejos foi como um sopro de vendaval, — que todos os seus fructos tombaram. E emquanto, á noite, estas linhas correm, emquanto que, no tepido aconchego dos vossos ninhos e das vossas alcovas, vós saboreaes a formosissima colheita que fizestes, a arvore, sem duvida, está contando ás estrellas, que do

alto a escutam, radiantes, a deliciosa aventura inolvidavel que passou comvosco—ó adoraveis bugigangas da vida, que povoaes a eterna arvore de Natal das nossas mais puras e férvidas esperanças e dos nossos mais santos contentamentos!

O inverno

Chegou, com a sua ruidosissima comitiva. Annunciara-o uma rispida ventania, como um bando insolente de arautos de armas, que por toda a parte e de toda a fórma diffundiram estridorosamente o aviso.

Vae pelo espaço uma serenata grandiosa! A atmosphaera desloca-se brutalmente, em vagalhões immensos, e as linhas do telephone, que nos passam na visinhança, resôam, como um violão do vento!

Grande maestro, compositor prodigioso—o Inverno! É ouvir como a partitura se desencadeia. De todos os lados surgem executantes—do seio do espaço, da escarpia dos montes, dos altos campanarios

resonantes, das arvores, das ruas, das betesgas, dos edificios, e da amplidão do mar, que fornece um exercito innumeravel de symphonistas nas suas ondas e nas suas vagas. E emquanto os contrabassos do vendaval espraíam na immensidão as suas profundas arcadas, agitam-se nervosamente e sonoramente os braços das arvores, a chuva tymbaleia rijo na calçada, ha vibrações de trompa e de violino pelas ruas e pelas frestas, zunidos que são arias, e largas peças concertantes de uma incomparavel grandeza!

*

A um parenthesis ridentissimo de primavera, succedeu novamente o inverno, fustigando-nos em rijos desencadeamentos de vento e chuva. Mal tivera tempo a boa mãe Cybele de restabelecer-se do seu profundo abalo dilacerante. Ella fôra, longos dias, como uma cabeça immensa atropelada através do espaço por todas as patas do temporal, que resfolegava nas esfusias do vento, despedindo relampagos na carreira vertiginosa.

A pobre mãe Cybele! Por dias ella foi como uma cabeça de górgone terrível, vio-

lentamente sacudida e mordida n'um turbilhão de tempestades, agitando pelo ar as suas arvores convulsas, a sua enorme cabelleira arrepellada e tragica. Irmensul agachou-se, tremente, no amago dos troncos, amadryades fugiram desgrenhadamente em bando, espavoridas, faunos e sylvanos correram em desesperada grita pelos bosques, entanto que o temporal arrebatava vegetaes robustissimos, que tombavam, — gigantescas madeixas desarraigadas, — sobre o vasto craneo da terra. Algumas arvores, dilaceradas, resistiam, á maneira de soldados da velha guarda atravessando uma aspera campanha: assim o lendario olmo do jardim da Cordoaria, cujos ramos a tradição nos aponta ao longe como outros tantos braços estendidos a reclamar cada-veres!

Dias de paz divina succederam. A primavera infringiu piedosamente o seu horario, e veio de fugida, como dôce e solícita enfermeira, acudir á boa amiga desolada, e as suas graças passaram pela face do globo n'um suavissimo affago. Ia já a convalescença em meio, quando as hordas da invernã volveram subito de assalto, e a estas horas a pobre terra escabuja de novo, epilepticamente, a um temporal bravio, cu-

jos vendavaes arrancam pelo espaço, como fragorosos vagalhões de um oceano em furia!

*

Hontem, reinara um bello festival de luz. Do oriente ao occaso, em toda a ampla trajectoria, o sol se nos patenteou na sua esplendida nudez. Á noite, o arraial dos astros, sem tendas de campanha, inteiramente a descoberto, como que celebrava os ágapes da paz.

Senão quando, as legiões do temporal assomaram de improviso no horisonte e levaram de arremettida todo o céo. Tem sido uma cruel desforra. Bategas violentas estalam aspero na calçada, á maneira de chicotadas, emquanto a quadriga do vento vò a n'um desenfreio vertiginoso pela sua estrada infinita. De quando em quando, formidaveis relampagos, como grandes espadeiradas de luz, rasgam o ventre caliginoso das nuvens, d'onde o trovão irrompe. As arvores bracejam espavoridas n'uma ancia impotente de fuga, e a voz dos campanarios, levada pelo vento, resòa ao longe como um rebate profundamente doloroso...

Entretanto, á hora em que escrevemos,

alguns magotes de estrellas apparecem, aqui e além, a furto, e a Ursa Maior reside como um quadrado de valentes!

Quando a tempestade bata em retirada e o céu escampe, como as arvores, tremulas de jubilo, arraiadissimas de luz, n'um alvoroço de grato enthusiasmo, não offercerão impetuosamente ao sol a sua ramagem viridente, a gloriosa ramagem de que são entretecidas as corôas dos heroes!

Guerra Junqueiro

Foi bem dez dias antes de o expôrem nas livrarias, que nós lemos o primeiro volume da *Velhice do Padre Eterno*. Por um singular privilegio, um amigo nosso alcançara o livro, e immediatamente se combinou uma sessão de leitura, em meio de um grupo de rapazes entusiastas pelo grande poeta.

Imaginem a anciedade violenta em que a nossa alma referviria, quando, reunidos todos, faces radiantes, corações em festa,

á luz do gaz rompeu de um envolvero de gazetas o livro fulgurante de Junqueiro! Então, — hymno vibrantissimo de aves matinaes, — os nossos enthusiasmos expliuram n'uma girandola de saudações estrepitosas.

Glotões, passámos rapido á leitura. A nossa alma recolheu-se para aquella profunda communhão geral de um livro de genio. O leitor assumiu uns ares sacerdotaes de celebrante, e os primeiros versos, — a poesia *Aos simples*, — partiram em dôce e cantante revoadas. São a aurora do livro esses versos adoraveis, de uma sinceridade tão viva, de uma tal intensidade, uma largueza e exuberancia de lyrismo, que absolutamente nada, em toda a litteratura, conhecemos que os exceda. O poeta consagra o seu amor supremo e a sua immensa veneração, — em grandes versos, que ajoelham, — ás boas almas crentes, aos corações singelos onde mora um Deus de paz e de misericordia infinita, ás mães em cujo amor sem fim raiou a alva da nossa infancia, ás santas mães que, por nós, a colher o orvalho celestial da graça, elevaram o lyrio branco e virginal da prece, ás mães piedosas que o berço onde embarcámos para a viagem da vida o povoaram de can-

ticos, e o embalaram, invocando anciosamente o nome de Maria, porque assim também, e sempre, as ondas nos embalassem, áquelles em cuja vida a crença desabrocha como a rosa sobre a haste arripiada de espinhos, a todos os lamentaveis, a todos os condemnados da fatalidade, para cujas feridas só em Deus ha balsamos, para cujo tragico infortunio só nas chagas de Jesus ha labios que murmurem palavras de conforto!

Aos tremulos velhinhos, quem lhes hade arrancar a visão resplandecente de além-campa, se essa luz, para elles, é como uma creança que na estrada vae guiando um cego pela mão? Ah! roubar-lhes essa crença e esse norte derradeiro, o mesmo fôra que roubar a uma mendiga as tres achas que leva á noite para o lar!

E assim vae o poeta n'esta corrente larga e sacrosanta de amor — Nilo immenso de piedade rompendo em ondas de um coração gigante, cantando e reverberando na esplendida levada as mais suaves e orvalhadas recordações da infancia, as mais dôces e as mais divinas suggestões do espirito. A poesia *Aos simples* é o coração do livro de Junqueiro, coração robusto e rubro e fumegante, expellindo uma caudal

inexaurível de sangue de Hercules que circula e vagalhôa por toda a obra, roborando-a, acerando-a, electrizando-a. Porque é d'ahi, d'essa grande e alta fonte, d'esse ubere magnanimo de amor e de justiça altissima, é d'essa culminante consagração da crença e do ideal que parte rectamente a substancia que além se volve na lava da indignação e na fustigante espuma do sarcasmo, e a espaços confoge torrentuosa a converter-se no sangue arterial da sua primitiva essencia. É vêr o poeta na flagellação de Judas, no avergoamento implacavel dos phariseus, no escorço de todos os vendilhões do templo, como o seu genio é um silvo de gaiato sublime, como elle é um tagante de cem latigos contra as traficancias simoniacas, contra a deshumanisação clerical, contra todas as depravações ecclesiasticas que exploram a arca do pobre, que dão o inferno á esqualida miseria e vendem o paraizo ao milhão triumphante, que subvertem a paz da familia, que ennoitam o coração e a consciencia, e que, se o podessem, um dia supprimiriam o immenso céo constellado e baixariam sobre a face do globo um tenebroso e pavoroso capuz de monge. Não ha nada, não ha versos, não

ha poema, esquadrihem-se todos os livros, revolvam-se todas as litteraturas, onde estale o sarcasmo de um modo mais potente e fulminante. É a dynamite expluindo em gargalhadas. É o nihilismo alvejando á theocracia dissolvente que tem por Sibiria as calcinações do inferno, que tem por Kremlin os esplendores do Vaticano. Fundam-se os genios de Voltaire e Hugo ou de Voltaire e Juvenal, e ter-se-ha uma ideia proxima da satyra de Junqueiro. O sarcasmo é a nota predominante d'esse livro, como é a nota predominante do valoroso poeta. No livro canta o lyrismo, restruge a risada caustica e, como um vento do largo, passa o clangor da trombeta epica. Mas ha lyricos como Junqueiro e ha, como elle, quem tenha a intuição da enormidade sublime. O sarcasmo—ninguem assim o vibra!

Á magnifica symphonia de abertura *Aos simples*, succede *A vinha do Senhor*—uma allegoria portentosa de còr e de relevo, em que a perspectiva da Edade Media é posta em escorço com uma tal valentia de imagem, que, no percurso de umas quadras rapidas, relampagueia toda essa sinistra visào dantesca. Adiante, a *Semana santa*, uma satyra terrivel abrindo por uma

evocação de Voltaire, que é um dos trechos de poesia mais rutilantes que ainda lemos: essas paginas evocadoras não se escondem, ostentam-se, ante a apostrophe celeberrima de *Rolla*.—*O melro*, scintillante de arte, producção maravilhosa de um Michelet-*gavroche!*—*A valla commun* constitue por ventura as paginas mais opulentas e mais vertiginosas de imaginação poetica, que se teem escripto em lingua portugueza. Estupendo vigor de realisação! Os versos, — um soneto, — que fecham essa fiada de estrophes diamantinas, são de uma belleza verdadeiramente soberana!—Rompe *A sesta do abbade* pela assombrosa descripção de uma tarde torrida de agosto ardendo em plena aldeia, em que a um sol incendiario a terra tem o aspecto de um enorme rescaldo, em que os troncos crepitam e os braços das arvores se estorcem como atirados á fogueira, em que os montes espirram as urzes de entre as fragas, e o solo parece recozido como nas entranhas encadeadas de um forno. Depois d'esta pagina descriptiva, cuja intensidade e cujo arranque de imagens attingem os paroxysmos da expressão, vem outro quadro, de genero differente, não de merito inferior. É a descripção do interior

de um presbyterio, feita n'um diluvio de troça com um realismo flagrante, a breves traços de uma firmeza e uma vivacidade de representação inexcedíveis. — A *Circular* é uma das peças mais notáveis do volume. Originalíssima, de um magnifico poder satyrico. — Na galeria avulta ainda um soberbo retrato de Antonelli, uma agua-forte digna de Rembrandt. Esses alexandrinos de bronze, que lembram Tacito e Juvenal, teem o formidavel claro-escuro do grande mestre neerlandico.

Uma poesia epica, *Phantasmas*, encerra o livro.

O estylo da *Velhice do Padre Eterno* é um assombro! Os versos de Junqueiro abandonaram a fôrma esculptural que pompeia na *Morte de D. Juan*, mas ganharam em dextreza, em força, em eloquencia, aquillo que perderam em regularidade rythmica e tensão hieratica. Do fundo do seu templo pagão de alabastro e ouro, renegal-o-hia, talvez, o *pontifex maximus* do parnasianismo, Leconte de Lisle, mas o velho Hugo dos *Châtiments*, exultante, applaudiria. Mais elasticos e mais nervosos, os versos da *Velhice do Padre Eterno* constingem sempre triumphantemente a ideia, que se entrega, escrava submissa,

á discrição senhorial do poeta. Não ha phrase, em todas as cordas da linguagem, que dê uma nota debil. Esses versos foram todos fraguados n'uma forja potentissima e batidos herculeamente sobre a incude. Nenhum d'elles que não venha rútilo de pensamento! Por vezes succederá que, ao rebentar da imaginação excessiva e violenta do poeta, os preceitos do gosto se lamentem e vão corridos os refinamentos patricios e convencionaes da arte. Mas nunca o estylo de Junqueiro mordeu mais profundamente e encarniçadamente a ideia. Vêde — as phrases escorrem sangue! São como dentes de lebreus cravados n'uma carne planturosa! Nunca o seu poder de synthese foi tanto, nunca a intensidade das suas imagens teve uma tão grande magia evocativa!

Se nos perguntarem pela philosophia do livro, não responderemos como Eça de Queiroz: — «*A Velhice do Padre Eterno* é um martello de ouro batendo n'um cadaver». Não, o livro de combate que é o livro de Junqueiro tem, entre nós ao menos, uma justificação plenissima. Não se trata de um poema de philosophia transcendente, — estamos longe da especie a que pertence *A Justiça* de Sully-Prudhomme. Do que

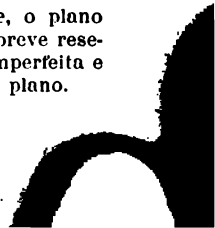
se trata é de um livro militante, — e é vêr a escandalosa farça a que elle visa e que ahí por toda a parte se escancára.

Talvez, em raros pontos, como na satyra a *Ladainha*, o autor cedesse a um voltaireanismo estreito, mas quantas paginas esplendentes de justiça, e que seiva viventissima de genio marulhando por todo o livro!

*

Vae entrar no prelo o segundo volume da *Velhice do Padre Eterno*. (1) É, como o primeiro, uma admiravel collecção de satyras, mas de um character mais largo, mais philosophico, investindo menos directamente e menos exclusivamente com as depravações e os desvirtuamentos do ideal christão na pratica ecclesiastica. De resto, a mesma violencia de imagens, o mesmo poder de sarcasmo, a mesma força de synthese na concepção e na realisação, a

(1) O poeta alterou depois, profundamente, o plano geral da sua obra. Cremos no entanto que a breve resenha que ahí fica, se bem que muitissimo imperfeita e deficiente, corresponde um pouco ao primitivo plano.



sos, cavernal-o, esponjial-o, e depois d'isto, depois de o carregar e abarrotar dos mais violentos e tremendos explosivos — fogo! atirar com a Creação ás ventas do Creador!

*

A Morte do Padre Eterno abre por um quadro epico imponente. Á bocca da noite, limpida, constellada, avulta no deserto uma estranha figura incerta de colosso, cujas fórmas, no vago do crepusculo, se esfumam em proporções illimitaveis. E assiste-se no expirar tranquillo do gigante, que se diria ter ido em busca da immensidão silente e solitaria, levado do pudor da morte... Do firmamento, uma dôce irradiação, purissima, de estrella, — extrema-uncção do infinito, — desce, e a face augusta do moribundo alaga-se de claridade, e lentamente as suas palpebras descahem, como se a estrella, piedosa, lh'as cerrasse... É morto o Padre Eterno. E o astro que veio ungil-o, — o mesmo que foi guia outr'ora dos reis magos, — lá vae seguindo no seu trajecto invariavel, nordeando o conscien-



cia humana para uma nova Bethlem, distante e radiosissima!

Entretanto, no céo enthronisa-se um Padre Eterno espurio, grotesco, histrião, miseravel. Vae por lá uma confusão doida, uma irremediavel e indescriptivel desordem. O firmamento está em ruinas. Ha brechas por toda a parte, as paredes escavadas bojam, os tectos abatem, e toda a enorme estructura cambaleia como um pardieiro ao vento. Oudas interminaveis de velhos ratos esguios e famintos passam desvairadamente em correrias pelas vastas quadras, enquanto as paredes se acobertam de pesadas teias de aranhões descommunes, immobilizados n'uma tristeza de morte, escuros e guedelhudos. Não ha dinheiro, as industrias não rendem, o negocio deu em pantana. O *Padre Eterno*, — fona como Harpagão, — aferrolhou a sete chaves os magros chavos que restavam no erario. Resôa um terrivel desconcerto de lamentos, de recriminações, de imprecações, de pragas. Espuma-se de furia epileptica no salão dos martyres. Nenhum d'elles, chegando ao firmamento, encontrou lá um cirurgião, um curandeiro, sequer um pouco de arnica ou um trapo de linho. Um, que fôra decapitado, forceja ha

seculos deante do espelho por ageitar a cabeça sobre os hombros. Os anjos fazem côro com os rebellados. Harpas e theorbas, descordoadas e escavacadas, estão a monte pelos cantos. As virgens — pobres desditosas! — esqueleticas, a cutis um velho pergaminho amarelento cingido aos ossos, restos de grinaldas resequidas sobre frentes descarnadas, a alma em vagos suspiros fundos, ellas caminham lentas, somnambulas, dôces, desoladas, n'um longo bando errante e ululante de espectros...

Finalmente, decrepito, exausto, cheio de tedio e de achaques, não vendo mais no firmamento que um enorme casarão de orates intoleravel, o *Padre Eterno* resolve-se a abandonal-o. Assim vem pedir hospitalidade á natureza. — Jámais! Uma repulsão absoluta se produz em todas as almas e se patenteia em toda a parte, mal que assoma a sua figura phantasmatica e sinistra. Á sua presença, os proprios rochedos teem como que o ar convulso de tantalos da fuga! Escorraçado, amaldiçoado, o *Padre Eterno* refugia-se, ao cair da noite, no seio de uma floresta virgem. Ali, a natureza, uberrima, respira profundamente e gigantescamente na penumbra. As aves cantam, os leões rugem, e espraia-se

pelo espaço a voz das arvores, n'uma vasta e interminavel resonancia vaga... E Jehovah, confiante, caminha... Subito, ha uma especie de surdo rebate por toda a selva. As alimarias emmudecem, o arvoredado agita-se n'um estremeçimento de horror e recua espavorido, e tudo rompe em tragica debandada — a debandada das grandes arvores, dos animaes, das rochas, das montanhas, que vão distanciando-se, distanciando-se em tórno ao sinistro foragido, abandonando-o ao centro de uma clareira cada vez mais ampla, olhando-o com um vago apavoramento instinctivo, atropellado-se na precipitação da fuga, afastando-se, afastando-se, até sumir-se, ao longe, sob a immensa maré da noite...

O firmamento, claro ha pouco, obumbra-se e agita-se n'um grande convulsionamento electrico, retalhado de gladios flammejantes, aturdido ao canhoneio dos trovões. E o *Padre Eterno*, então, succumbe, no desamparo absoluto, sob o anathema da natureza inteira!

á discrição senhorial do po
phrase, em todas as cordas de
que dê uma nota debil. Esses
todos fraguados n'uma forja
e batidos herculeamente sobr
Nenhum d'elles que não ven
pensamento! Por vezes succe
• rebentar da imaginação exce
lenta do poeta, os preceitos
lamentem e vão corridos os
patricios e convencionaes do
nunca o estylo de Junqueiro
profundamente e encarniçadan
Vêde — as phrases escorrem
como dentes de lebreus crã
carne planturosa! Nunca o
synthese foi tanto, nunca a in
suas imagens teve uma tão
evocativa!

Se nos perguntarem pe
do livro, não responderemo
Queiroz: — «*A Velhice do*
é um martello de ouro bate
ver». Não, o livro de com
vro de Junqueiro tem, entr
uma justificação plenissim
de um poema de philosophi
— estamos longe da espec
A Justiça de Sully-Prud

sinistro, na prostração que a roja e a anniquila, toda se illumina e dulcissimamente se unge de um ineffavel, sobrenatural sorriso em que a bemaventurança já se reflecte, de um sorriso—tal é a beatitude, o enlevo celeste, o divino extase—que das altas regiões da Luz piedosamente lhe desce, fazendo-a antegostar na vida a immensa paz indissolúvel da morte!... —A morte, a irmã co-eterna do amor, inviolavel refugio da ventura e do infortunio, integração suprema de repouso, misericordiosa redempção infinita de todas as penas e todas as agonias... Nunca mais! nunca mais! Olhae a outra face da medalha, e vereis, profundamente gravado: Sempre! sempre!...

Coquelin

«Un jour que le bon Dieu était très pressé et qu'il venait d'achever une fournée de mortels, il s'aperçut qu'il avait oublié de faire un comédien. Pour ne pas

perdre de temps, il recopia vite, vite la tête de Molière... » É assim que Théodore de Banville inicia o perfil de Coquelin nos seus *Camées Parisiens* — album de physionomias tracejadas em prosa que mede competencia de primores com as mais impecaveis harmonias rythmicas d'esse maravilhoso Brummell do Pindo. Mas, uma vez estabelecido o confronto com o autor das *Précieuses*, Banville subtilisa gongoricamente o conceito, de tal modo que o bom Deus, como quizesse adequar um nome á sua nova creatura, não achara outro que não fosse o de Coquelin, e se limitara apenas a trocar o P em C.

Continuas leituras de criticos eminentes, e de litteratos como o autor das *Odes Funambulescas*, accenderam em nós a curiosidade vivissima que honteni nos impelliu ao theatro Principe Real para apreciarmos *de visu* o celeberrimo artista, preconisado como talento em que a mais lucida consciencia se funde e se manifesta com a correccão mais consummada. Faltava-nos um artista da classe e da força de Coquelin para completarmos na exigida altura a educação theatral que tinhamos opulentado com Ernesto Rossi na traducção do Homem transcendente de Shakespeare. Que-

riamos admirar, ao mesmo nível por onde nos trouxe o grande artista italiano, a interpretação do Homem real, e isto nos levou hontem a vêr o brilhantissimo artista francez, que, a inferir do que temos lido, se encontra para o autor do *Misanthropo* n'uma proporcionalidade bem justa com Ernesto Rossi para o autor do *Hamlet*.

Viva Deus! Á nossa expectativa não podia deparar-se melhor exito. Acabamos de chegar do theatro com a alma saciada de arte, cheia de impressões plenamente gratas, com uma visão magnifica da sciencia de bem representar, de reproduzir um trecho de vida com uma fidelidade absoluta, quer nas suas linhas geraes, quer nos seus pormenores mais cambiantes e fugidios. Coquelin viveu maravilhosamente a encantadora comedia de Gondinet — *Um parisiense*. O valor do seu trabalho condensa-se n'um simples epitheto — *primoroso!* Com effeito, é impossivel realisar com mais justeza e com maior eloquencia todo o parisianismo, todos os desdens e dedicações, a mundaneidade e a superioridade do protogonista da comedia. O personagem teve em Coquelin uma interpretação soberba, á qual não faltou nenhum valor em toda a escala do gesto, á qual

não traiu nenhuma nota em toda a gamma da palavra. As expressões cordeaes ou desdenhosas, ambigüas ou precisas, delicadas ou energicas, suspensas de reticencias ou firmemente resolutas, suggeridas pelo amor, pelo despreso, pela indifferença, pela colera, produziram-se no eminente artista com um tal rigor de consciencia, com uma tal approximação da realidade, que não só dirieis o parisiense Brichanteau consubstanciado profundamente com o actor bolonhez, senão que, por momentos, se lhe vingara substituir a ponto, que toda a noção da individualidade de Coquelin se extinguiu no espirito do publico. Assim nos succedeu a nós tambem no ultimo acto, n'aquelle formosissimo dialogo, tão luminosamente representado, entre Brichanteau e Geneviève. Nada ha emphatico, nada ha declamatorio, brilho de lentejoula ou de pechisque, no talento de Coquelin. É o grande actor moderno, e é o artista probo por excellencia. Immensamente analytico e escrupuloso no estudo dos caracteres a exhibir, altamente simples, seguro, verdadeiro, na apresentação dos resultados do seu estudo.

Semana santa

Hoje, no limiar do periodo consagrado á tragedia do Calvario, á memoria da alma que mais alevantada e prestigiosamente se arvorou, em prol dos opprimidos, — nós vimos pedir misericordia para os pobres.

É a grande commemoração, o marco de perpetuação mais justo e mais indestruível da figura luminosissima de Christo — a caridade. A caridade é a exabundancia do amor, é a cordealidade que transcende a orbita commercial das affeições vulgares e, sem curar de reciprocidades, nem de compensações, se determina exclusivamente em presença da penuria e do infortunio. De certo, á philantropia absoluta da alma de Jesus Christo, a esse insondavel oceano de amor, que, a propria affronta recebida, a exsolvia divinamente de piedade, como a agua alaga a planta que tem sede, e a luz do sol inunda a face mendicante da terra, — de certo, a esse abysmo de misericordia infinita, não pudera deparar-se uma formula de representação mais ampla e mais pura que a mais nobre fórmula do amor — a caridade.

Dae de comer a quem tem fome! Dae

de beber a quem tem sêde! — Em qual de nós reside o imperio da perfeição absoluta, qual de nós, ainda n'essa esphera de relatividade facil que se chama independencia, possui em si abastança para todas as imposições, intrinsecas e extrinsecas, a que a fatalidade constrange? Qual é a alma, prodigiosa, a quem nada falte, qual o coração em que não arda a ancia de um ideal inintegravel, qual o espirito, por mais pleno, por mais calmo, em que não se agite, e se não cave, a insaciabilidade da ventura? — Quem é que não tem fome! Quem é que não tem sêde!

Mas, quando a penuria humana se apresenta sob a fórmula crua da miseria, quando ella é como a concretisação mais integra da immensa desventura a que todas as almas vergam, o amor, que a soccorra, desempenha uma função divina, e a consciencia, em que esse amor esplenda, é como um céu immaculado e radioso, onde o mesmo Deus habita!

Lividos poentes, já invadidos pela noite, — olhos dos pobres, dos tristes, dos lamentaveis! Brandões funereos fundindo em lagrimas, tochas de enterro — no saimento combalido e vagabundo... Vão os corações transidos de agonia, morreu a alegria

e morreu a esperança, vão as almas prostradas e exanimas... —lá dentro, no esphacelo e na desolação sinistra, ideias lugubres divagam, rastejando, como os vermes pela escuridão da cova...

Que o amor, a redemptora aza, venha de alto sobre essas grandes prostrações! Nós invocamos o coração sublime de Jesus e exoramos em favor da pobreza, cuja bocca famulenta se escancara, n'uma tantalisação terrível, diante do espectaculo da abastança. As igrejas onde mais importa commemorar a alma augusta do Nazareno são os casebres dismantelados e infectos da miseria, não aquellas onde, por entre nuvens de incenso, n'um vivo deslumbramento de opulencias, em meio de uma rasgada ostentação de pompas, impa a tímida rhetorica dos sermões comprados. Ide a esses antros, a esses casebres, que são os saguões para onde a sociedade arremessa, como escoria, todos os desherdados, todos os refractarios, todas as victimas, — pretae ahi ouvidos á verdadeira doutrina de Christo, celebrae ahi a grande missa do amor, e a moeda, por mais insignificante, que deixardes, é a hostia mais sagrada, o mais elevado symbolo que podeis erigir á memoria de Jesus!

S. João Baptista

Vão por toda a parte rutilantes e ruidosas festas ao Santo Precursor, que entre nós se celebram principalmente em grandes expansões de luz, de fogo e de cantares. É este o aspecto mais alegre e mais vivo de todos os do nosso culto religioso, e não ha fundo lavrar de magua ou desalento que não vá de vencida sob os prestigios d'essa noite deliciosa das orvalhadas, em que o terrivel Iaokananu do deserto se transfigura no gracioso e picaro pequerrucho que ahi anda esturdiando, foliando, cabriolando por cascatas e fogueiras.

N'este culto ao dilecto do seu agiologio, o nosso povo associa, talvez,—na sua rasa inconsciencia, mas tambem na pureza primitiva do seu instincto,—o jubileu resplandecente do Precursor á profunda e immemorial consagração do Fogo. Ha por ventura n'esta grande commemoração festiva o reverbero indistincto, longinquo, vago, mas inapagavel, do prodigioso alvoreço triumphal de regosijo com que a velha alma aryana, que ficou eternamente cantando no pantheismo do Rig-Veda, expluiu em hy-

mnos á apparição deslumbrante de Agni—
o deus radioso e fecundo, que fez descer o
sol sobre a terra, instituiu o lar, espiritua-
lisou, alou, robusteceu o Homem!

E assim é que as festas do Precursor
assumem para nós outros um caracter du-
plamente veneravel e sagrado, enraizando
n'essas duas grandes origens a immensa
religiosidade do seu symbolismo!

Hamilton de Araujo

Na alvorada de hontem (1), ao resurgir
do sol e á saudação das aves, quando a
vida acordava festivamente pela terra e pelo
azul profundo, morria um pobre irmão das
avesinhas e um cantor entusiasta da na-
tureza, extinguiu-se uma bella alma de
poeta em pleno coração e em plena mocid-
dade irradiante, a desventurada alma alada
e sonora de Hamilton de Araujo.

Uma tísica violenta abatia aos vinte an-

(1) 8 de agosto de 1888.

nos o desditoso poeta, em cujo peito a emoção raiava n'uma fulgurante expansão de lyrismo, e a clara madrugada vibrantissima, em que passou a revoada dos seus versos, resvalava de um rapido crepusculo de agonia á noite absoluta, á infindavel noite tragica da morte!

Meu pobre lyrico, meu bem-amado poeta! O alvor da manhã de hontem devia ser, para a tua desolada consciencia bruxoleante, como um alvor sinistro de mortalha, è o canto das avesinhas, se por ventura o ouviste ainda resoar lá fóra no esplendor e na alacridade intensa da madrugada, como elle iria eccoar tristemente na tua funerea alma cheia de noite, prestes a afundir-se na morte, enquanto o sol, radiosissimo, ia triumphalmente demandando a altura!

Foi n'uma symphonia e n'um clarão de alvorada que a tua edade aureal e a tua alma lyrica emmudeceram e se extinguiram... Caíam lagrimas do céo... E a tua coróa formosissima de poeta, ainda toda orvalhada e verdejante de mocidade, — n'um momento, abruptamente, desfolhou-se, toda resequida de morte!

Tauromachia

Hontem, uma delicia a tarde. Tarde serena de outono, dóce e luminosa, de uma placidez suavissima, de uma como resignada melancolia indecisa, em que parecia já presentir-se o receio das investidas asperas do inverno. Céu quasi todo escampado, — tenues, fugidias pinceladas de nuvens alvas estendendo-se n'um longo espreguiçamento pelo azul... Não era um céu domingueiro, absolutamente escanhado e limpido, um céu por onde houvesse passado em toda a vastidão da sua face a cortante navalha de uma aragem do norte. Era, no entanto, adoravel!

Quando passámos na ponte, caminho da arena e do povoado, foi para nós um encanto a paizagem do rio reluzente ao sol, e da cidade em amphitheatro cobrindo inteiramente a alta giba da ribanceira n'uma promiscuidade e n'uma agglomeração tumultuaria de claro-escuro ás manchas e de fórmias sem pittoresco e sem arte. De resto, em tudo aquillo, não sei bem que longinqua vibração ou que despontante reverbero das tristezas do outono, a estação crepuscular dolente, em que, parece, um

vago emmagrecimento ineffavel abate os contornos dos objectos e uma tísica immensa alastra pela natureza...

*

Não se faz ideia do enthusiasmo que a lide provocou. Eram as tres da tarde e já uma grande parte do amplo amphitheatro alastrava de uma turbamulta anciosa e barulhenta, que a pouco trecho crescia a ponto de regorgitar abundantemente e tumultuariamente da praça, rompendo em ameaças e protestos clamorosos junto ás portas e por todos os escalões revoltos, gritantes e pittorescos da archibancada. Ás portas, ondas e ondas de um povoleu torrentuoso n'um crescendo formidavel de maré espumando vociferações terriveis, refluindo em cargas cerradas de encontrão bravio, galgando os diques, afogando os janizaros da guarda, espraçando-se tempestuadamente pelos degraus da praça, n'uma inundaçãõ de assalto. O spectaculo deu-nos a viva impressãõ das mais famosas lides madrienas, e era verdadeiramente magnifico de ardor e de impeto, á approximaçãõ do aparato inicial da lucta!

Nós outros orgulhamo-nos de ser lati-

nos e á nossa idiosyncrasia não repugnam de nenhum modo estes rutilantes quadros agitados da vida, tão opulentos de movimento, de força, de coragem e de varonil dextreza, tão fulgurantes de còr, tão vertiginosos de linhas, em que a nossa alma de meridionaes authenticos profusamente se enreda e intensamente se emociona e se revolve. Assim, á mingua do velho coliseu romano, á ausencia do soberbo espectáculo de Nero *imperator* levado via em fóra olympicamente para o circo n'um carro marfim e ouro a uma quadriga rugidora de leões, — á propria contingencia de um commissario de policia ou de um administrador de Gaya subrogando-se no logar presidencial á figura historica de um Cesar; — o nosso espirito compraz-se na exhibição d'esses combates, em que ha o esplendor fulvo da intrepidez e sobretudo a grandiosidade que avulta sempre n'um largo trecho de vida collectiva effervescente e enthusiastica.

.....

Um justo

São o epitaphio de uma alma que veneramos — estas linhas dolorosas.

Em meio da baixa doblez dos caracteres, de todas as indecisões do coração e do espirito, de todos os scepticismos, de todas as relaxidões, de toda esta complexidade e cumplicidade de villanias, a espaço incidentando-se de fugidios lances de irregulares enthusiasmos; em meio de toda a febre, de toda a intriga, de toda a infamia, que tanto abundam n'estes tempos de decadência ou de transição furiosa, ao través dos quaes a humanidade rompe como em disputado e desesperado assalto, atropellando-se e dilacerando-se, á maneira de uma immensa multidão de feras: alguns caracteres e alguns espiritos se alevantam, integros, severos, incorruptiveis, seguindo para o dever como a flecha para o alvo, n'uma trajectoria inflexa, tanta vez negaceada e contrariada — em vão! — por sentimentos proprios ou por hostilidades alheias! Esses caracteres e esses espiritos teem ao menos o merecimento de constituir individualidades, cortadas como arestas de cristal de rocha; são consciencias que se fin-

cam, como postes inabalaveis; são fundidos em bronze, inteiriços, — inconsuteis, não feitos artificialmente de frangalhos, — e se, na fatalidade e na indeclinavel rectidão da sua carreira, elles vão esbarrar em algum obstaculo, resta-lhes a superior consolação de que attingiram o seu alvo, se venceram, ou de que, vencidos, absolutamente se lhe sacrificaram!

Como isto é nobre, como isto é elevado, nós veneramos a memoria de um grande desditoso, evadido para a acolheita da morte, depois de, por entre todas as contingencias de uma vida asperrima, ter mantido n'um alto hasteamento o branco pavilhão da honra — immaculado! Referimo-nos ao indio Hippolyto Cypriano Gomes (1), um bello coração e um forte e luminoso espirito. Era um virtuoso, um justo, contra quem nada pôde o fermento dissolventissimo da desgraça.

Hippolyto Gomes viera, havia muito, para o Porto. Antes, frequentara com distincção a Polytechnica de Lisboa, onde fôra condiscipulo de varios rufiões da fortuna que hoje occupam mirabolantes postos na bemaventurança burocratica. Intelligentis-

(1) Morreu em janeiro de 1884.

simo, de uma probidade extrema, faltavam-lhe, para triumphar, as qualidades, não raro complicadas de elementos reles, que vulgarmente se synthetizam sob a denominação de *senso pratico*. Era um homem de principios, vivendo continuamente na esphera das abstracções, mystico, visionario, metaphysico, impetuado enormemente por um temperamento de fanatico. Era um indio! — Valendo-se da sua aptidão, verdadeiramente notavel, para as mathematicas, vingou prover, — mal, — por largo tempo, á sua subsistencia. Prejudicava-o, como leccionista, a falta de nitidez pedagogica na exposição, — de amoldamento ao poder comprehensivo dos alumnos: levado de enthusiasmo pela sciencia, muitas vezes preleccionava como se dissertasse n'um congresso de sabios. Elle, porém, compensava sobejamente essa falta pela dedicação, pela tenacidade no trabalho, e aó excesso de fadigas deveu o pobre desventurado a enfermidade, uma tuberculose pulmonar, a que succumbiu. Ainda ha cerca de oito dias o vimos nós, — encanecido, cabisbaixo, as faces fundamente cavadas, os pés entumecidos. Caminhava morosamente; vinha de leccionar mathematica! Fallou-nos com uma tristeza pungentis-

simu; as palavras saíam-lhe como estertores, vagamente articuladas. Fallou de religião, de Deus, de Buddha,—e os olhos lampejavam-lhe com uma phosphorescencia estranha. Dir-se-hia que a ideia de Deus lhe rutilava do intimo, como um peuhor de redempção suprema de humilhações e de tormentos!

Oh! não mais humilhações, não mais tormentos! Descança, meu pobre professor. A lousa, que por ventura vá marcar o teu modestissimo jazigo, não terá formulas que não sejam as letras do teu nome sem macula,—um nome que aliás resume todo um grande problema, que tu resolveste á força de honra, á força de caracter, de superioridade moral e de talento!

Theatro

A conjuncção de uma peça superior, deslumbradora, com um desempenho perfeitamente condigno produziu aquelle extraordinario exito de commoção e de en-

thusiasmo a que esta noite assistimos, n'um enlevo.

De todas as producções theatraes de Dumas filho, que ainda vimos, é a *Denise* a que mais vivamente e satisfactoriamente nos impressiona, já pela intensa realidade humana, que a vibra, e pelas convulsões dramaticas, que a tempestuam, já tambem pelo engenho admiravel com que a acção arranca ao través d'aquelles quatro actos fulgurantes, colhendo na passagem toda a sorte de elementos para que a ideia fundamental se alevante com o maximo relevo e vença n'uma escalada impetuosa a consciencia do publico. A these, de um caracter justissimo, não reveste o feitiço de paradoxo a que é atreito o autor nas suas theorias sociaes, e tampouco a trama, em que ella se concretisa e desenvolve, tem a condicional dos recursos violentos, grosseiros, inverosimeis, que tantas vezes o dramaturgo applica ao desenvencilhamento de um entrecho mal calculado, e difficil, ou á producção de um grande effeito scenico. Assim, eminentemente sympathica e superiormente versada, como é, a ideia-mãe do ultimo drama de A. Dumas encrava-se fundo no coração das multidões. É bella, é alta a missão do theatro, toda a vez que

ella espalha os fecundos e santos ensinamentos, que raiam n'esse drama, e o publico abençõa a eloquentissima lição de moralidade, que o nobilitou e lavou nas proprias lagrimas — jorro de almas violentamente premidas e dilaceradas por uma garra poderosa de talento.

Nem o repertorio de Augier, nem o de Sardou, nos deparam producção dramatica tão penetrantemente impressiva como a *Denise* de Alexandre Dumas. Em geral, o theatro de Augier é mais regular, mais consciencioso, mais sã, quer no que respeite á ideia que elle propugne ou impugne, quer ainda em referencia á contextura méramente artistica. Sardou é o soberano architecto do entrecho, o manobrador habilissimo dos planos de acção complicados e profusos, mas no seu theatro ha mais movimento do que vida, menos jogo de alma que jogo de relojoaria, e hõa somma dos seus personagens, em logar de nervos e de sangue, teem apenas um mechanismo de fantoches. Preferimos Dumas, com todos os solavancos de arte, com todas as irregularidades e extravagancias que haja nas suas comedias e nos seus dramas, — preferimol-o, porque é mais vigoroso, porque elle actúa de um modo mais incisivo e de-

cisivo sobre o nosso espirito, porque nenhum dos seus rivaes devassa o homem intimo com uma pupilla tão inquisidora e tão rapace, porque é incomparavel de sciutillação o seu dialogo, a espaços mordido de conceitos percucientes como estyletes, feitos do aço mais temperado e mais fino da alma de La Rochefoucauld.

Todas estas qualidades se evidenciam de uma fórma soberba na *Denise*, onde os defeitos peculiares de A. Dumas, — só, de resto, frouxamente subsistem. A these resume-se na rehabilitação da mulher a quem precipitou na falta um excessivo amor, candido e confiante, explorado em condições que tornam o seductor enormemente odioso. Rehabilitação a ponto, que todo o homem de bem, se elle averiguou que por sobre a culpa a alma incriminada se libra firmemente virtuosa e nobre, como a cruz redemptora ao de cima de um cadaver, — não vacille, quando o amor o solicite, em dar a essa mulher a mão de esposo. Este principio é advogado no drama de A. Dumas com um vigor excepcional, impondo-se nas diversas contensões da acção, sobre as quaes as lagrimas do publico resaltam, piedosas, — chuveiro que se desata sobre um denso arvoredado agitado pela tempes-

tade..No terceiro acto, em que Denise Brissot oppõe a revelação da sua culpa ao homem que lhe dava a mão de esposo, e é depois, a uma tal revelação, fulminada de maldições pelo pae, ha uma soberba tensão dramatica, uma terrivel cumulação de angustias que arrastam vertiginosamente ao auge a commoção do espectador. Não conhecemos palavras de uma eloquencia mais flagrante e insinuante do que são as proferidas no quarto acto por Thouvenain, encaminhadas a vassourar do espirito do sr. de Bardannes os preconceitos sociaes que lhe vedam desposar Denise. No primeiro acto, que entrada maravilhosa na acção, que esplendor no dialogo, a viva engrenagem faiscante em que as replicas se estreitam e se enclavinham, a aresta diamantina das palavras, as mil facetas de intenção que lampejam no floretar das phrases! É no espaço que medeia entre o almoço e o jantar que todo esse drama se desdobra. A acção inicia-se, tranquillamente, com a toada romanesca de um piano, e assim tambem, tranquillamente, finalisa. Os caracteres, se exceptuarmos o de Mme de Thauzette, que nos pareceu um pouco indeciso e incongruente, são de um bello traço segurissimo.

Quando a uma produção d'este quilate se deparam executantes como os artistas do theatro de D. Maria, não ha qualidade, por menos coercivel, que se não-patenteie ás claras, e o exito, que se alcança, é o mais relevante e o mais ambicionavel.

O desempenho:

Virginia, sobretudo! O papel de Denise encontrou n'esta artista de raça a interpretação mais luminosa e a mais intensa realisação. É vêr o terceiro acto, em que Denise desvenda o desastre da sua honra. Impossivel desentranhar mais alma n'aquelle transe, conjugar n'um mais irreprehensivel acingimento ao espirito da protagonista a dignidade irrefragavel da consciencia com a dôr no seu cumulo de agonia e desespero. Tudo isto é feito com uma sobriedade severa de attitudes e de gestos, com pouco mais do que a linguagem, magnifica, do olhar e as inflexões soluçantisimas da voz, que partem directamente da alma, como lagrimas a rolar candentes. Não ha coração, em todo o auditorio empolgado e ancioso, que se não sinta embebido nas lagrimas da pobre Denise. A um magnetismo irresistivel de sympathia, ás dôres de Denise tornam-se profundamente as nossas dôres, e, como se houvessemos

mergulhado uma esponja n'um liquido extremamente fluido, o nosso coração emerge das contensões d'esse drama pungentissimo, vertendo toda a caudal de angustias que vae no intimo da misera desventurada.

Antonio Pedro representou superiormente a elevação e a inteireza ferrea de character do velho Brissot, e no terceiro acto, ao escancarar da ulcera que se rasgara no passado de sua filha, foi admiravel de vigor dramatico.

*

Le Monde où l'on s'ennuie, ou, segundo a traducção, um tudonada *ennuyante*, do sr. Gervasio Lobato, *A Sociedade onde a gente se aborrece*, é uma satyra vivissima contra os corrilhos elegantes do pedantismo official francez, — pedantismo abominavel, quer elle se entraje no guarda-roupa do Hôtel Rambouillet, quer afflua a estadear-se nos dourados salões de Mme Adam.

Madame Adam: conhecem-na? — A famosa directora da *Nouvelle revue*, orgão de um pretenso mandarinato em artes e em sciencias, que, no fim de contas, vingou sobrepujar a formidavel *Revue des*

deux mondes, do ponderoso Buloz. Triumpho, aliás, não muito de envaidecer, attendendo á luz, — luz posthuma, — em que o velho periodico accendia ultimamente a sua minguada e ordinaria mecha; mas, apesar de tudo, assignalavel triumpho: sabe-se que, mercê de bons espiritos — Quinet, Sand, Gautier, Musset, Planche, quasi toda a grande geração, em summa, — a folha de Buloz assumira na esphera intellectual franceza uma especie de supremacia dogmatica, de que lhe restara uma rica e perduravel cauda. Bons tempos aquelles! Fosse lá o proprio dogma da Immaculada Conceição competir em indiscutibilidade com o indefectivel bestunto dos redactores da *Revue!*

Hoje em dia, porém, — desastrosa decadencia! — surge a *Nova revista* com um certo cabedal moderno de esthesia e de criterio scientifico, e eis que ahí vae por agua abaixo o calhambeque de Buloz. De resto, nos salões de Mme Adam, por entre meritos comprovadissimos, vae derivando a escorrenca das banalidades impertigadas, que a sancção official carimba. E por que não derivaria, se d'esse modo a importancia de Madame se estende a toda a parte, se o governo a acceita submisso, se

as multidões burguezas se acurvam passivissimas, se os talentos reaes, com lã de caracteres relaxos, affluem á sordida acolheita de patrocínio que todo aquelle exito implica? De quando em quando, por motivos mais ou menos justos, um refractario assoma.

Se o espirito rutila, se a observação e o engenho litterario abundam, d'essa rebeldia resaltam catapultas como esta que, no temeroso arcabouço, tem inscripto — *Le Monde où l'on s'ennuie*.

Charge brilhantissima! Pompeia ali o hirtio academico, membro do Instituto, em cujo esphacelado encephalo, primitivamente revolto pelos philosophos da Encyclopedia, agora, em mexerufada inextricavel, vagueiam sombras fatuas do transcendentalismo de Hegel e do pessimismo de Hartmann, tudo isto empaudeirado n'uma espessa atmospherã de banalidade solemne; encolhe-se, negreando como um epicedio, o tristissimo poeta mendicante e esdruxulo, que declama em urros, ainda mais violentos do que as fortes murrças que está pedindo, a sua incomportavel tragedia crebillonesca em cinco actos; chibanteia o publicista de tendencias azevieiras, especie de Caro de alcova, cujo espirito, um reles e charlata-

de um modo esplendido os planos dos personagens, abalisando tudo pela mais sã e mais solida justiça. São bellos estes cinco personagens: nada mais profundamente sincero, nada mais encantadoramente humano do que esse grupo sympathico de figuras radiantissimas; os outros, aquelles de quem o ridiculo e a doblez escorrem, são caricaturas poderosas, de uma luz pertinacissima e crua que lhes atravessa a punhaladas a espessura cornea de toda a personalidade, que põe ás escaucaras todas as sujidades que no intimo lhes enxurram e que os dá em monumental barrella ao farto gargalhar das multidões.

A linguagem d'aquella scintillante comedia é um chuveiro continuo de esplendores que sobreoiram de uma camada fulgentissima as differentes situações em que a peça se expande n'um conjuncto magnifico de harmonia. No ultimo acto, ha um dialogo amoroso que é um primor de lyrismo, uma pagina superiormente radiosa, em que todas as delicadezas de um coração apaixonado e patricio, e toda a timidez purissima de uma alma juvenil a quem o amor imperiosamente evoca, se transportam n'uma exaltação sublime de bemaventurança e de infinito: é uma crystallisação

maravilhosa do que ha mais incoercivel e alto na alma humana, quando a natureza nol-a abre de par em par á immensa communhão do amor!

*

Victorien Sardou é, por ventura, o mais admiravel constructor da litteratura dramatica; ninguém como elle para tratar a parte mechanicamente de uma comedia ou de um drama, para a dispôr nas situações mais proprias a accenderem o interesse, a elucidarem a trama fundamental. Sardou desentranha do movimento de uma peça de theatro toda a eloquencia possivel, attingindo os ultimos limites da expressão. É um movimentador prodigioso! Abeirado de um thema theatral, feita a *pochade* dos lineamentos geraes, elle é, na execução definitiva do seu pensamento, — quasi sempre complicadissima, — como um eminente jogador de xadrez, aferradô á investigação de processos bem subtís, e refinadamente mathematicos, para levar de vencida o adversario formidavel. A estrategia, a sapientissima realisação technica de um plano, toda arripiada de episodios que mantenham sempre álerta a curiosidade do pu-

pelo farpão da vingança. É uma ferrea alma moscovita, que rebenta! — Ah! mas esse homem desconhecido... O nome d'elle! O nome d'elle! Sabe-se afinal: é o conde Loris Ipanoff. O conde! morava defronte de Wladimiro... Corra ali toda a policia! Depressa, arrombem as portas... Arrombenas, elle foge... Imbecis! traidores... Emfim, lá entraram... Ipanoff não apparece. Entretanto, grave, o medico assoma á porta da alcova, e convida a princeza a entrar. Fedora entra, n'uma ancia, e, pouco depois, prorompe n'uma tempestade de gritos. Wladimiro, o seu noivo, acabava de expirar.

Assim termina o primeiro acto, que é, como póde vêr-se do extracto que ahi deixamos, agitado por uma vida intensissima.

No segundo, apparece a princeza em Paris, nos salões da condessa Olga Soukareff. Veio, tomada pela febre da vingança, no encalço de Loris Ipanoff, e, para maior segurança do seu exito, fez-se agente do governo russo contra o assassino, evidentemente um nihilista. Valeu-se das suas extraordinarias seducções de mulher formosa e adoptou o melhor dos processos — inspirando uma paixão profunda a Loris. Este não tarda em apresentar-se nos sa-

lões da condessa. Importa extorquir d'esse homem a confissão de que foi elle o assassino de Wladimiro: Fédora não tem ainda a certeza positiva d'isto, e urge que a tenha para então descarregar firmemente o golpe. A conversa, no salão, volteia sobre diversos assumptos: é parisiense, *blasée*, paradoxal, interessante.—O nihilismo! uma historia, uma *blague* monumental da phantasia russa. E haver ingenuos que a devorem!—Ha contestações calorosas; produzem-se narrativas de casos tetricos, de conspirações que se revolvem monstruosamente no escuro, á espreita de monção para expluirem n'um grande abalo vulcanico. A príuceza, de olhos cravados em Ipanoff, nada, na physionomia, lhe divisa, que o comprometta. Ficam os dois a sós. Vae tentar-se a provação decisiva. Fédora estonteia de amor o conde, envolve-lhe toda a alma n'uma paixão-serpente que a solicita e a constringe até arrancar-lhe — enfim!-- a confidencia de que fôra elle quem matara Wladimiro. A confidencia é recebida com um grito estridente, selvagem, que rompe, com um salto de tigre sobre a presa. O conde recúa, inquieto... — Foi, porém, um movimento de repugnancia instinctiva, á ideia de um assassinio. Nada mais. O amor

persiste no mesmo ponto de pureza e de força. E o conde é aprasado para uma entrevista em casa da princeza, a horas mortas.

No terceiro acto, Fédora tem participado para S. Petersburgo a confidencia de Ipanoff, e acha-se tudo a postos para que, ao sair de casa da princeza, aonde chegará em breve, elle seja agarrado e amordaçado por alguns escravos do czar, mettido n'um carro e levado para um pequeno vapor, ao Sena, d'onde seguirá para bordo de uma fragata russa, e ala para o imperio! Chega o conde. Por parte da princeza, um redobramento felino de caricias. Perfida como a onda. E, como quer que Loris Ipanoff se refira amargamente á crueldade de lhe terem confiscado todos os bens e de haverem preso um seu irmão, a princeza, entre surprehendida e ironica, inquire se não é todavia bem verdade que elle, o conde Ipanoff, seja um nihilista. Ipanoff repelle o epitheto, e explica então o que o determinara a matar Wladimiro. O mobil fôra apenas o ciume. Wanda, uma deliciosa mulher, casara clandestinamente com o conde, sendo Wladimiro um dos padrinhos do consorcio; celebrara-se o casamento contra a vontade dos paes, e a uoi-

va, a quem Loris raptara, acolhera-se ao recesso de uma vivenda isolada. Entraram a tornar-se de uma notavel frequencia as visitas de Wladimiro a Wanda. Um dia, Ipanoff sabe de uma carta que esta escrevera áquelle. Residia em frente de Wladimiro, e, aproveitando a sua ausencia, alanceado de ciumes vae a casa do noivo de Fédora, abeira-se da secretária, pretextando o ter que deixar uma carta, e procura a missiva suspeita, que — assim o manda a technica de Sardou — se lhe depara immediatamente n'uma gaveta aberta. Esta carta marcava uma entrevista nocturna. Então, Ipanoff precipita-se para casa de Wanda, esconde-se ali, aguarda o amante de sua mulher, e quando, juntos, elles se endoicem de amor, surprehende-os e dispara dois tiros de revólver contra Wladimiro. — Mas não será um cumulo de infamia semelhante narrativa, não será tudo aquillo um acervo de falsidades? — Ipanoff tem consigo a justificação do que affirmara — a correspondencia amorosa trocada entre sua mulher e o amante. Uma transformação subitanea se dá em Fédora. Uma reviravolta completa de paixões. É execravel a memoria de Wladimiro! É soberanamente sympathico, é nobre, e depois, é immensamente

desventurado,— e por causa d'ella, Fédora! —o pobre Loris Ipanoff: o odio, que a princeza lhe tinha, volveu-se de repente n'um amor sem limites. Desvanecer-se-ha o engano em S. Petersburgo, restabelecer-se-ha toda a verdade. Entretanto, o conde vê a necessidade de partir. A princeza oppõe-se; não desvenda o motivo — a cilôda que ella propria armara. Mas o conde insiste: ama-a com um infinito amor immaculado, e por coisa alguma se abandonaria até compromettel-a. O que se diria, vendendo-o sair, pela manhã, de casa de Fédora! Seria manchar-lhe a alva reputação, seria perdê-la irremissivelmente, confundir o destino d'elle e o d'ella sob uma tremenda fatalidade, chumbal-a ao exilio, arrastal-a provavelmente a uma horrivel morte affrontosa. Não, mil vezes não! É preciso sair! A princeza veda a passagem, agita-se n'um turbilhão de rogos e de lagrimas, afoga-lhe a consciencia n'um revolto oceano, prende-o n'um carcere vertiginoso de abraços, arrasta-o, detem-no, subjuga-o! E o acto expira n'um grande extasis de amor!

A magnifica situação, que vimos de esboçar, constitue, sem duvida, uma das paginas mais poderosamente commovedoras que ha em todo o theatro moderno.

Quarto acto.—Fédora recebe particularmente a noticia de que o irmão de Loris, preso na fortaleza de Pedro-Paulo em virtude das notificações que ella transmitira para S. Petersburgo, tiha morrido afogado no carcere, cujas enxovias o Neva invadira, n'uma cheia. A mãe de Ipanoff, sabedora, que foi, da catastrophe, succumbiu a uma apoplexia fulminante.—Sobrevem o conde; nota o ensombramento da physionomia de Fédora; a poucos momentos, recebe um telegramma e uma carta de S. Petersburgo, aquelle dando-lhe conta de que fôra absolvido; mas a impetuosa alegria resultante esbarra breve no *post-scriptum* da carta, o qual o informa d'essa dupla desgraça, e acrescenta que a inculpação de nihilista, que soffrera, partira de uma espia residente em Paris e cujo nome lhe seria revelado por alguém devendo chegar ao mesmo tempo que a missiva. No espirito convulso de Ipanoff ruge a ancia por conhecer a infame, e vê-se bem a agonia que vae na alma de Fédora. É instante que ella se antecipe á espantosa revelação. E a pobre desventurada, transida pelo terror, é toda ella uma supplica tremente e febricitante, que se roja e tumultúa n'um remoinho de angustia e desespero. Fédora,

finalmente, desmascara-se; o conde arremessa-se-lhe e forceja por a estrangular n'um paroxysmo de raiva, quando entra alguém no aposento, e a princeza, livre de Ipanoff, consegue, n'um lance, envenenar-se. — «Salvem-na! Salvem-na!»—grita Ipanoff. Mas a morte aproxima-se, e, a curto espaço, Fédora exhala o derradeiro alento nos braços do conde Loris.

Tal é o drama de Sardou, que teve dois superiores interpretes: Virginia e Eduardo Brazão.

Virginia viveu a princeza Fédora com uma energia surprehendente. Nunca a vimos em papel de uma tão grande responsabilidade, nem aureolada por um tão esplendoroso exito. É verdadeiramente uma artista admiravel, tendo na alma abastança de talento para avergar, se não sempre com um predominio absoluto, por sem duvida com um poder notabilissimo, os mais asperos commettimentos do theatro moderno. Deslumbrante de vida e eloquencia, quasi todo o seu trabalho na *Fédora*. Que bellos gritos os do final do primeiro acto, e, no segundo, aquelle, que é um relampago, á confidencia da criminalidade do conde! Alguns pontos, no dialogo do terceiro acto com Ipanoff, podiam, talvez, tra-

duzir-se com uma intensidade mais viva, mas, em todo o acto seguinte, a artista é maravilhosa! — Brazão (o conde) é um artista inspirado e vibrantissimo; desproporcionado a espaços, desegual, emphatico — tudo quanto quizerem; mas vigorosamente e fulgidamente apercebido para as grandes situações dramaticas.

3 de maio, 89. — O nosso *reporter* dava-nos ante-hontem a noticia de que morrera na idade de 80 annos o padre Antonio Joaquim de Oliveira, professor aposentado de Miragaia.

Esta noticia trouxe-nos á memoria uma visita que, vae em dois annos, fizemos á casa do padre Antonio de Oliveira, e da qual nos ficou uma impressão inapagavel. O padre Antonio, um singularissimo jarreta, especie de regressão troglodyta do mestre-escóla, era um apaixonado amator de antiguidades, e, um bello dia, Guerra Junqueiro, n'uma das suas aventurosas batidas de caça pelos dominios do *bric-à-*

brac, fôra desencantar n'um velho interior de Miragaia esse extravagante e phantastico personagem. Era de ouvir ao grande poeta a descripção da sua visita ao antiquario! A figura do padre Antonio ficarnos obsidiando, como a de um mysterioso e anachronico personagem, mixto de bruxo, de alchimista medieval e de avarento, vivendo na absorpção completa dos seus philtros, das suas retortas, dos seus thesouros, das suas chimeras, n'um meio abracadabrico e isolado absolutamente do bulicio e das preoccupações do mundo que nos cerca.

O padre Antonio habitava uma esguia e mesquinha casa de dois andares encravada n'um labyrintho de ruellas angulosas e estreitissimas, onde não era empreza facil nortear caminho. A casa tinha meia duzia de janellas díspostas sem symetria, e de ordinario hermeticamente cerradas, como a porta da rua. Ali foi bater o nosso poeta, um dia de verão. Fartou-se de martellar na porta, primeiro que a uma janella semi-aberta assomasse furtivamente uma cabeça de mulher perguntando-lhe o que desejava. Finalmente, depois de uma demora consideravel, a porta da rua abriu-se e no alto da pequena escada combalida appareceu

uma estranha figura de homem — um velho magro e esqualido, inteiramente nú, apenas com uma tanga de pergaminho cingida por uma corda!

Era o padre Antonio de Oliveira.

De resto, o padre Antonio, adunco, esquelético, todo tremulo pela idade e pela sua timidez de misanthropo e de selvagem sequestrado da convivência, perfil singularmente rapace que se accentuava na arqueação do dorso, do nariz, e das mãos de longas unhas incultas e recurvas, recebeu Junqueiro com verdadeiros extremos de urbanidade, patenteando-lhe n'um pequeno gabinete escuro, onde a luz se coava a custo por uma unica janella, de vidros amarellentos, todo o seu curioso museu a monte de raridades e preciosidades de toda a especie, em que taças de prata de um lavor cellinesco jaziam de envolta com armaduras da Meia-Edade, com um sem numero de alfarrabios, de codices, de in-folios, frascos suspeitos e moveis antiquissimos, tecidos sumptuosos e velhas mantas de frangalhos, que obstruiam e recheavam aquelle acanhado, extraordinario e involvidavel recinto.

— Que já o conhecia pelos seus escriptos, disse o padre Antonio ao poeta. N'ou-

tro tempo, elle escrevera tambem alguns versos, que tinha ali, guardados na papelada.

E, como Junqueiro lhe pedisse que recitasse qualquer coisa, o velho antiquario, depois de breve hesitação, annuiu complacientemente. Recitou umas tres ou quatro composições que, á mingua de estro poetico, revelavam uma lucidez notavel de pensamento e uma certa mordacidade satyrica. Eram umas redondilhas regularmente feitas, grammaticalmente e metricamente correctas, com um vago sabor to-lentiniano.

Tal era o excentrico personagem que Junqueiro um dia nos descreveu com a riqueza e a vivacidade flagrante das suas imagens e a cujo antro nos conduziu, — a quem isto escreve e a Antonio Feijó, — anciosos por vérificar com os nossos proprios olhos as coisas estupendas que tínhamos ouvido, e um pouco desconfiados tambem, naturalmente, porque soubessemos da prodigiosa phantasia e da visão hyperbolica do poeta. Eram, porém, exactissimas as impressões de Junqueiro. Simplesmente, como estivessemos no inverno, padre Antonio, d'essa vez, não appareceu de tanga, mas coberto com umas andainas

informes de trapagem, uma remendaria immunda cerzida a barbanites e atada a cordas!

Tratou-nos, entretanto, com uma primorosa deferencia e recitou-nos tambem algumas das suas lucubrações poeticas, entre ellas uma extensa ode em redondilhas, que era uma fradesca e ponderosa apologia erudita de Euclides e da mathematica.

« Rimas », de João Penha

É um livro de artista profundamente conhecedor de toda a mechanic do verso, experimentado na resolução pertinaz e brilhante de todos os problemas da plastic litteraria, e tendo assim adquirido, n'este arduo tirocinio da investigação dos filões de ouro que a linguagem e a arte escondem, um poder de realisação verdadeiramente excepcional. Aquelles versos, enrubicados a uma phantasia viva e pittoresca, não atingiram de salto a fôrma purissima que

os avulta: foram conquistados penosamente, cem vezes ascuados e outras tantas percutidos na bigorna, sujeitos em successivas provações ao thermometro do pensamento, e assim afeiçãoaram a pouco e pouco, — até alcançar essa firmeza bronzea de contornos, — toda a linha ideal das concepções do poeta.

João Penha é um neo-arcade, um parnasiano, — alistado na legião classica dos exercitos rutilantes do romantismo. Filia-se no ramo hellenico de Gautier, com umas fortes enxertias bocagianas, e os seus versos assignalam uma antipathia absoluta pela vasta e monstruosa impulsão medieva de Victor Hugo. É um seguidor da linha definida e simples, um talento avesso a visualidades metaphysicas ou a intensidades psychologicas, não hesitando em cobrir, — como de uma pedra tumular primorosamente lapidada, — com o esplendor de uma rima opulenta, qualquer grito espontaneo e vivissimo da alma.

O *humour* que escorre dos seus versos, toda aquella agglomeração de presuntos de Lamego e de paios alemtêjanos, pendentes de uma admiravel galeria diamantina, — toda essa representação faceta de uma lendaria juventude riquissima de phan-

tasias, de sonhos, de aventuras irisadas de alegria e de talento, apparece n'uma irreprehensivel circumspecção esthetica, em attitudes imperturbavelmente academicas, rindo por frios labios de marmore, que teem estudado longamente ao espelho a composta rigorosa dos seus movimentos. Não ha um desmando, não ha um verso frouxo, nem uma rima inculta. João Penha produziu um livro-orchestra — harmoniosissima orchestra em que os versos vibram como cordas de stradivarius, e as rimas tinem como estranhos metaes preciosos, com uma absoluta conjuncção de accordes e uma opulencia inimitavel de timbres. É, como diria Gautier, um maravilhoso explorador do mundo sonoro. Bauville, com toda a severidade, um pouco estreita, da sua poetica, não teria nada que refugar nas impeccaveis *Rimas*.

De vez em quando, uma imagem original, justissima, traduzindo um bello espirito de observação e de correlacionação, e formulada com um magistral relevo, alastra deliciosamente pela contextura dos versos. — Versos que, sem duvida, são dos mais correctos, dos mais artisticos, dos mais finamente burilados que ainda foram escriptos em lingua portugueza.

Violinista

... A arcada, toda limpida, em que elle atravessa o stradivarius, percorrendo a gamma de uma virtuosidade prodigiosa, aligeirando-se ou intensificando-se em gradações de uma surprehendente gymnastica e de um extraordinario brilho, affecta-nos vivamente a alma, penetrando-a de toda a vibração cantante do violino: attenua-a, umas vezes, em desfiações luminosas, amplifica-a, n'outras, em espraiadas ondas por onde o encanto expande longamente o cumulo dos seus extasis, aqui diffunde-a n'uma dispersão scintillante de chilreadas resoando n'um clarão de aurora, funde-a além n'uma commovida successão de lagrimas, em lamentos suavissimos que transportam, como um funebre cortejo, os cadaveres de alegrias que não voltam, os destroços de aspirações inconsolaveis que, uma a uma, ali vão ficando esparsas pela aspereza dos caminhos.

Nada mais puro, de uma nitidez mais impeccavel, nem de mais limpida transparencia, do que os sons d'esse divino stradivarius, que passam, desvendando o verbo

de compositores insigues, realçando-o de um colorido opulentissimo, perpetuando-o, aviventando-o para todo o sempre nos espiritos. Interprete de quanto haja alto e maravilhoso nos raptos em que o talento aſcende, o violino do eminente artista é um medium de excepcional pujança, um evocador irresistivel do genio, que, ao seu sublime chamamento, resurge, e avulta, em todo o esplendor da sua essencia. Não se faz ideia, senão ouvindo-o, da magia d'aquelle violino, cujas cordas se diriam arrancadas aos mais vibrateis e reconditos recessos da alma humana, tal é a affinidade com que ellas se lhes casam, tal é o vinculo, a penetrante sympathia que os traz intimamente correlacionados. O grande artista, organização supra-sensivel, tem no violino o perfeito interprete e o superior vehiculo d'esse febril anceio em que, por vezes, o espirito nos vóa á busca de não sei que distantes páramos, onde é tanto o enlevo, tão longinqua e esvaída a obsessão do tempo, onde é tão profunda e esquecedora e dilatada a calma, que, em toda a categoria da suggestão e da imagem, só a ideia de morte exprimirá o que sentimos. . . — Promissão sagrada, e unica, de repouso e de infinito, immenso e tenebroso arco

da alliança indestructivel, onde a nossa alma vislumbra o distico:—*Possui-vos de toda a esperanza, ó vós que entraes!*

As creanças são o eterno sorriso que desvinca, unge, refrigera de limpidos orvalhos e encantadoramente suavisa a rispida face sombria da nossa vida, asperamente crispada, contendida por tempestades intimas, esbofeteada pela rude mão das contrariedades, dos infortunios e das afrontas. Ellas são o penhor preciosissimo dos amplos contentamentos e das venturas supremas, os portadores do balsamo celeste ás mais angustiosas dilacerações da alma, os deliciosos ninhos alcandorados nos ramos da arvore da vida, as generosas e dulcissimas miragens aonde vem reflectir-se todo o encanto de que nós já fomos, na mais querida, na mais ridente, na mais inolvidavel das edades!

Qual de nós, felizes ou desventurados, não tem esta religião da infancia, este desvelado culto do que é divinamente sem

mancha, do que é soberanamente bom, adoravelmente fragil, indefenso e inoffensivo, caricioso, consolador, sublime? Qual de nós não ama entranhavelmente as creanças, qual de nós não estremece no seu proprio passado esta maravilhosa pagina — a infancia, e quem não a traz vibrantemente escripta, bem a dentro da memoria, na mais viva e inapagavel tinta? A quem a infancia, por mais triste, por mais miseranda que ella haja decorrido, não é um oasis e um recanto de paraiso, de que a memoria basta a que á sêde de amor nos appareça a fonte, e uma arvore sagrada — o coração materno — entorne sobre a nossa alma resequida a sombra piedosa e dôce dos seus ramos!

Actrizita

Gemma Cuniberti, a creança sublime que hontem vimos no theatro Principe Real, constitue um caso inaudito, verdadeiramente singular, nos annaes da arte. Nada mais inverosimil do que a noticia d'essa

estranha intuição artistica de uma creança, cuja idade não é, seguramente, superior a dez annos. Tambem fomos dos incredulos, e a surpresa que ultimamente recebemos ao vêr a Cuniberti em scena, com o seu infantilissimo e franzininho aspecto e o seu talento prodigioso, é das impressões mais resonantes e profundas que a nossa alma recebeu ainda.

Não sabemos de outro artista que, em tão diminuta idade, possuisse uma tão consideravel e coordenavel accumulção de talento.—Dez annos! É tudo então, em nós outros, por muito lucidos, caótico e balbuciante. A intelligencia mal principia a emplumar a aza e a esvoaçar-se n'um restrictissimo ambito. Ha como que uma interposição de rosea neblina entre nós e tudo o que nos rodeia, neblina cujas camadas lentamente se dissipam á medida que a vida avança,—patenteando-nos os objectos cada vez mais nitidos, mais asperos, mais hostilisantes. Oh! á infancia é toda ella uma esplendorosa miragem, em que tudo se approxima de nós e se nos offerece n'uma perspectiva irisadissima e sorridente. Depois, á proporção que os nossos passos se multiplicam, vão as decepções interminavelmente succedendo-se,

mas jámais renegaremos d'esse saudosissimo passado, em que á nossa pequenina alma permittiu o bom Deus apagar a sua sêde anciosa, n'um sem numero de manauciaes que pela imaginação creadora nos corriam em cantantes murmurios!

É n'esta idade que esse serzinho, tão delicado e tão dôce, allia ao culto dos seus candidos brinquedos o da ardua interpretação da alma humana, e, ao mesmo tempo que entreja de garridices as suas deslumbrantes bonecas, encarna em si, vitalizando-as e aureolando-as de esplendores, todo um bando de physionomias graciosissimas, de que os litteratos lhe tem intensamente povoado o espirito. É uma intelligencia essa creança: intelligencia phenomenal, que assimila e, por uma extraordinaria força de expressão, exhibe, como vivos impulsos da sua alma, pensamentos e sentimentos de uma grande copia de personagens abstractos. Vae já extensa a gamma psychologica d'aquella comprehensão miraculosa, e, em pouco, se ella prosegue no mesmo impeto de ascensão, vel-a-hemos attingir as culminancias, quando a maior parte das vocações artisticas ensaiam ainda, titubeando, os primeiros passos pelo sopé da montanha.

Que não é assim, como tu és, o mundo, *bimba mia!* A treva é immensa e desoladora, e, na infinita agglomeração de crâneos que ahi se embatem de continuo, ouve-se o chapinhar de abominaveis lutulencias e desabrocha escancaradamente a hedionda flôr da idiotia. Tu, és uma organização divinamente fadada—que tens já o supremo poderio artistico de nos mover ás lagrimas, de nos fender a alma de electricas correntes, de enlevar-nos em absorventissimos transportes, de nos arrebatara a propria consciencia da nossa personalidade, fazendo-nos chorar com as maguas em que o teu genio chora, rir com as alegrias em que elle se diffunde, extasiar com os seus extasis, preoccupar com os seus cuidados, viver emfim a tua vida, a vida que tu crias, e que tu emprestas de tal sorte, que se diria dada para sempre, que ás vezes se diria para sempre arrepanhada nas presas de um talento assassino... — Um pouco de vida maravilhosa, que uma adoravel pequerrucha teve um dia e que o seu generosissimo estro cedeu a um ser phantasiOSO, que lh'a pedira e que nunca mais, nunca mais, se lembraria de restituir-lh'a!

Oriental

O sol resurgiu gloriosamente, n'uma deslumbrante expansão de luz e de alacridade violenta, — pelo ar a immensa cabelleira de ouro, toda revolta de cantos e revoadas, — ao resoar da symphonia festiual da orchestra alada, que se derramava doidamente pelo espaço como n'uma prodigiosa concha auricular, profundamente aberta, em extasis...

Occasos — dezembro de 1833

Quando, por 1830, Victor Hugo, em cuja alma frondejava a concepção das *Folhas do Outono*, ia, todas as tardes, absorver-se na contemplação do poente, — de certo, á pupilla d'esse genial visionario sublime, não proporcionou o bom Deus um tão admiravel conjuncto de esplendores como aquelles que, ultimamente, ahi teem raiado.

Parece, ao vir a noite, que um topazio colossal se dissolve e alastra no firmamento, que vae enrubescendo, como se purpuras, immensas gazes, successivamente se sobrepuzessem. Alem, no occidente, uma fulgurantissima fornalha golfando a sua irradiação por toda a parte, inundando tudo ao clarão de um vasto incendio que faz pensar nas grandes cidades biblicas consumidas pelo fogo divino. Simplesmente, aos que voltam a face para esse formidavel esbrazeamento, o que os retem como estatuas é a contemplação e o maravilhoso asombro!

Fulveia no espaço como que o reflexo de uma forja enorme, e a nossa phantasia escuta ao longe o estridor do arsenal cyclopico, e todo o antigo cataclysmo, e evoca pelo ar a monstruosa epopeia da gigantomachia thessaliana. Pelion sobre o Ossa, as nuvens amoutoam-se na titanica escalada e logo se subvertem e se esbarrondam, e o mar, os campos, os povoados, como almas ingentes de poetas, vão cantando, no seu vivo revérbero, todo esse marulhar de gigantescas fórmas e de cambiantes rutilantissimos. Tudo se alaga em luz, tudo se ensopa em côr, tudo rebrilha e se transfigura, uma torrente oceanica de

fogo perpassa em ceos e terra, a purpura do alto escorre, como sangue, por sobre a cabelleira das arvores e pela face dos edificios, e o chão dir-se-hia encharcado por uma terrivel carnagem!

Oh! a grande embriaguez de luz, a celestes bebedeira que nos estúa na retina, e, para nós outros, como o ceo tem sido uma prodigiosa taça, da qual, em ondas, trasborda o vinho mais generoso e mais puro!...

No ar, uma bandeira escarlate, como um grito fluctuante...

Guerra de morte á banalidade, aos temperamentos incolôres, sem força e sem character, a todos aquelles que solicitamente correm a acolher-se ao pendão das escôlas de arte—por isso que, de contrario, pas-

sariam absolutamente despercebidos. As escolas não são albergues nocturnos, devotados a dar lustre e acolheita á foragida vagabundagem que os demande: são, sem duvida, — na evolução da intelligencia humana, — os rutilantes marcos, fincados por espiritos soberanos; mas, que ellas se apresentem de feição antiga ou moderna, progressivas ou retrospectivas, em todas as categorias triumphará eternamente quem fôr uma individualidade robusta, quem tiver na alma um fôco de vida intenso, e será sempre bemdita a obra — de Manet ou Delacroix, de Balzac ou Hugo — onde se sinta o profundo resfolegar dos pulmões de um trabalhador potente.

E — pertenças muito embora á mais avançada escola, vás tu, pobre grotesca presumida, ó triste mediocridade aliás interessante! encarapitada na garupa do mais soberbo pégaso, montado pelo mais valeroso e radiante campeador, — ninguem verá passar nos arrancamentos da peleja as pretensões da tua fronte chòcha e do teu olhar sem chamma, ninguem distinguirá na revolvida arena, alem do cavalleiro, que triumphá, senão o cavallo, que elle monta!

Assim, nós somos pelo refugamento inappellavel de todos os insignificantes, de

todos aquelles que para os cimos da arte não veem com alguma coisa original ou forte, que assignale uma nova face da vida intellectiva, ou que traduza o funcionamento de uma vigorosa machina mental. E vós, individualidades radicaes e valentes, vós a quem um talento viril enseiva, a quem o ideal impetua e alevanta, vós a cujo alto verbo um mundo novo e maravilhoso de impressões nos alvoroça e nos povôa a alma—sêde por todo o sempre os bemvidos! O nosso coração é opulento de fibras que vibrarão largamente e sonoramente, mal que as rastreie a lufada ampla do ideal que nos vossos horisontes passa!

Sêde os bemvidos—vós que chegaes de longe, as sandalias cobertas da poeira de ouro que resplende nos planaltos do Helicon e do Pindo; enlevados em fontes de nectar e de ambrozia; no espirito a visão radiosa da magestade de Zeus e das graças ineffaveis de Aphrodite:—romanticos, leões sublimes da paixão, que rompeis das magnificencias e das fulgurações do oriente e das sombras convulsas da Meia-Edade, vós que embebestes de um tão vertiginoso sonho as vossas produções, espremendo sobre ellas o immenso

coração das lendas e o vosso proprio coração fumegante:—naturalistas, observadores pertinazes e implacaveis da vida, que em busca da nossa alma andaes deitando a sonda á alma dos nossos ascendentes e ás complexidades do meio em que o nosso ser se agita; historiadores de costumes, que tomastes o duro encargo de intervallar de côr e de movimento os largos contornos culminantes avultados pela Historia.

Que toda a obra de arte nos vitalise e nos commova fortemente, como á transfusão de uma onda de sangue novo e generoso; que a prosa e o verso, por exemplo, sejam organismos vivos, que os periodos palpitem como arterias golvando alentos por toda a trama da ideia, e que assim a producção arqueje á maneira de um potente pulmão de forja, que ha-de levar as nossas impressões ao rubro e amoldal-as ao ideal do artista. E, desde o momento em que se atinja este exito, o artista, venha elle d'onde vier, seja qual fôr a Jerusalem do seu espirito, é um homem da vanguarda, é um mestre e um commandante, em face do qual o nosso enthusiasmo se perfila para a mais espontanea e rasgada continencia.

Um poeta

Manuel Duarte de Almeida esplende na elevada hierarchia de Anthero de Quental, de João de Deus, de Guerra Junqueiro: é o irmão d'estes poetas, pelo subidissimo ponto da escala, em que o seu talento paira. De resto, a sua individualidade artistica é de um córte radical e firme, traduzindo um equilibrio, maravilhosamente justo, entre a alma—uma bella alma contemplativa, extraordinariamente delicada e nobre —e a faculdade realisadora, ou seja o dominio litterario, perante o qual se lhe submette, n'uma reductibilidade absoluta, quanto ao coração e á ideia assoma.

D'aqui dimana o superior encanto da poesia de Manuel Duarte. Nas entranhas da alma do poeta, excepcionalmente original e radiosa, o pensamento surge e, precisa, a formula, que o condense, entregasse, definitivamente vencida; e a resultante deriva com a pureza de contornos de um antigo paros. Assim, a arte, — a intuição divina de crystallisar a ideia em imagem, — tem no autor da *Cerulea* um dos seus mais distinctos representantes. Representante subtil, iniciado no complexo e agita-

dissimo labyrintho da nevrose, intensamente solicitado pelo conjuncto de factores febricitantes que actuam no homem moderno, mas por sobre os quaes se libra, n'esse eleito, a larga aza do ideal, em cuja plumagem, se nem sempre, a esperanza alveja, a alta aspiração se alvoroça sempre.

Um artista de tal categoria é, para consigo mesmo, um critico exigentissimo, implacavel. Consomem-se dias á busca de uma palavra que, em toda a sua virtualidade intrinseca e de posição—valor lexicologico e musical,—mais intimamente se case com a harmonia do pensamento. E que isto não seja obstaculo, antes auxilio imprescindivel, ao desenvolvimento da ideia! Já lá vae o tempo em que tal severidade era, pelos irregulares, levada á conta de mesquinharia, de estreiteza de estro. Musset, sem o poder de expressão que em Hugo e Theophilo Gautier diamantisava a ideia, realçando-a scintillantemente no refrangimento de mil facetas, irritava-se da iniquidade e insurgia-se contra esse dispendio de arte, ao qual capitulava de um como disfarce á pobreza do vigor poetico. Apoucados, anemicos de esthesia—o eclosso do romantismo e o poeta impeccavel da *Comedia da Morte!*

*Si, pour faire une phrase un peu mieux cadencée,
Il l'eût fallu jamais toucher à ta pensée,
Qu'aurait-il répondu, ton cirur simple et hardi?*

Dizia isto, ferido, o eminente lyrico das *Noites*, a propósito de Giacomo Leopardi, e logo citava o verso branco, frequentemente vibrado pelo grande cantor da Morte, — como se essa maneira poetica não fosse classica na litteratura italiana, como se ella não fosse autorisada sobejamente pela sonoridade incomparavel da lingua, — mas apenas uma aberração technica, determinada pela fogosa inspiração do poeta das *Ricordanze!* As producções, porém, ahi estão para comprovar a exigencia, verdadeiramente dantesca, de executante, que se impunha ao estro de Leopardi.

Manuel Duarte de Almeida é um maravilhoso artista, na mais alevantada acceção da phrase. Conhecemol-o de longe, do periodo romantico, esplendidamente caracterisado no *Romance incompleto*. Nas suas lyricas, absolutamente inconfundiveis, ha como a estranha coexistencia da candura adoravel de João de Deus com toda a complexidade e todas as agudezas do mais requintado parnasianismo. É um magnifico poeta idealista, de uma pureza, uma aristocracia superior de pensamento, e de

uma immaculada perfeição formal. Temos seguido attentamente a evolução d'aquelle nobre espirito. Hoje, minado e abatido o homem por uma pertinaz enfermidade, a sua radiante poesia entenebreceu-se de tristezas, e o talento que produzira a *Elegia pantheista* e a *Aromatographia* afundiuse na rebellada e atra desesperação em que soaram como um dobre as lugubres estrophes:

*Tudo que vem da Terra exhala a Morte e o Tedio!
Tudo que vem da Alma estila a podridão...
O' côs que inda lucraes! O Mal é sem remedio!
Fazei soar ao longe a trompa de Roldão!*

.....
*Ah! não volteis atraz o olhar, o pensamento!
Altivos, sem tremor, mudos, graves e sós,
Cortae a onda amarga e negra — o Esquecimento!
Ide, emfim, repousar no seio dos Acós!*

Summum jus, summa injuria! O idealista viu em tórno a si, — como a immensa orbita de que falla Nerval, o vacuo em que o deixaram abandonado as suas illusões de espirito moço, que recolheram, em fugitiva revoada, á celeste região das chimeras, cerrando-a para nunca mais abrir-se! E na crua angustia, em que depois se viu, o poeta ergueu a voz blasphema, e amaldiçoou, no seu isolamento, os aureos colibris que lhe tinham saudado a aurora —

esse vestibulo da *cidade ideal* que o sonhador fundara e que um dia, abruptamente, se lhe esvaíu.

Comprehendemos a profundeza de toda a tua magua, nobilissimo poeta — espirito! — a quem a fatalidade feriu brutalmente a aza altivola. Nós abarcamos, na sua plenitude, esse cruel tormento: a arvore frondosa em que a nossa alma ascendera, povoada de fructos de ouro e de aves chilreantissimas, definhou, á mingua de seiva que a alentasse: e os fructos, um a um, tombaram, sorvados pela desesperança, e a ramaria evadiu-se na garupa das tempestades, e as aves bateram azas para longe!

Ho perduto tutto: sono un tronco che sente e pena!

Ao redor de nós, juncaudo a aridez do solo, avultando nos barrancos da memoria, jazem amontoados, como cadaveres que ficassem de uma aspera peleja, os escombros da nossa Illusão subversa. E a nossa alma lança ao longe o seu tragico lamento, o seu viril rebate de insondaveis agonias — desoladas como o vacuo que a circumda e com o qual, enfim, acabará por confun-

dir-se na inconsciencia absoluta e no immenso repouso inacordavel!

*

Elegia pantheista a uma mosca morta — versos divinos, de M. Duarte de Almeida. A *Elegia pantheista* não é sómente uma das composições mais perfectas e penetrantes do individualissimo poeta, — é ainda, em todo o sentido, pela acuidade esthetica do pensamento e da annotação formal, um dos especimens mais delicados e completos da nossa litteratura artistica.

Lentamente, na placida agua de um riacho, um corpito de mosca, exanime, vae boiando... Vae dormindo, ao embalo da agua, n'uma petala de rosa — o seu pequenino esquite... Por sobre a mansa correnteza, adeja um bando alado de insectos — carpideiras — zumbindo... E de um arbusto, pendido á margem, uma folha, onde estremece um bago d'agua como lagrima, caíu, quando o feretro passava...

Se uma lagrima seria?...

E lá vae, na agua, o saimento, a folhita lacrimosa seguindo, sempre seguindo, a

petala funeraria, como noivo a quem a noiva foge, levada na corrente da morte... Da immensidão pantheista do seu sonho, o poeta assiste ao funeral da pobresinha, e, na sua alma condoída, toda a natureza se humanisa e se repassa de magua, e não ha salgueiro que não soluce, nem pedra que não verta lagrimas, nem claridade que o luto não ensombre!

A execução d'este adoravel thema, de um espiritalismo tão intenso e tão dóce, de uma tão insinuante melancolia, de uma tinta crepuscular tão cheia de saudade e suave desesperança, — é uma extraordinaria maravilha de arte. Os versos derivam n'uma harmonia absoluta com a ideia, casando-se-lhe a tudo o que ella tem de interior, de ethereo, de subtil, de pungidamente symbolico. A espaços, como se um vago pendulo de sonho nos oscillasse pelo intimo, a ideia volta n'um estribilho que a embala como um berço, que a dilata, como praia aonde a agua longamente reflue, que nos povôa a alma de uma infinita resonancia...

*

Appareceram em edição de um luxo e de uma elegancia raros as estancias con-

sagradas por M. Duarte de Almeida ao Infante D. Henrique, e recitadas pelo poeta na sessão solemne que a Sociedade de Instrucção do Porto celebrou a 3 de abril de 1889, no Palacio de Cristal, em honra do grande vulto historico.

Confirmam-se plenamente as impressões que receberamos d'essa alta revoada de estrophes, inspiradamente soltas ao través da velha alma oceanica da patria, ceos e mar em fóra, por uma das nossas organizações poeticas mais proeminentes. As estancias são, absolutamente, uma obra-prima, de uma intellectualidade e uma nobreza de concepção supremas, de uma realisação plastica não só irrepreheusivel, mas inultrapassavel, um maravilhoso estylo grandiloquente de epopeia e ode, versos de uma limpidez, uma cristallisação e uma suggestão profundas, rythmos soberbos em que se repercute e se expande toda a harmonia da ideia, —obra-prima transcendente e admiravel, de um equilibrio de perfeições, uma firmeza e uma belleza esculpturaes que nos levam a sonhar nos marmores sagrados da Hellade e no esplendido côro olympico das tragedias de Sophocles.

Rapidas estancias evocam a alma do

Infante e a alma historica do seu tempo, mas é tão poderoso o escorço, tão redi-
viva a synthese e tão flagrante, que essas
gigantescas visões avultam, e o passado
transparece intensamente—vasta miragem
epica—na sua longinqua e deslumbradora
perspectiva!

É d'essa prodigiosa eminencia, onde,
como um pendão ovante, ficou eternamente
fluctuando a um grande vento de gloria o
antigo genio nacional, que o poeta mergu-
lha a vista no tremedal escuro e no mise-
rando esphacelo por onde hoje rasteja—
—de tão alto resvalada!—a velha patria
portugueza; e então o desalento e a indi-
gnação possuem-no, aos clangores trium-
phaes do *pæan* succedem o sinistro estri-
dor da voz de Nemesis e as lugubres plan-
gencias do epicedio, e a ode conclue por
esta estrophe lapidar e funeraria, de uma
desolação sublime:

*Ah! Que nos resta, ainda, de baixeza
A escasiar na despolida taça,
Onde a Impudencia desnudada, acceza
Em judaica acidez, ulvando escoça?
É, pois, bem morta—a raça portugueza?
Não mais acorda—a alma d'esta raça?
Debalde o poeta pulsa a ferrea lyra!
Ninguém responde. Ao longe, o mar—suspira...*

Um violista cego

Muitissima gente no Palacio, attrahida pela musica, e pelo esplendor do tempo. Dia admiravel, um dos mais deliciosos da quadra. Poucas vezes temos gosado um ceo tão limpido, uma temperatura tão cariciosa. A atmosphaera, de uma extraordinaria, uma ideal transparencia; a paizagem, como nos paizes tropicaes, sem perspectiva aerea, sem distancias, recortando e colando as coisas n'um mesmo plano, com uma nitidez de contornos e uma vivacidade de pittoresco perfeitamente maravilhosas!

N'essa plenitude, n'essa beatitude de paz, de expansão, de encanto, de esplendores, a alma enclausurada e inconsolavel de um cego rouxinolou no seu êrmo e na sua noite,—junto da multidão festiva, em tórno o dia radiosissimo...

« O Templo »

Guerra Junqueiro cooperou no esplendido sarau celebrado no Principe, 5 de

março de 1886, a beneficio da escola Marquez de Pombal, em que fôra ultimamente volvida a esforços do partido liberal portuense a capella de Santo Antonio da Aguardente.

Anciosamente aguardado, Junqueiro assomou no palco, e o apparecimento do glorioso poeta foi saudado com uma girandula ovante dos mais vehementes applausos. Entrou com um ar hesitante, n'um enleio ou n'um enervamento visivel, e essa como conturbada attitude da alma sublime do cantor dos *Simples*, e do espirito soberano que fulminara com trovejantes e rubentes estrophes a hypocrisia hieratica, foi recebida por toda a sala com um grande sussurro em que palpitava a sympathia mais intensa e mais festiva.

Guerra Junqueiro recitou uma das mais bellas composições da *Morte do Padre Eterno* — o *Templo*, imagem monumental da Edade-Media. No profundo silencio absorventissimo que se estabelecera na sala, a voz metallica, vibrante, cortante, do extraordinario poeta começou construindo em versos, que avultavam como blocos titanicos, o templo gigantesco da Fé. Cayou-lhe o immenso recesso tenebroso e funebre de crypta, e viu-se n'essa treva, livido, exan-

gue, um martyr que jazia alto n'uma cruz. E nada mais, na vastidão silente e caliginosa do recinto, que um macerado cenobita em extasis...

O templo é coberto de uma grande abobada de bronze, e os seculos passam, perante a sua indestructibilidade formidavel... Até que, finalmente, um dia, uma terrivel convulsão celeste desencadeia-se, a abobada vòia em estilhaços, uma erupção de luz e de vida vibrantissimas invade o templo, e a aguia real — a consciencia humana, — sacudindo as azas a toda a envergadura, arranca n'uma abalada enorme, espaço em fóra!

Depois d'isto, ha um hymno-Renascença, uma symphonia pantheista de um relevo e uma largueza admiraveis.

Não se descreve a ovação que toda a sala, n'um magnifico impeto, consagrou ao portentoso poeta.

Visão suave

2 de fevereiro, 88. — O Porto conheceu e festejou essa physionomia graciosa — a

actriz Palmyra, que não ha muito ahi foi celebrada nas estancias dos poetas e na prosa dos jornalistas, com uma tão viva exuberancia de lyrismo, e que, a uma rubrica de tragedia imprevista, acaba de sair bruscamente do tablado para um pavoroso camarim de cemiterio...

Pobre gentil artista!

Era com effeito uma figura gentilissima de rapariga de uma esbelteza ideal, ser delicado e translucido, physionomia de uma luz suave como um contacto de alma veludosa, grandes olhos negros de uma acariciante doçura, pequenina cabeça hellenica de uma inquietude e uma graça de ave, coroadada de um nimbo de cabellos fulvos como uma esplendida meada de ouro!

Lembra-nos o seu noviciado artistico, a sua encantadora apparição no Baquet, o seu ethereo vulto de ballada alvejando na cerração de crime de uma tragedia barbara de Zola... Depois, ha bem pouco ainda, a artista partia para Lisboa. Colhida por uma tistica violenta em plena manhã da vida, foi toda alvorejada de graça e de mocidade que a desditosa baixou á sepultura!

« Poesia do Mystério »

A nova phase poetica de Narciso de Lacerda, assignalada no seu ultimo livro de versos—*Poesia do Mystério*, não a estranhámos nós outros, que ha muito conhecemos o character, alevantado e meditativo, do talento do poeta. Ha preludios manifestos d'essa condensadissima, opulenta e cristallisada poesia, n'uma ou n'outra composição dos *Canticos da Aurora*, representantes de uma das estreias mais fulgidoras da nossa litteratura contemporanea.

Narciso de Lacerda cantara o amor que a sua alma ardente, de uma sublime piedade que só vibra fundo em corações superiores, consagrava n'um grande impeto de sympathia ás organizações de uma nobreza evidentissima, ou pelo poeta anciosamente sonhada, mas coagidas ao descenso vertiginoso pela aspera rampa do infortunio. Cantara o infinito amor, que, ainda á força do trahimento e do ludibrio, se mantem imperturbavel, suspenso de uma alta misericordia, por sobre os tremedaes da alma eleita, como ao de cima dos pantanos se libra, illuminando-os, a dóce claridade inal-teravel das estrellas!

A desventura, o drama intimo, seduziam-no, a esse generoso poeta, a quem a viva intuição do infortunio agita, amplificando-o n'uma compassiva e elevada comprehensão da alma humana. Impressionava-o pungitivamente a existencia de alguma d'essas pobres Marions da escoria, em cujo coração, por vezes, reclina a dôr pesadamente a fronte adormecida, quando na consciencia é noite, quando a embriaguez e o delirio imperam; de repente, faz-se na consciencia uma luz cruissima, ha uma vasta aurora que se fuunde n'uma grande orvalheira de lagrimas, emquanto que tudo avulta a essa luz implacavel — a visão saudosa do passado, que vela de magua e de vergonha o rosto, a esqualida conjunctura do presente, que se afoga n'um circulo intransponivel para todos os acatamentos da sociedade, para os gosos serenos e penetrantes da familia, — um estreitissimo e ferreo circulo que tem sahida apenas para o gelido catre do hospicio, d'onde se resvala ás fauces de uma cova.

Depois, a impressionabilidade finissima do poeta adquiriu mais em aza, dilatou o seu ambito, e vemol-o então fixar na immensa harmonia cosmologica a sua limpida pupilla visionaria e triste, — pupilla de

illuminado e de nostalgico,—interrogando a eterna esphinge impenetravel, debatendo-se na formulação do inexprimivel, correlacionando transcendentemente os contrastes da vida, o claro-escuro da natureza, vislumbrando o absoluto, perscrutando a unidade fundamental da substancia, contemplando a luz do verme e a luz dos astros, surprehendendo occulta a morte na irradiação alta das estrellas, irmanando o thalamo e o sepulchro, o amor e o aniquilamento, capitulando as affinidades mais reconditas, conciliando as disparidades mais flagrantes, descobrindo na face do assassino moribundo o sorriso que banha a face do asceta, quando a morte o emancipa das leis fataes que o agrilhentam, olhando em tudo um grande symbolismo eloquente, de poderoso e maravilhoso verbo, transfigurando tudo ao largo sopro pantheista que o anima!

Essa poesia é magnifica de sonho, de pensamento, de realisação artistica. Devaneia-se, ao philtro mysterioso que, lendo-a, nos repassa. A profunda melancolia de que todo o livro se encontra impregnado incute-se-nos subtilmente pela alma, como um veneno suavissimo que nos faz sonhar!

Sugestão musical

... Mar tranquillo e solitario, cuja superficie, na sua passagem silenciosa, a lua, ao de leve, enruga, com a etherea cauda argentea das suas vestes... Na soledade da noite, na placidez profunda e na scenographia phantastica da noite,—pela immensa planura aquatica uma avenida ampla de luz, reverberando, abrindo-se, ao trajecto imponderavel da branca Ophelia dos espaços, a somnambula celeste que vem diffundir na terra o cortejo vago dos seus sonhos—pallidos de saudades e de melancolias infinitas...

Então a symphonia é larga, devaneadora, inspiradissima. Os violinos estiram dilatadamente as suas notas calmas, e de uma tal vastidão de impressividade que o mar se nos alonga, infindavel, pela alma, entanto que o luar o inunda ao limpido e fluido soar da flauta irradiando e tremulando por toda a massa orchestral...

O actor Antonio Pedro.

24 de julho, 89. — Tiveram o seu supremo desenlace os crueis soffrimentos que, de longe, vinham atribulando o notabilissimo artista. Antonio Pedro, que expirou na manhã de hontem, padecia de uma lesão cardiaca e de uma bronchite asthmatica, ás quaes sobreviera recentemente uma anasarca.

Havia já mezes que o artista arrastava uma existencia de martyrios, pungido pelas crises dolorosissimas da enfermidade, absolutamente prostrado de animo pela nitida consciencia da sua situação inappellavel. Foi um bem terrivel prefacio de morte esse largo transcurso de amarguras, esse prolongado e tormentoso descendimento á immensa acolheita e á paz da cova!

A morte baixou o panno tenebroso sobre a tragedia ultima e dilacerante do grande actor — uma das figuras mais vivamente geniaes do nosso theatro. Cêdo, o glorioso coveiro de *Hamlet* passou a enxada e a fria canção do cemiterio ao rude e ao indifferente plebeu que ha-de hoje abrir-lhe a sepultura!

*

Escasseiam-nos elementos para traçar a biografia d'este extraordinario artista, que foi, seguramente, um dos talentos mais espontaneos, mais individuaes e radiosos que ainda fulgiram no palco portuguez. Sabemos tão sómente que Antonio Pedro iniciou a sua carreira theatral sob a direcção e os incentivos de José Carlos dos Santos e que, a despeito de uma profunda ignorancia, de uma instrucção méramente rudimentar, não tardou que revelasse brilhantissimas disposições artisticas, seguindo a pouco trecho n'essa esteira maravilhosa de triumphos assignalados no *Tartufo*, no *Paralytico*, no *Sargento-mór*, no *Saltimbanco*, no *Hamlet*.

De uma intuição perfeitamente genial, sem cultura, sem educação esthetica, sem processos analyticos, Antonio Pedro adivinhava os personagens, mais do que os estudava, e os seus trabalhos tinham todo o caracter typico de verdadeiras creações, profundamente marcadas com o sello de uma individualidade inconfundivel. Era um grande instincto, uma esplendida organização de artista. — A proposito, lembra-nos um facto eloquente. Quando Coquelin este-

ve em Lisboa, os societarios do theatro de D. Maria convidaram o magnifico actor da Comédie Française a assistir a uma representação do *Hamlet*. Coquelin assistiu, sem grandes manifestações de elogio, até ao quinto acto. — Que era um trabalho correcto, consciencioso, apresentavel. — Quando, porém, chegou a scena dos coveiros, Coquelin entrou a observar Antonio Pedro com um vivo interesse, e, n'um ponto, exclamou: — «Ah! eis ali um verdadeiro artista!»

Mascarrão de bebedo

13 de janeiro, 91. — Antonio Maria Ferreira, o *Estabareda*, appareceu na rua do Laranjal, madrugada de hontem, prostrado pelo vinho e pela doença. Conduzido logo para o hospital da Misericordia, morreu, passado algumas horas.

O *Estabareda* era o mais accentuado e o mais interessante dos nossos typos populares. Extraordinaria figura de borra-

chão, conhecidíssima em toda a cidade, face larga, violenta e vinulenta, com qualquer coisa de grandioso e de épico assumindo rasgadamente as proporções do typo, soberbo mascarrão de bebedo vehementemente modelado pela crapula, a ponto que, toda a vez que o topavamos por essas ruas cambaleante ao peso da zurrapa e dos velhos achaques, nós tínhamos a impressão das formidáveis mascaras de Germain Pilon escancaradas com toda a tragedia caricatural do seu rictus nos versos espantosos de Hugo, como no granito verde-negro da ponte Nova.

Sucedeu com o *Estabareda* o que succede com todas as vigorosas physionomias typicas — fez lenda, e contam-se do grande borrachão plebeu um sem-numero de anedotas e ditos magnificamente harmonicos com o aspecto inolvidavel da sua figura. — Uma noite, *Estabareda* jazia prostrado na rua de Santo Antonio, perto de um candieiro da illuminação publica, a cem braças de somno e de bebedeira. Vem a madrugada e, solícito, o edil apaga a ramelosa lamparina. *Estabareda* acorda estremunhado e tem este dito sublime:

— Eh lá, seu gajo, não me apague a luz da sala!

« *Largueza!* » — era a apostrophe invariavel do *Estabareda*, na sua rouca voz de stentor aguardentado, a quem quer que por elle passasse na rua.

Uma occasião, encontrando-o um policia com uma grande carga de *envinagres*, dá-lhe voz de preso.

— Acompanhe-me!

— Acompanhe-me! Você tem medo? Pois olhe que ainda é dia!

No Carmo, o quarteleiro manda-lhe fazer uns despejos:

— Faça-os você! Se lhe não serve o inquilino, ponha-o na rua!

Outro dia, encontraram-no para ahi combalido e miserrimo... — « *Largueza!...* » — e perguntaram-lhe:

— Então como vae isso, *Estabareda*?

— Mal. Vou qualquer d'estes dias a ares ali para *Agramonte*!

E foi, com effeito, volvidos poucos dias, para a sua unica estação possivel de ferias e de repouso. — *Agro monte!* — Ali se encontra finalmente — *a ares* — o malaventurado e pobre *Estabareda!*

Nos Alpes

A proposito do livro «A Natureza nos Alpes», de Evaristo Saraiva:

O autor percorreu aquellas grandiosas regiões, illuminado por uma esplendida intuição artistica e por uma cultura intellectual ao nivel do apprehendimento. Assim, a narrativa das suas impressões de viagem anima-se de um colorido intenso e justo, em que ha elementos de molde a proporcionar uma ideia bastante nitida e larga da gigantea visão inspiradora do livro.

Touriste consciencioso e avido de commoções profundas, Evaristo Saraiva comprehendeu com um enthusiasmo, que nós outros attingimos, esse systema excepcional de montanhas, em cujas solidões alpestres a aguia desfere um vôo amplissimo, e onde, no reconcavo dos rochedos, no recesso austero das ermidas, o homem eleva fervorosamente a Deus, a maior altura que a dos pinaros e a das aguias, o anejo religioso do seu espirito. O autor viu de perto o monte Branco, esse venerando patriarcha dos montes ; trepou, aferrando-se

á grimpá dos alcantís, pelas escarpas abruptas e monstruosas; alcandorou-se no teso d'aquelles pincaros; passou, na vertente dos precipícios, pela resvaladia superficie das geleiras; espraçou, das cumiadas, alongadamente a vista pela magestosa vastidão do horisonte, e surprehendeu-se topetando com as nuvens — diadema d'esse augusto soberano a quem a immensidade corôa nas alturas!

L'immensité le baise et le prend pour amant!

A nós invade-nos, á leitura d'estes livros, uma insoffrida anciedade — inapagavel, uma desoladora e nostalgica melancolia... Ir tambem, peregrinos do ideal, em busca d'essa fonte inexhaurivel de estonteantes bellezas, de contentamentos infinitos, a estancar a sêde interior, que nos abraza! Alargar a vista por esses enormes panoramas, espantosamente accidentados; impulsal-a n'um vôo immenso por todo esse horisonte; dilaceral-a em vertiginosa queda pelos recostos anfractuosos que se lançam a pique sobre o abysmo; precipital-a ao fundo escabroso dos algares; alarse ella, de um impeto, ás mais subidas eminencias; estender-se dilatadamente, des-

lumbradamente, por sobre a neve — manto real de arminho, de gigantescas pregas, lançado pelo espaço aos hombros da serania; embebel-a, embeber toda a alma, como se embebe uma esponja, nas profundezas do vasto azul immaculado!...

Beethoven — Mendelssohn

... Promettia-se a *Pastoral* de Beethoven — uma das obras-primas do Artista incomparavel, ante o qual se curvava Goethe, o olympico autor do *Fausto*.

A execução esteve ao nivel da symphonia: transmittiu-nol-a com o portentoso relevo que ella attingiu na concepção de Beethoven, e, atravez da genial torrente de harmonias desencadeadas por quarenta ou cincoenta executantes, nós sentimos vivamente a frescura, a suavidade bucolica e todo o festivo encanto d'essa paisagem campestre, a linha ampla do horisonte, o murmurante derivar da agua, avesinhas no azul chilreando, a mansa ondulação larga

da seara loura, a alegria, a potente cordealidade expansiva dos aldeões... — a tempestade ao longe e a sua tôrva ameaça, o seu avanço brusco e formidável, o *ecce* terrificante estrondejando n'uma explosiva dispersão de sons, turbilhão fragoroso em que a chuva se arroja em catadupa, em que esfusia o vento e o trovão ribomba, por entre o estridor panico dos camponezes espavoridamente cruzando com o raio no ceo caliginoso e révolto os seus altos brados de misericórdia!

A este imponente e admiravel trecho, em que, parece, retumba a propria voz dos elementos, succede o epilogo da *Pastoral*, o regosijo e a acção de graças dos aldeões pela extincção da trovoada, — uma cômposição sublime de solemnidade e unção religiosa.

Nicolau Ribas foi alvo de uma ovação magnifica ao executar o celebre concerto de Mendelssohn, com uma profundeza de sentimento e uma valentia extraordinarias. Verdadeiramente magico esse violino, sob cujo arco triumphal, ora radiantes de bravura e de impeto, ora tristes, desoladas, gemebundas, o artista fez passar as altas notas do maestro, n'uma longa desfilada esplendorosa!

«Poetas mortos»

Joaquim de Araujo consagrou n'uma formosissima galeria de sonetos a impressão subtil e profunda que meia duzia de artistas radiosos lhe deixaram a vibrar perduravelmente na alma. Esses artistas — Cesario Verde, Eduardo Coimbra, Gonçalves Crespo, Guilherme de Azevedo, Guilherme Braga e Pedro de Lima — são interpretados no opusculo dos *Poetas mortos* com uma superior intuição psychologica, em breves escorços primorosamente perspectivados e de uma execução perfeita.

Destacamos estes dois perfis preciosissimos:

GUILHERME DE AZEVEDO

*Como exilado em sonhos contemplando
As paisagens leaes da terra amada,
Assim elle morreu, pallido, olhando
A mocidade limpida e dotrada.*

*Por essa branca e luminosa estrada
Passavam aguias triumphaes em bando:
Cantava hymnos augustos a alcorada,
Uma «alma nova» ia desabrochando.*

*Entre o duro martyrio da agonia,
Embalou-o a suave nostalgia
D'essa idade feliz, perdida ao longe...*

*Vinde beijar, ó limpidas chimeras!
Na fronte onde esplendiam primaceras
A aureola phantastica de um monge!*

CESARIO VERDE

*Amara a Natureza, sobretudo
Quanto aos seus olhos avidos fulgia,
E tinha um riso honesto, de velludo,
Com lairos esbatidos de ironia.*

*Pouco expansivo, quasi sempre mudo,
Não sei que sombras no horizonte via:
A Arte dava-lhe o supremo escudo
Contra o veneno da melancolia.*

*Morreu sem odios, expirou amando:
O olhar foi-se-lhe, aos poucos, apagando...
Sereno, adormeceu no eterno somno...*

*E entrou no seio d'essa Mãe austera,
Que faz florir a verde primacera
E que regula as tirações do outomno...*

Como se vê claramente, o genero é difficilimo, e, se o artista excelle n'esse campo, é que dispõe de um raro conjuncto de predicados de primeira ordem, alliando ao senso critico e á visão synthetica as mais dexteras e as mais lucidas faculdades de realisação. O soneto, pela sua fôrma restricta e fixa, obrigando á sobriedade, á precisão e ao incisivo do traço, presta-se magnificamente a estas rapidas e fulgurantes evocações, e de certo o leitor não terá

esquecido esses admiráveis versos dantescos, de um tão firme e de um tão alto relevo, em que o autor dos *Iambos* e do *Pianto*, como em medalhões de bronze, deixou gravados os perfis de Alighieri e de Buonarrotti. De resto, o autor da *Lyra intima* e dos *Occidentaes* não veio em nenhum modo surprehender-nos com o seu bello opusculo, pois ha muito conhecemos o caracter de espiritualidade do seu talento e o seu notavel poder de executante. Veio, sim, produzir em nós uma satisfação vivissima, derivada a um tempo da emoção esthetica, e da sublime piedade que nos seus sonetos irradia por esses queridos mortos inolvidaveis, cuja memoria alada, em esplendidas revoadas de versos, passa no azul eternamente cantando— no vibrantissimo azul sem mancha dos nossos enthusiasmos!

As Janeiras

Á hora em que escrevemos, as Janeiras estrondeiam á nossa porta, rispivamente,

no barbaro conflicto dos seus metaes e dos seus zabumbas. De vez em quando, passa de enxurrada pelas ruas a esturdia de uns batuques ignobeis e grotescos. Uma furiosa e bebada algazarra selvagem vae n'um estranho contraponto com essas asperas fanfarras em apotheose ao Deus-Menino, que a esta hora nos transparece, ao longe, no silencio e no extase do seu presepio, dormindo o seu somno de infancia á tepida bafagem cariciosa dos bois mansos, que vão ruminando um como vago e profundo somno, imperturbavelmente calmo, divinamente abstracto e dôce...

Alleluia! Alleluia!

Subitamente, o sepulchro de Jesus des-cerra-se, e, envolto de um nimbo immenso de resplendores, o Homem-Deus, redivivo, ascende, firmamento em fóra,— como se, essencia purissima, a divina essencia do amor, que elle era, não vissem a natureza e as almas que Jesus tivesse que restituir

á terra para evolar-se infinitamente nos ceos!

Tudo ahi vae n'uma explosão de festa! O desconcerto metallico dos Quasimodos diffunde-se n'um delirio pelo espaço com o retumbar das bombas em que os Judas rebentam perante o discreto regosijo das pessoas graves e compostas, e os uivos e a algazarra do rapazio esfervilhante. A noite da morte de Jesus resolve-se n'uma como aurora violenta: é a alegria que fulgura, e em vez das aves gorgeando a dynamite estoira e os carrilhões dlindinam. As praças apinhôam-se de uma população avida de presenciar a execução capital do homem de Kerioth, que, á semelhança do grande atraçoado de Gethsemani, é corrido e enxovalhado de troças, antes de evadir-se no derradeiro alento. A Igreja assiste, gaudiando, ao supplicio da ovelha gafadissima do pastor Jesus. E enquanto, envergada uma quinzena grotesca á laia de sambenito, o lendario biltre se abraza n'um auto-de-fé estrondejante e patusco, ella escancara no alto dos campanarios as suas negras fauces, prorompendo em vivissimas gargalhadas de bronze!

Alleluia! Alleluia!

Os folares

Vae uma orgia de côr e de requintadas fôrmas galantes pelas *vitrines* das confeitarias. Tudo ali grita e gesticula em desesperado appello aos olhares do transeunte. Flammandes, provocadores, innumeraveis, os folares acotovellam-se e atropellam-se, qual haja de mostrar-se mais *coquette* e mais irresistivel. A mim! a mim! parece cada um d'elles clamar no timbre especial da sua tinta, e na extensa gamma turbulenta o escarlata esfusia estridindo. As amendoas, garridas, variegadas, apparecem como um pedregulho a monte, e são como a populaça anonyma d'aquellas côrtes magnificentes, onde *puddings* gran-senhores e radiosas bonecas magestaticas se estadeiam na pompa dos seus setins, do seu ouro, das suas flôres, das suas rendas, — ao lado o classico polichinello respingando jogralidades.

São as imagens do vosso coração o que ali vêdes, amoraveis e bondosos transeuntes! Os vossos bebês, os vossos amores, todos aquelles que vos são queridos, todos aquelles que vos dulcificam a existencia, e cujos dias dulcificaes, não pedem n'este

momento ao vosso affecto senão que elle se concretise n'este singelo e commovente symbolo — um dôce. Ha nada mais meigo, mais gracioso e mais justo? Corações em amendôa e em confeitos, corações-*pud-dings*, corações-regueifas, corações, em summa, revestindo as diversissimas fórmas da confeitaria, e todos elles com um fundo commum, incomparavel, — a bemquerença, que é o assucar da alma!

As creanças, coitaditas! passam estonteadas por entre o charivari d'aquellas côres, d'aquellas tentações, d'aquellas maravilhas. Chegou a quadra do balanço e da liquidação de contas: e então os bebésitos, os adoraveis bufarinheiros que todo o anno andaram a prodigalisar-nos a divina mercadoria da graça e dos carinhos e dos encantos, tiram impositivamente do seu razão e do seu diario, e querem ser embolsados d'aquillo que se lhes deve. Tanto sorriso, tanta doçura espalhada vale bem, padrinhos! um cartuchito de amendoas... Eil-as ahi a rôdo, eil-as ahi a monte e aos milhares, pequeninas, festivas, encantadoras, — jóguinhas da praia agglomeradas no primeiro plano das *vitrines* pela onda espumante e mirabolante, a préamar faustosa da gulodice que após lhes tumultúa!

Padrinho, vae fazer provisão dos teus folares!

Amor, vae fazer provisão dos teus confeitos!

« **Vespertinos** »

Este livro, a estreia poetica do sr. Bernardo Lucas, assignala qualidades notaveis de artista, crédoras, por certo, de mais acalentadora homenagem do que lhe foi tributada na imprensa. Não abundam entre nós as primicias de arte com um caracter mais auspicioso que os *Vespertinos*, no seu duplo aspecto de inspiração e de fórma, e se ha deficiencias, ou erros fundamentaes, alguma coisa, que é muito n'um principiante, sobrenada victoriosa pelas diversas producções do livro, de maneira a podermos applaudir francamente o poeta, na convicção de que não poucas incorrecções, que ao presente se lhe observam, hão-de vir a desabotoar-se n'uma bella florescencia de meritos incontrastaveis.

Comprehendem-se n'este caso os defeitos que promanam da *sympathia* nobre do poeta pelos assumptos transcendentos, elevados, da sua aspiração a esse alem das graciosas poetisações individualistas do instincto amoroso, ás alturas d'onde a vista abraça, nos seus ideaes, nos seus enthusiasmos, nos seus soffrimentos, nas suas luctas, o agitadissimo e vasto mar colectivo da humanidade sentimental e pensante. E assim, bem longe de manifestações negativas, as aberrações estheticas do autor dos *Vespertinos*, que n'esta categoria se filiam, são, quanto a nós, uma esplendida promessa — honrada, porque se ha-de saber cumpril-a, quando, pela idade e pelo estudo, o poeta haja attingido uma envergadura mais ampla e mais poderosa.

Entretanto, urge trabalhar, — lançada á margem a critica pessimista e lórpa dos malevolos e dos ineptos, estabelecido pelo artista, em volta da sua individualidade, um ferreo cordão sanitario, uma fortaleza de consciencia e de orgulho, que a mantenha indemne da acção deprimente dos mentecaptos e dos biltres, do influxo de todos aquelles em cuja presença o nosso olhar se suja: trabalhar tenazmente, incessantemente, explorar, dia e noite, com uma

obstinação invencível, o filão de ouro que se nos entreabriu na alma, cavar fundo, abrir poços e galerias sem conta, construir um immenso labyrintho de arcarias e de palacios subterraneos, perseguir em todos os seus caprichos e em todos os seus meandros o veio radioso que nos serpeia pelo intimo, lançando clarões fugaces e escoando-se furtivamente no dedalo das profundezas. E, uma vez apanhado, fixado o metal preciosissimo, é depural-o a todo o jogo dos agentes artisticos, com uma lucidez e uma paciencia imperturbaveis, de maneira tal que n'este refugamento de fezes e de impurezas se não extraviem quaesquer particulas necessarias á substancia ou á mesma attitude esthetica do pensamento. A ideia com toda a sua aza e todo o seu vôo, n'uma fórmula absolutamente justa!

*Point de contraintes fausses !
Mais que, pour marcher droit,
Tu chausses,
Muse, un cothurne étroit.*

O talento do sr. Bernardo Lucas é digno d'esta rigorosa disciplina de volição. Nos *Vespertinòs*, aqui e alem, ha versos em que se ouve frondejando a arvore de

Dodona, e vivas tintas auroraes esplendem no conjuncto d'esse livro, como arautos de um bello dia.

Lucinda Simões

Raros aquelles que, n'um departamento qualquer da arte; vingam assignalar-se com um tão vivo esplendor.

A alma d'essa artista radiantissima tem a mutabilidade magnifica das mais elevadas eminencias da scena, o privilegio de fundir-se inteiramente n'este e n'aquelle character, de transmigrar em individualisações profundas por um amplo estadio da galeria humana.

Como em guarda-roupa immenso, ella escolhe n'esta galeria, a seu talante, a alma setinea, a alma velludo, a alma trapo: das paixões, de todas as fatalidades accidentaes ou congenitas, as almas pendem — umas simples, caíndo repousadamente em vagas dobras, outras enormemente complexas, estorcidas, violentadas, trabalhadissimas de labores de toda a ordem.

Mas no talento da artista ha contornos para ajustar-se estreitamente a uma larga diversidade d'essas intimas roupagens: e quando, no carnaval dos tablados, ella representa o drama da existencia, ninguem, ao vê-la, que não cômprehenda, n'uma intensa visão de realidade, as contorsões pavorosas do remorso, e toda a felinaria de seducções irresistiveis em que pôde envolver-se a perfidia feminina, como n'uma photosphera que deslumbra.

Nós saudamos esta bella alma esthetica, onde, como á flôr de um grande lago, vão boiando tantas almas agitadas, fundindo-se-lhe maravilhosamente na propria onda, e espumando por sobre as multidões entusiastas. Saudamos esse lucido talento, em que tão integralmente se infiltra e se condensa a casuistica impressa no coração da Mulher moderna, e que é, com todo o seu clarão, uma absorventissima camara-escura, onde as mais subtis *nuances* splendidamente se retratam. Elle é uma grande janella aberta de par em par á face das almas, um espelho de extraordinaria potencia reflexiva, captando e fixando em si a luz, vivificante ou sinistra, de uma extensa escala de organizações humanas.

Saudamos a culminante artista!

Theatro

Le Demi-monde é uma das obras-primas de Alexandre Dumas (filho).

São conhecidos de todos os espiritos cultos os grandes defeitos do ruidosissimo litterato francez:—a sua predilecção pelo paradoxo, a extravagancia inverosimil de muitos dos seus personagens, as *preciosidades*, aliás eloquentes, do seu estylo, a conducção irregular do entrecho das suas peças, em que, do mesmo passo que avultam algumas situações verdadeiramente magistraes, se tropeça com frequencia na intervenção do acaso e do capricho, no violentamento da acção,—tanto mais estranhavel quanto o dramaturgo se empenha em formular, na maior parte das suas producções, a resolução de algum problema social.

Por outro lado, todos admiram o profundo conhecimento do Homem, que as peças do illustre escriptor demonstram, a engenhosissima sciencia com que, do jogo dos colloquios e do embate das situações, elle faz resaltar, nitida e scintillante, a physionomia, por mais complexa, de um character e de um meio social.

O processo é moroso, frio, mathematico, levado pelo calculo até o ultimo dos pormenores; pecca, talvez, pela nimia ponderação das minudencias, que se realisa, não raro, á custa dos lineamentos geraes. — Como estamos longe do velho Dumas, o pujante e magnanimo *génie noir* do romantismo, — da sua torrencial fluencia, dos seus relampagos de intuição dramatica e psychologica, dos seus impetuosos e esplendidos assaltos na conquista dos caracteres e do episodio ou do conflicto impressionante, de todo aquelle seu meio artistico, tão largo, tão saturado de feixes de luz e de vagalhões de oxygenio, onde se respira a plenos pulmões e a plenas fauces, entrando-nos pela alma todas as energias viridentes, na sua primitiva simpleza, — a saúde, a força, a heroicidade, a alegria enorme, a irresistivel graça dos bons espiritos luminosos e francos!

E, entretanto, Dumas (filho) é um investigador magnifico da alma humana: investigador penetrante, de uma hermeneutica subtil, de uma extraordinaria audacia, reflexiva, de concepções e de realisação; mas analysta essencialmente parisiense, soccorrendo-se a elementos cerebrinos como a outras tantas garantias de exito, sacrifi-

cando a arte ao espirito *blasé* do publico, a realidade á scintillação momentanea do abstruso ou do paradoxo. Dumas é o primeiro a reconhecer isto mesmo. Justifica-se pela necessidade inalienavel de transigir de algum modo com os preconceitos e vicios do publico, afim de obter vehiculo para a acceitação, para a inoculação de umas tantas doses, embora homœopathicas, de verdade. Elle, de resto, avança firmemente, redarguindo a Emilio Zola, que nenhum dramaturgo fez ainda uma tão larga e arrojada sementeira de salutaes verdadees como a diffundida pelo seu theatro. Isto, avançado na patria de Molière, é simplesmente monstruoso! Incontestavel, todavia, a importancia social do theatro de Dumas (filho), que é, a par com Emilio Augier, o mais notavel dramaturgo da França contemporanea.

Que luminosissima definição a dos caracteres no *Demi-monde*! Jalin, a baroneza d'Ange e Nanjac são personagens intensos de vida, intimamente, logicamente filiados no meio d'onde procedem e onde actuam. Essa classe depravada, o *demi-monde*, a quem a comunidade no vicio e no refugamento social reuniu e vinculou n'uma alliança offensiva e defensiva contra o meio

hostil que a circumda, essa classe refractaria a quem os desdens geraes, por ella no rancor soffridos, recaldearam no cynismo e ensaiaram magnificamente, para a vingança, em todos os tramites da comedia humana, — escancara-se na peça de Alexandre Dumas com uma ostensão vigorosa, na plena sordidez do seu mechanismo, das suas molas, dos seus triumphos, das suas catastrophes. De vez em quando, a nota é forçada, ora no puro dominio esthetico, ora na tangente dos intuitos moralisantes da comedia. Assim, no terceiro acto, o occultamento, na pasta, da carta da baroneza d'Ange; mas, sobretudo, o final da comedia, a peripecia do combate, expressamente combinada para o espalhafatoso ludibriamento da baroneza, e para a victoria rutilante da moral!

A actriz Lucinda Simões, a quem a mais bella celebridade precedia, correspondeu maravilhosamente á expectativa. O papel de baroneza d'Ange foi por ella desempenhado com uma alta consciencia, com um relevo notabilissimo de talento. Um naturalismo, quasi sempre impeccavel, na dicção, na physionomia, nas attitudes; uma grande intuição amplificando o espirito da peça, illuminando-o, sublinhando-o, inten-

sificando-o; os cambiantes, delicadissimos, complexos, traduzidos de uma fôrma surprehendentemente lucida. — Foi falsa, a actriz, no modo como representou a sobre-excitação da baroneza d'Ange, durante a feitura da carta para o marquez de Thonerius; logo em seguida, porém, levantou-se, admiravel, na febricitante graciosidade, felinamente infantil, com que pretende esquivar essa carta a Nanjac, e em tudo o mais que succede—a raiva intima, a eterna desesperação de amor, casadas com suprema arte n'uma synthese vertiginosa de soluções, de convulsões, de rogos—verdadeiro turbilhão a que o publico respondeu com uma descarga electrica de applausos. A meencionar, ainda, os episodios da lucta com Jalin, e a derradeira peripecia—a assistencia cynica da baroneza ao desabamento de toda a felicidade sonhada, o desvendamento abrupto d'aquella alma abjecta, que a fatalidade subitamente arranca da sua fascinante bainha marchetada de preciosissimos encantos e de seducções irresistiveis!

*

Não tem qualidades solidas, que a recommendem, a comedia-drama *Dalila*, de

Octavio Feuillet, o escriptor cortezanescio do segundo imperio, o femineo dramaturgo e romancista, cujas producções, recheadas de convencionalidades *chics* e de personagens melodramaticos, despertam a ideia de um grande theatro de *marionnettes* movendo-se, elegantes, sobre um fundo phantasticamente luminoso de gloriola de magica.

É ver a *Dalila!* Nada mais falso do que os typos, a maior parte das situações, os pontos capitaes do entrecho.

Com isto, ha que registrar um certo engenho de mecanismo scenico, e, de quando em quando, a belleza, innegavel, da linguagem, que, a longos intervallos, attinge a eloquencia. Quanto a alcançar profundamente a verdade humana, a ter no talento o portentoso ovario, d'onde surja, individualisado e intenso, o drama palpitante da vida real, é isso de uma ordem que sobrepuja, um pouco, as forças de Feuillet, e que não se depara senão ás intelligencias creadoras. Vae longe o tempo em que o nome do autor de *Montjoye* era apregoado aos quatro ventos por todos os trombeteiros da critica: bem depressa havia de vêr-se que não eram positivamente as do juizo final, essas trombetas officiosas!

De resto, a *Dalila*, como outras pro-

duccões da mesma especie, tem fornecido estrado para a evidenciação de grandes talentos de interpretes. N'esta categoria, e ao nivel dos mais culminantes, avulta, sem duvida, no caso sujeito, a actriz Lucinda Simões.

É verdadeiramente supremo, inexcidível, o seu trabalho na *Dalila*. Trata-se do papel da princeza Leonor Falconière, libertina de alta estirpe, alma do mais fascinante e lavrado marmore, onde os veios do capricho, da lascivia e da ardileza colleiam como serpentes por todos os relevos da vaidade, sob todas as seduccões esculpturales e aristocráticas que a illuminam. É uma organização cruel, dominadora, temivelmente felina, espreitando, instigando as fraquezas do coração humano, colhendo-as de salto como a um bando de ratos estonteados e dando-as coquettementemente a devorar á sua famulencia de conquista, immolando tudo ao goso de rebaixar espiritos eleitos até á condição de escravos que a idolatrem, que á glotoneria immensa da vaidade lhe sejam um lauto e perennal banquete, opulento de iguarias, de flores, de orquestras, inundado de luz e vinhos inebriantes, de *hurrahs* explosivos, de cariciosos e interminaveis brindes!

Lucinda Simões vingou encarnar em si, primorosamente, esse character tão subtil, tão resvaladio, tão complexo. O seu trabalho é dos mais integros, dos mais fundamente e brilhantemente conscienciosos, que temos visto em theatro. Nunca a elegancia da mulher distincta, nunca o refinamento das perfidias femininas revestiram, com uma nitidez tão viva, fôrmas mais patricias e mais quintessenciadas. Assim, no limpidissimo cristal d'aquelle talento, como os diversos sentimentos se reflectem, como a alma, com toda a complicada riqueza do seu colorido, se refrange e se decompõe até o mais tenue dos seus elementos na mais escrupulosa inquirição analytica, e como ella, depois, syntheticamente e accentuadamente se retrata! Sobretudo no quarto acto, é deslumbradora a execução por parte de Lucinda. O desdem, o tédio, a glacial sobranceria inflexa despenhando-se bruscamente na attitude humildê e supplice, rojando-se, afogando-se em soluços e espadanando em rogos n'um desvaivamento de angustia — tudo isto foi traduzido com um vigor de realisação magnifico!

Furtado Coelho apresentou no papel de Carnioli o mais notavel dos trabalhos em que ainda o vimos. Impregnou-se vibrau-

temente do espirito do seu personagem, e foi, com frequencia, magistral. No quarto acto revelou-se-nos um artista superior, ao declamar, de um modo eloquentissimo, aquellas inspiradas phrases que determinam Roswein a abandonar a casa da princeza. Perfeitamente á altura d'esse esplendido pedaço de prosa, tão repassado de alma, tão commovido, tão intensamente dramatico.

*

Profundamente inverosimil no entrecho, de um parisianismo de frivolidade abominavelmente lentejoula e *espirito* na desenvolução do conceito ou do thema que a theorisa, a comedia de Sardou—*Divorcio-mo-nos*—não tem meritos que não sejam os de um paradoxo mais ou menos brilhante vestindo fórmulas de *charge* sobre a lei divorcial Naquet.

Trata-se de um caso, apenas, de incompatibilidade conjugal—o que é determinado por leviandade da consorte. «A mulher é perfida como a onda»: e foi a substancia d'este principio pessimista, magnificamente formulado por Will em holo-causto ao conde de Southampton, que ser-

viu de ponto de partida a Victorien Sardou para a structuração da sua peça.

Eminentemente livre, espontaneo, ligeiro, impressionaval, o coração da mulher, excepto se um pouco de superioridade moral o acorrenta, não se conforma com o enlace indissolúvel. Assim que, uma vez o divorcio legalisado, a esposa ordinaria não mais hesitará em infringir o contracto nupcial; mas, impellida pela fatalidade instinctiva da sua perfidia ou da sua versatilidade, prompto aborrecerá o amante como despresara e odiara o marido: e eil-a emfim na desillusão mais cruel, — perdida, eternamente desventurada: tal é, em synthese, o raciocinio que haja velleidades de entrever ao través da *blague* de Sardou.

De resto, a comedia arranja tudo pelo melhor no melhor dos mundos: a esposa desquitada salta aos braços do amante, sacia-se, indigesta-se, cae na esphera de attracção das pontas e eil-a que de novo resvala aos braços indulgentes e anhelantes do seu rico e incomparavel marido!

A comedia representou-se magnificamente no Baquet, sendo o sarau destinado á festa de Lucinda Simões. Desempenho maravilhoso por parte da actriz luminosissima — interprete da protagonista.

Não cremos possível traduzir com mais talento, n'alguns pontos, esse papel de consorte rebellada, volvendo-se pouco e pouco,—ao ver-se expulsa do eden conjugal, já sem fructo prohibido que a tentasse, já sem carcere que lhe suggerisse a fuga,—na mais desvelada e ciosa amante do marido.—Ao ter noticia de que o divorcio foi votado, como é alegre, com que franqueza o contentamento a agita, como o regosijo a inebria, com que familiaridade cordeal e gaiata ella faz o marido confidente de todas as suas faltas, de todas as infidelidades de que elle proprio lhe fôra ludibrio! Depois, gradualmente, lentamente, com uma nitidissima derivação de cambiantes, a phantasia, o pendor, a impulsão adulterina afrouxando, esvaindo-se, até á extincção completa, emquanto, por seu turno, a esposa vem de novo assomando, com o restabelecimento, agora cada vez mais firme, de todos os seus encantos e todas as suas seducções.—No ultimo acto,—a scena do restaurante,—que esplendorosa realisação! A subtil propriedade com que tudo aquillo é feito! A entoação da voz, o gesto, o minimo dos movimentos, são o corollario, strictamente logico, do personagem, surprehendido no seu meio e na

sua situação moral. Cada uma d'aquellas palavras, proferidas pela artista, revela, exactissimo, o timbre da alma do personagem. E, todavia, apesar de tanto escrupulo, de tanta preocupação, da intima e pertinaz observancia que uma tal perfeição exige, — que naturalidade, que abandono, que ligeireza, que dextro saltitamento de ave por toda a folhagem inextricavel do pormenor, por toda a miudissima e complicada ramaria das *nuances!*

« **Les Lusiades travesties** »

Fomos presenteados por Scarron II (Jacques Robert Mesnier) com a sua pittoresca e hilariante parodia, trabalho analogo áquelle que o velho autor do *Roman Comique* executou sobre a *Eneida*.

A obra de Scarron II, illustrada de caricaturas por Sebastião Sanhudo, agita umas duzentas e tantas paginas com um largo e vivo humor gaulez. Os versos — alexandrinos — são habilmente feitos, accu-

sando um forte cultismo de antiguidade classica, sem prejuizo, todavia, antes com uma grande vantagem, para o character alegre e ligeiro da producção, graças ao brilhante partido que o autor vingou tirar dos diversos elementos da theogonia pagã.

Alguns dos episodios da epopeia camoneana são volvidos, com muito engenho, na fórma picaresca; n'outros pontos, reina em absoluto a phantasia do autor, e, em geral, a *verve* espuma e os bons ditos ressaltam, açacalados, dextros, abundantes, cheios de espirito communicativo.

Em verdade que invejamos a poderosa tempera do autor—bom velho dos seus oitenta annos, cuja alegria tem resistido e subsistido, invulneravel, a toda uma aspera e pertinaz batalha desencadeando-se em desillusões amargas, em vicissitudes affrontadoras, em profundas e irremediaveis desventuras. Subsistencia tanto mais notavel, quanto é intenso o fundo de impressionabilidade affectiva que em J. R. M. se depara á *sympathia* de todos que o conhecem.

No proprio volume vibra esta aurea nota de sensibilidade cordeal. Em seguida á parodia, e sob o titulo *Essais divers*, encontram-se algumas poesias lyricas, entre as

quaes descanta um poema delicioso—o poema da andorinha. São vividos, sinceros, aquelles pequeninos versos, de uma tão suave tinta melancolica, — desolado ninho de saudades alongando na desesperança e no inverno da vida, como a ave que elles cantam, o seu triste e ancioso olhar para as regiões distantes onde a immensa primavera do amor habita, regiões inalcançaveis, que por um lado o oceano aparta, e, por outro, a idade para sempre distancia.

Ha n'essas sentidas quadras alguma coisa da *Musette* de Henry Murger, cuja reminiscencia nos trouxeram, e então as ouvimos, — juntas, as duas poesias, — entoando-nos pela alma a dolorosissima canção do supremo adeus e das saudades infinitas!

G. R. Salvini

Setembro, 1884. — N'esta cidade, todo o mundo conhece o distincto compositor, e

professor de canto, G. R. Salvini, — a sua vibrantíssima alma de artista, a sua corporatura pelasgica, descommunal, gigante, a sua palestra, tão culta e tão suggestiva, derivando com uma dextreza e perspicacia raras por todas as questões de esthetica litteraria e musical — na discussão de Beethoven e Hugo, Shakespeare e Glück, Dante e Palestrina.

Para mais de vinte annos teem trazido esse homem absorto n'um ideal intenso que, bem longe de apoucar-se ás continuas vicissitudes de uma existencia trabalhada ferozmente pela adversidade, como que tem achado um abundante repasto, para fortalecer-se e amplificar-se, n'esta mesma conjuncção de estorvos de toda a ordem. A cada uma das desesperanças que, á funesta evolução dos pormenores comesinhos da vida, se cavam no espirito eminentemente impressionavel do artista, o ideal frondeja e, piedoso, vae cobrir-lhe as ruinosas brechas da alma, por onde, silvando e ululando, passara a lufada aspera do infortunio.

Luctar pela arte, no espaço de vinte annos, sem um exito bem positivo, sem um reconhecimento, animador, de semelhante esforço, dispender assim um thesouro con-

sideravel de energia com um tal estiramento de tenacidade—é proprio de uma coragem robusta e de uma irreductivel confiança no valor do objecto que se propugna. Sobretudo n'este meio ingrato, onde os merecimentos reaes succumbem sempre, esmagados por todas as patas da mediocridade e ludibriados por todos os affrontamentos da villanagem, n'este miseravel meio, avesso, por essencia, a todas as nobres especulações do espirito e onde— as excepções são raras— positivamente não triumphá senão quem tenha a sufficiente baixeza de intellecto e de moralidade para acolher-se ao regimen despejadamente batoteiro que ahí lavra por toda a parte. Pois què! tu, homem de sciencia, tu, artista, e tu, homem de instinctos moraes superiores — tivestes algum dia velleidades de ser contados para qualquer coisa n'esta infame tavolagem verde, sobre a qual, de banda a banda, o paiz se debruça avido, e se retouça, e farta o ventre bestialissimo? Sois sabujos, sois cretinos, sois cynicos, dispondes acaso de alguns votos, venderieis o codigo, que vos fulgura lá dentro, por um prato de lentilhas, sentis-vos capazes de avergar a vossa grande virtualidade intellectiva e puritana ao ponto de serdes

degraus a quanta cavalgadura e a quanta concretisação de escoria moral o apregoado suffragio — suffragio de inconscientes pastoreados por infames! — desembésta para a governação do Estado?

Não! Vós sois integros e sois fortes — por vós mesmos, pelo vosso character e pelo vosso talento! Logar á bilhostragem que vence, logar a todos aquelles que, absolutamente baldos de faculdades que não sejam negativas, alugam ou vendem a propria nullidade aos traficantes que pela stricta nullidade imperam! Logar á jolda, ao concussionario, ao scelerado, ao galopim abjecto, ao ministro imbecil e ao ministro galiano... — logar a toda a cafila! — emquanto a agricultura, a industria, o proletario, o professor, emquanto que todas as forças vivas e positivas da nação se cada-verisam e se esphacelam! Logar franco a Shylock e á batota, ó vós todos, homens dignos, homens de ideal, ó vós, deslocados, eternos joguetes do couce e do escorção, refractarios, tristes atropellados d'esta victoriosa sociedade ferrada, cancerosa e repellente! Só um recurso vos resta n'este hediondo préamar de ignominias: evadi-vos, riscae-vos, eliminae-vos. Deus errou, rectificae-o. Vós sois, na vida, no texto ari-

do e raso, a monstruosa falta de concórdia. Expungi-vos do execravel texto— aleijões, abortos, comparsaria intrusa! Não tem outro alvo a fome, que vos ronda, senão essa divina errata. Que a fome vos supprima, que ella finalmente vos liberte! Deixae irradiar pelo intimo o algido resfriamento e a paz da morte!

Será esse o vosso triumpho e a vossa gloria. A gloria da pandilhagem e da chusma que para ahi cancanisa e se espoja será quando o paiz, tropego, cambaleante, esgotada a já hoje pendente e sovadissima teta do credito, bancarroteado, espatifado, funereamente pôdre e desaggregado em vermes, os hospitaes cerrados, os carceres escancarados... Mas não! Antes d'isso, qualquer paiz de rapina, qualquer poderoso abutre, virá por ahi dentro e implantará o seu dominio em meio do immenso mar de lama, por onde então, confusamente, irá boiando o tábido cadaver da nacionalidade portugueza!

*

E tu, homem de eleição, bella alma tão vivamente apercebida para as mais penetrantes emoções artisticas,—vê por que

longinquoas paragens, inesperadas e asperas, me levou este meu pendor eterno para o devaneio e para os sombrios pensamentos! E, entretanto, na tua obra, tão sincera e tão cordealmente vivida, reside um extraordinario poder absorvente, que me subjuga. N'essas pequenas producções, que formam o *Cancioneiro Musical Portuguez*, e que, pela tensão sentimental, me recordam Schubert, ha um tão justo acingimento ao texto que lhes serve de mote, ha uma tal intensificação da esthesia d'esse mesmo texto, uma vibração dramatica tão intima, que, ouvil-as, o mesmo é que palpar fortemente ao drama essencial de que ellas são a linguagem flagrante.

Muitos dos nossos poetas forneceram thema para as melodias do *Cancioneiro*. De João de Deus, por exemplo, foi escolhida a singela e dilacerante poesia *A Orphã*, que o maestro vingou traduzir com uma esplendida eloquencia. O genero triste é o predominante no *Cancioneiro*, o qual, na sua qualidade, magnifica, de producção sincera, se póde em certo modo considerar como um transumpto da existencia do maestro.

Apesar, porém, de todos os travancos que se lhe tem opposto á voluntariosa ca-

minhada, Salvini continúa inabalavel, pugnano pela realisação do seu pensamento, e é certo que, se por um lado a rotina o hostilisa com uma rude teimosia, por outro razões solidissimas o persuadem á prosecução da sua cruzada artistica. O autor do *Cancioneiro Musical* encontra na lingua de Camões os elementos phonicos mais favoraveis para o canto: é isto uma verdade incontrastavel, que, de resto, o distincto artista demonstra pelos seus excellentes trabalhos; e, desde que tal virtualidade a nossa lingua possue, em alto grau, por que hão-de os nossos escriptores musicaes persistir eternamente em amoldar as suas concepções á lettra italiana ou franceza, sem vantagem nenhuma quanto ao merito da obra, e com um insignificantissimo alcance para a educação musical entre nós?

Salvini abre um exemplo magnifico, e é para desejar que o seu *Cancioneiro* seja diffundido, o mais possivel, por todos os salões onde entre nós se cultiva o canto.

«Odes e Canções»

Ha muito deveramos ter-nos referido a este brilhante volume de versos, firmado por um dos mais bellos talentos da nova camada litteraria. O sr. Luiz de Magalhães vibrou no seu ultimo livro uma intima e deliciosa nota lyrica, de par com um alto verbo philosophico: e nada mais vivamente moço do que as suas dôces canções aladas, que passam serenamente chilreando, n'uma integridade e n'uma intensificação de goso a ponto de colher saudades em todos os momentos que decorrem; e poucas as syntheses poeticas em que a migração da humanidade através da historia seja capitulada em visões mais luminosas, e mais amplas, do que nas *Odes*.

Verdadeiramente, é abominavel a nossa incuria. Incuria? Não. O que nos tem vedado o livro de Luiz de Magalhães, o que nol-o tem lançado ao limbo, o que tem feito que só a avaros intervallos o apreciemos, de fugida, e que as narinas gulosas da nossa alma só a furto aspirem a delicadissima essencia das *Violetas*, ou que o nosso espirito, apenas de longe a longe, siga a aza do poeta pelas culminantes regiões do

mytho e pelos quadros historicos e cosmogonicos em que o seu vòo paira, — não é a incuria, é a noticia, a terrivel noticia bisbilhote e comesinha, todo este *bric-à-brac* do successo miudinho e quotidiano, todo este sordido manto de farrapos em que vamos serzindo os acontecimentos mais chatos e mais banaes da vida, todo este festim gargantuesco de vaidades reles e traficantes, no qual, envergada a casaca de uma safadissima rhetorica, nós servimos bateladas de epithetos a grandes boccas escancaradas n'uma insaciabilidade de abysmo. Oh! os bellos historiadores que nós somos! Historiadores da verminagem, chronistas da rua das Cangostas, alcajotes, convictos, dos sorrisos e das piscadellas de olhos de uma gloria de entremez, ou dos pingues proventos do mais rasteiro mercantilismo! É isto o que nos impõe o seu ferreo veto, quando, em rarissimos parenthesis, elevadas suggestões artisticas, como as que dimanam dos versos de Luiz de Magalhães, veem solicitar as nossas homenagens, o veredictum expansivo e enthusiastico das nossas impressões, o patenteio do vivissimo suffragio apaixonado que nos vibra na consciencia, e que toda essa turba-multa brutal da fatalidade afoga.

*

O livro *Odes e Canções* demonstra um radioso talento poetico. Ha muita sinceridade, muita alma, n'estes versos tão espontaneamente e fortemente enseivados, que se nos impoem como resonantissimas fibrilhas do mais intimo recesso de um coração e de um espirito, inundados de emoção e de luz.

Nas *Canções*, que ali constituem o dominio dos affectos simples, o coração trasborda generosamente das estrophes, em veios fundos e limpidos de amor, que derivam, sussurrando, por um leito amplo de caricias, — indelevelmente fixadas na placida correnteza, como reflexos de azas brancas, cuja imagem ali voou, e que partiram, as visões bem-amadas do passado. O presente, porém, continúa enflorando-se em tórno d'este aureo motivo—imperturbavel—a ventura, e o porvir annuncia-se absolutamente sem nuvens, até ao supremo occaso em que a Morte surja a entoar o *de profundis* da Esperança.

Assim, de leste a oeste, uma grande paz, um transcurso profundamente calmo. Quanto a vista alcança, a felicidade só virá

a extinguir-se com o derradeiro vislumbre de existencia, e, na hora extrema, das cumiadas onde, emfim, quedamos, o nosso olhar, no longo abraço retrospectivo a todos os cadaveres de nós mesmos que nos ficaram dispersos pelos estadios andados, nada attinge que lhe não seja rebate de saudade. As visões luminosas do passado jazem aqui e além, n'uma esplendida linha tumular, cujos cruzeiros, altos e aureolados, são menos um symbolo de redempção do que os marcos de uma ventura immaculada, assignalando os seus multiplos avatares pela viagem da vida.

É n'um oceano infindavel de paz que as lyricas de Luiz de Magalhães alvejam. Mas a saudade—o embalsamado cadaver da ventura — divaga á flôr d'esse vasto mar, e em vão a aurora de uma cadencia perenne de felicidades se levanta: no espirito peninsular, sentimental e ardente, do poeta, uma alastrante sombra de melancolia espalha-se... A ideia de morte, a noção do aniquilamento vem laivar aquellas tintas auroraes e triumphantes com a vagá tristeza lutuosa dos crepusculos da tarde, em que, na rubidez metallica do poente, como que vae resoando um largo dobre funerario, pelo dia, que succumbe!

A suavidade, o inalteravel e dólcido repouso da melancolia do poeta, — e como é religioso o amor com que elle celebra o funeral dos seus risos argentinos de outr'ora! Luiz de Magalhães, ú estancia feliz do seu passado, envia apenas a revoada alva das saudades, com a sua immensa profusão de flôres, a distribuir ás lousas; e do futuro, toda a vez que o perscruta, o poeta vê as pombas n'um vôo placido voltando, a agitarem gloriosamente pelo espaço os ramos de oliveira. De tal sorte que, no seu imperturbavel dia de paz e de ventura, o poeta canta:

*N'esse indeciso mar do Indefnido,
Para onde o sol da vida tem pendido
E onde, por fim, se ha-de abysmar, um dia,*

*Nem uma nuvem só de tempestade!
Cairei n'um poente de saudade,
Como o sol n'um oceano em calmaria...*

As violetas, A saudade, O cabelo branco, Tres epocas, A morte — são paginas superiores de lyrismo, de uma emoção intensamente vivida, e penetrantissima.

Nas *Odes*, esplendem duas composições soberbas de concepção e de fórma: — *A sphinge*, onde a humanidade — povos, ra-

ças, civilizações, — os lábaros do ideal ao vento, gurgulhando pela vastidão da historia n'um immenso e confuso rumor profundo, vem ha milhares de seculos passando, estropiada, cega, febricitante, miserima, em frente ao sinistro colosso impenetravel, verdugo antigo de Prometheu e guardião avaro da verdade, que persiste na sua mudez eterna, perante as estridentes e desesperadas supplicas em que os caminheiros do pensamento o invocam; e *A estatua e o esqueleto*, um grande e luminosissimo confronto entre o velho mundo pagão e o christianismo sombrio da Edade Media, confronto a que servem de cupula as estrophes de uma alta ode cosmogonica.

Ahi fica resenhado nas suas linhas geraes o volume de Luiz de Magalhães. É, como o deixamos manifesto, um excellente livro, e, dado que a belleza dos conceitos estivesse sempre em correspondencia intima com a fórma, de modo a attingir a ideia a sua cristallisação mais pura, seria um livro absolutamente primoroso. Aguardamos que esta integridade artistica se nos imponha nos trabalhos subsequentes do poeta, a quem, todavia, ha motivos de sobejo para enviarmos um grande abraço, cordealissimo, de parabens!

D. Sebastião

D. Sebastião! Eis ahi, em toda a nossa historia, o assumpto por ventura mais atrahente e mais fecundo, hoje em dia, para uma producção artistica.

Esse caso atavico da velha heroicidade portugueza, esse anachronismo, essa epilepsia sublime, compellida por um rijo vento do passado e por um terrivel ananké sinistro e grandioso, a abalada imponente das soberbas naus empavezadas, a alma epica do monarcha toda expansiva de gloria hasteada n'uma immensa esperanza intemerata, os sonhos ardentes de conquista, a peleja, a catastrophe, o esbarrondar abrupto de todo um mundo de visões deslumbradoras, a anciedade e a agonia da patria, a noite que succede a esse rubro poente convulsionado e tragico, a genesis da lenda, o Encoberto, o messianismo, a religião nacional que redime do captiveiro o vasto coração idealista do povo:—tudo isto é de força a constituir assumpto para uma obra capital, para um poema de primeira ordem, uma d'estas producções fundamentaes que são como a cristallisação

suprema e como o profundo reservatorio da alma de uma nação heroica.

Tal é o assumpto do poema que Luiz de Magalhães, o autor das *Odes e Canções*, actualmente escreve. Ouvimos, ha dias, a recitação do primeiro canto—*O nascimento d'el-rei*,—e a impressão, que recebemos, foi vivissima. O poeta, com uma rara intuição enraizada em perseverantes e severos estudos, logrou embeber o seu pensamento em todo o agitado espirito da epoca, e os versos, vigorosamente forjados, surdiram vibrantes e lampejantes, levados de nobreza e de impeto, adstrictos a uma rigorosa fidelidade historica.

Bello commettimento! A fibra epica, a espaços entrevista nas *Odes* de Luiz de Magalhães, tem agora a sollicital-a uma suggestão magnifica, e, por muito ardua que seja a empreza, nós fiamos do talento do poeta um verdadeiro e esplendido triumpho.

*

A proposito d'esse poema.

Guerra Junqueiro, a quem outro dia foi exposto o argumento da obra de Luiz de Magalhães, alvitrou, immediatamente, este soberbo epilogo:

O poeta figurar-se-hia D. Sebastião como não tendo succumbido nos areaes de Alca-cer-Kibir. D. Sebastião internar-se-hia pela Africa, propugnando obstinadamente e epi-camente a vindicação do seu ideal, pele-jando, conquistando, christianizando. Até que emfim, cumprida a sua missão glo-riosa, o grande campeador, spectral, im-memorial, sublime, vê que é chegada a monção de voltar á patria. Vem... Na via-gem, encontra-se com a frota de D. João vi, que vae fugido á invasão franceza, deman-dando a America...

E o canto, em que esse quadro phan-tastico e tragico se exhibisse, — accrescen-tou Junqueiro, — deveria ter por titulo :

Encontro de um heroe com um pataco

«Frei Luiz de Sousa»

17 de fevereiro, 1884. — A companhia de Ernesto Rossi representou hontem, no Baquet, a admiravel peça dramatica do vis-

conde de Almeida Garrett—*Frei Luiz de Sousa*.

Nada resta, á critica, por dizer de essencial a proposito d'essa obra-prima, de uma esplendente simpleza antiga, que, ao firme corte dos caracteres e á severa sobriedade do entrecho, allia uma tão profunda penetração psychologica. Ha ali alguma coisa das linhas idealmente harmonicas da antiga Hellade, contornando puramente o intenso colorido espiritual do theatro moderno.

O *Frei Luiz de Sousa* irradia ha muito n'uma elevada e intangivel glória em todo o mundo culto. É, absolutamente, uma obra de primeira grandeza. As almas que lá se agitam patenteiam-se-nos com um alto realismo flagrante, n'uma logica rigorosissima de caracteres e de acção. Edgar Quinet, deslumbrado, consagra ao *Frei Luiz de Sousa* um estudo entusiastico, julgando-o uma das mais luminosas producções artisticas do seculo, e exprobra á sua patria que o divino drama de Garrett lhe seja quasi absolutamente desconhecido. Goethe, o semi-deus germano, honrar-se-hia de firmar um tal monumento.

Uma espiritualidade vivissima, proveniente da evolução romantica, associada a

uma consciencia indiscrepavel, a um senso indefectivel da justa medida, a uma pureza rara de linguagem e a uma bella intuição historica, refluio n'uma convergencia plena de luz e de harmonia para a producção d'esse grande marco milliaro da arte. Não conhecemos, em litteratura dramatica, nada mais commovedor, mais pungitivo, mais dilacerante do que as scenas finaes do *Frei Luiz de Sousa*. O drama enleia-se-nos, confrange-nos, absorve-nos a ponto que nós deixamos de ter existencia propria, para exclusivamente vivermos em todos aquelles paroxysmos estorcidos pela angustia e pela desesperação e a que serve de fundo, tenebroso e sublime como a morte, o largo *requiem* desolantissimo do orgão espraian-do-se, de envolta com o lugubre corear dos monges, pelo vacuo terrestre e pelo infinito além... A commoção afoga-nos, e as lagrimas, irreprimiveis, saltam. De resto, que poderosissimo talento dramatico não era preciso para desentranhar tanta alma do esqueleto lendario do *Frei Luiz de Sousa*! Importava que houvesse mais do que talento: era necessaria a eleição de um cerebro verdadeiramente genial.

A interpretação que hontem alcançou da companhia italiana o drama de Garrett

foi distinctissima por parte de Ernesto Rossi e da seuhora Belli-Blanes. O grande artista soube realisar o superior character fidalgo, a triumphante feição estoica, em lueta com o fundo ardentemente amoroso, de Manuel Coutinho. No ultimo acto, foi magnifico de vibração dramatica. Belli-Blanes, surprehendente no papel de Maria, um mixto delicadissimo de imaginação e coração resumbrando n'uma dóce physionomia vaporosa de ballada do Meio-dia, alliança eminentemente poetica e subtil da flôr de heroicidade e nobreza, que era o espirito de Manuel Coutinho, com toda a tempestade de inquietação e de febre que sacudia a alma de Magdalena de Vilhena. Deliciosissima figura feminina, de uma diaphaneidade tão pura, uma graça, uma transcendencia de belleza, que nos lembra as divinas mulheres ideaes da galeria de Shakspeare. Será difficil exceder o talento da seuhora Belli-Blanes na encarnação d'aquella extraordinaria maravilha artistica!

Quarta-feira de Cinza

Hoje, a cidade foi como um imenso estomago, seguidamente a uma indigestão brutal. Os seus movimentos arrastavam-se vagarosos por entre a saburra do cansaço, e as physionomias e os ditos desabrochavam, machinalmente e abandonadamente, como eructações ignobeis... — Que a dieta da Quaresma, com os seus jejuns e as suas rezas, seja propicia áquelles a quem empanturraram as bateladas do Entrudo!

Sexta-feira da Paixão

Nós teríamos abalado fervorosamente para a Palestina, levados do impulso de solemnisar ali, na terra santa do Golgotha e de Gethsemani, o trespasso da alma augusta de Jesus. Invocaríamos as velhas arvores sonhadoras do Jardim das Oliveiras, — que nos contassem a maravilhosa lenda, os grandes extasis de Christo aureo-

lado e os seus insondaveis desalentos, e o nosso mysticismo divagaria absorto por sobre a collina do Calvario, d'onde, no supremo instante, partiu o abraço infinito da confraternisação humana!

O prodigioso libertador que, autonomizando as almas, robustecendo intensamente as consciencias, anniquilou a escravidão, acerou de um estoicismo indomavel o coração dos humildes, abandonou a materia a um despreso illimitado, forjou e dignificou inquebrantavelmente o ideal e o direito, amalgamou de uma fé immensa os espiritos, fortalecendo-os a ponto que elles bravavam nas arenas aos leões e aos cesares: — tomae a nossa carne! tomae-a! é vossa! — e os dentes e as garras das feras, n'um furioso espadanar de sangue, iam partir-se n'esses amalgamas diamantinos; o vasto coração incorruptivel que, incomprehendido, atraído, zombeteado, esmagado na prensa das sevicias mais atrozes, alagou tudo, inundou tudo, as affrontas como os affagos, no mesmo oceano infindavel de piedade; o justo, o santo, o heroe que se sacrificou absolutamente á vindicação do seu ideal sublime... oh! a nossa veneração oscula rojadamente a sua memoria, e as mysanthropias, e os odios, e os ranco-

res, que dentro de nós se levantam e se contorcem, vencidos e applacados baixam, emquanto — hostia purissima — da nossa alma se eleva a offerenda mystica e sagrada!

Estes grandes confugios ás grandes consciencias immaculadas repousam e nobilitam: isolam completamente das torpezas do mundo externo, onde, no commercio ordinario das suas villanias e dos seus crimes, as almas torrenciam, embatendo-se e escachoando, como negras enxurradas... O sonho acoberta-nos com o seu denso manto impermeavel, e o ideal arrebatá-nos e enleva-nos, á impulsão vigorosa das suas azas!

«Tardes de Primavera»

Appareceu n'uma edição primorosa da Typographia Elzeviriana o livro de versos de Queiroz Ribeiro — *Tardes de Primavera*.

Queiroz Ribeiro é um rapaz muitissimo

sympathico e distincto, que ha pouco deixou desolado a bohemia coimbrã, e que hoje ahi vive n'um recanto obscuro da provincia entre as dôces solicitações da Musa e as rabugens e as catureiras da velha Themis abominavel — um monstro abarrotado de sebentas e pandectas, que passa os dias fossando na chafurdeira do crime. É do Minho, e a sua Musa não foge ás tradições poeticas d'aquella deliciosa estancia regorgeada e suavissima de amores idyllicos e onde se respira uma antiga paz conciliante e parasidiaca.

Se, pelo character accentuadamente subjectivo do poeta, no seu livro se não abrem clareiras de paizagem, lances impressionistas e directos sobre as maravilhas do ambiente, — nós visionamos os ribeiros e os rios limpidos do Minho derivando na fluidez e na pureza d'esses versos sobre um leito de preciosidades rara's, e vemos ainda, nas *Tardes de Primavera*, toda a festa rural d'essa região abençoada, na frescura verdejante das imagens e em toda a florescencia de lyrismo que ali se expande.

Mas o que mais resalta e nos captiva nos versos de Queiroz Ribeiro é a sinceridade e a candura da emoção que n'elles

vive e que a fórma traduz de um modo tão lucido e tão leal. Queiroz Ribeiro é um bello poeta intimo, com um fundo encantador de psychologia esthetica, alma radiosa e gentilissima de juventude, e a sua arte, que não se circumscreve aos labores parnasianos e benedictinos do lapidar da phrase, e dos contrapontos do rythmo e da rima, é no entanto uma esplendida arte, dextra e eloquente, visando sobretudo a dar ao verso toda a justeza e toda a crystallinidade, porque a ideia transpareça bem nitida e bem precisa.

«Væ victoribus»

D'entre as manifestações da imprensa, a que tem dado origem o conflicto com a Inglaterra, destaca-se com um poderoso e maravilhoso relevo a satyra vibrada contra o insulto britannico pelo eminente poeta Manuel Duarte de Almeida.

Væ victoribus é um vehemente e fulminante grito de anathema, solto por um

participa-nos que morrera tragicamente nos Açores, disparando alguns tiros de revólver na bocca, o altissimo poeta das *Odes Modernas* e dos *Sonetos*, Anthero de Quental.

Seguiu breve na senda pavorosa de Camillo o extraordinario escriptor, que era hoje, incontestavelmente, o mais elevado espirito da litteratura portugueza.

Extinguiu-se uma organisação de poeta e de pensador, verdadeiramente genial, ao mesmo tempo que uma alma nobilissima em que a uma sublime bondade, uma bondade santa, se alliava a mais alta rectidão e fidalguia de character.

Anthero de Quental, açoriano, viera muito novo para a metropole, e cursara o Lyceu e a Universidade de Coimbra, concluindo a formatura em direito por 1864-1865.

Era a esse tempo, durante o curso universitario, um rapagão esplendido, estrutura herculea, expansivo, entusiasta, cheio de robustez e audacia, — absolutamente diverso da ensombrada e abatida physionomia, infinitamente desolada, em que viemos a conhecer o grande poeta.

«O Anthero nos seus tempos de Coimbra — dizia de uma vez Junqueiro — era um

hercules vibrante e resplandecente, capaz de fazer uma pega de cara ao touro em braza do Zodiaco!»

Foi então que surdiu a famosa polemica litteraria — a *questão coimbrã*, — determinada pelo prologo de Castilho ao *Poema da Mocidade*, do sr. Pinheiro Chagas.

Como Antonio Feliciano tractasse com somenos estima os novos poetas do fulgurante grupo universitario — Anthero, Theophilo Braga e outros, — o autor das *Odes Modernas* redarguiu ao velho dictador litterario com o celebre pamphleto *Bom senso e bom gosto*, que levantou um motim violentissimo entre toda a classe plumitiva do paiz, aggreddo-se rudemente os dois partidos nos mais encarniçados recontros de jornaes e opusculos, prosa e verso, publicações de toda a ordem. E não só recontros d'estes: como se sabe, Anthero de Quental bateu-se no Porto em duello a sabre com Ramalho Ortigão. Coisa singularissima em Portugal: um duello motivado n'uma questão litteraria!

Bello conflictio, no fim de contas, — uma como repercussão longinqua de campanha do romantismo em França.

Ainda em Coimbra, Anthero publicou o primeiro dos seus dois grandes livros de

da sua evolução psychologica, terriveis phases de desesperação e de agonia que haviam de epilogar-se no suicídio, pedindo a consolação suprema, o unico repouso ambicionado, á bocca gelada e fulminante de um revólver!

Bóa viagem!

1 de janeiro, 1892. — Sumiu-se no sorvedouro — velho estylo — o anno de 1891.

Lá vae, com o seu 31 de janeiro, com as suas condemnações politicas, com a sua crise financeira, com todas as dolorosas peripecias e com todos os abalos que lhe passaram revoltamente sobre o trémulo tablado.

Lá vae mugidoramente a enxurrada humana, lá vae a sinistra e clamorosa levada de sangue e de lagrimas que espadanaram no estertor d'essa apertada e escarpada garganta do anno terrivel que expirou.

Lá vae tudo pela agua abaixo, pela agua escura do tempo — a cuja superficie

os homens e as coisas um momento surgem, para descer por toda a eternidade n'esse illimitado oceano sem fundo e sem praias, onde tudo naufraga e desaparece.

Frageis e miseros barcos, formidandas naus, transatlanticos soberbos, — um dia, a maior ou menor distancia, todos nós, fatalmente, abriremos agua e abriremos morte pelas desconjunctas e carcomidas taboas ou pela gasta blindagem, e uma golphada negra de anniquilamento nos invadirá e nos sumirá no abysmo, — que as nossas velas vão ainda pandas de illusões e de energias, ou já esfarrapadas do vendaval, que subsista ainda o mais valoroso esforço na intemerata marinhagem, ou que, sem energia e sem esperanza, ella vá já prostrada e inerme na embarcação sem governo.

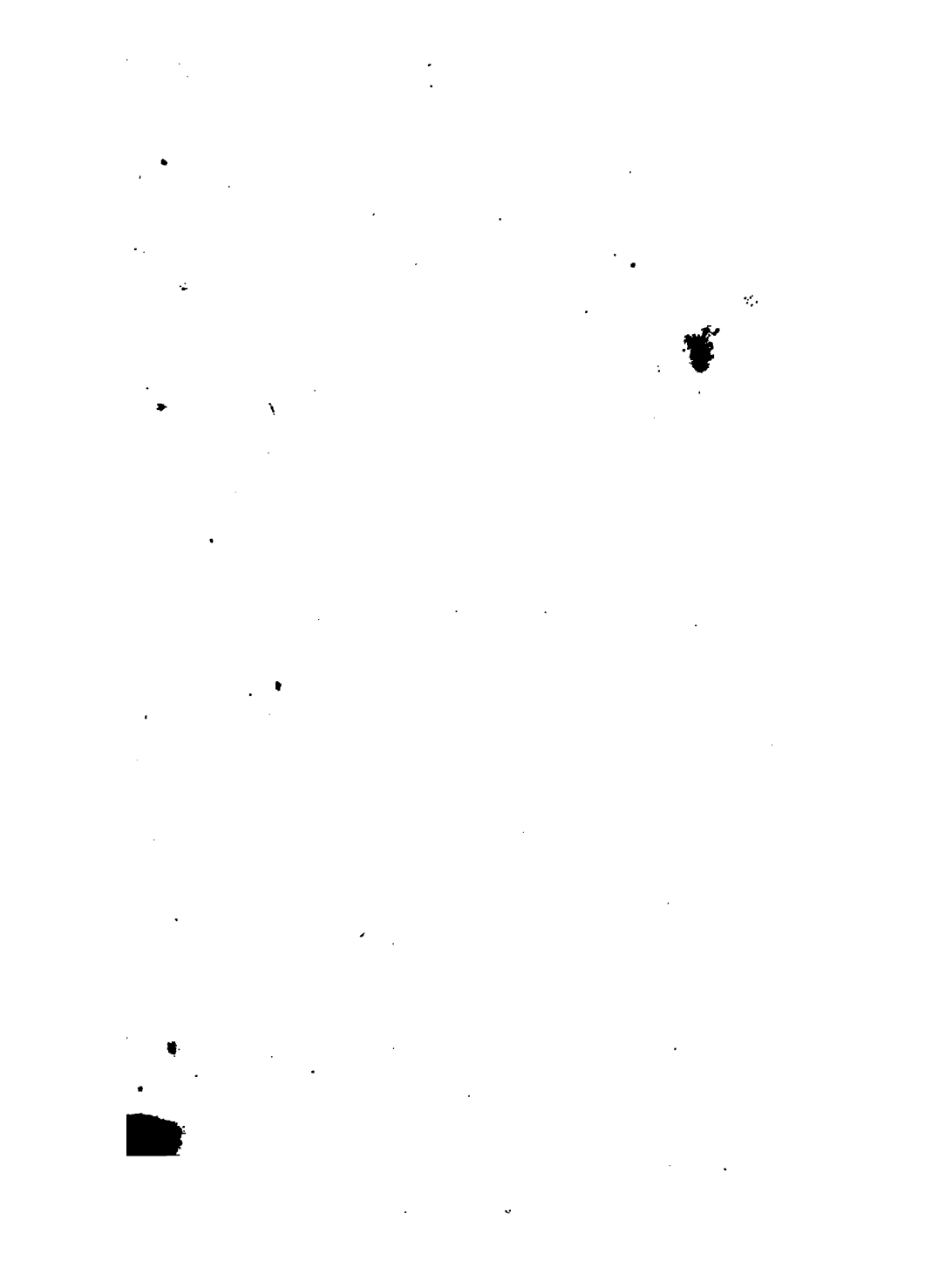
E então começará o fatal descendimento... Nós que, um dia, afflorámos na onda amarga da vida e da consciencia — iremos todos agua abaixo, seculos e seculos sem fim, no mergulho interminavel do passado, no esquecimento e na treva dos tempos idos, tragicos escaphandros descendo espectralmente no insondavel, gerações sobre gerações extinctas, destroços de barcos e equipagens infindavelmente immergindo

na escuridão d'esse immenso mar parado onde tudo sossobra e onde, absolutamente, para sempre, todas as fórmas se desvanecem — a pobre lancha heroica do pescador, que vae destino e mar em fóra, como as prodigiosas naus do infinito, que são os mundos!

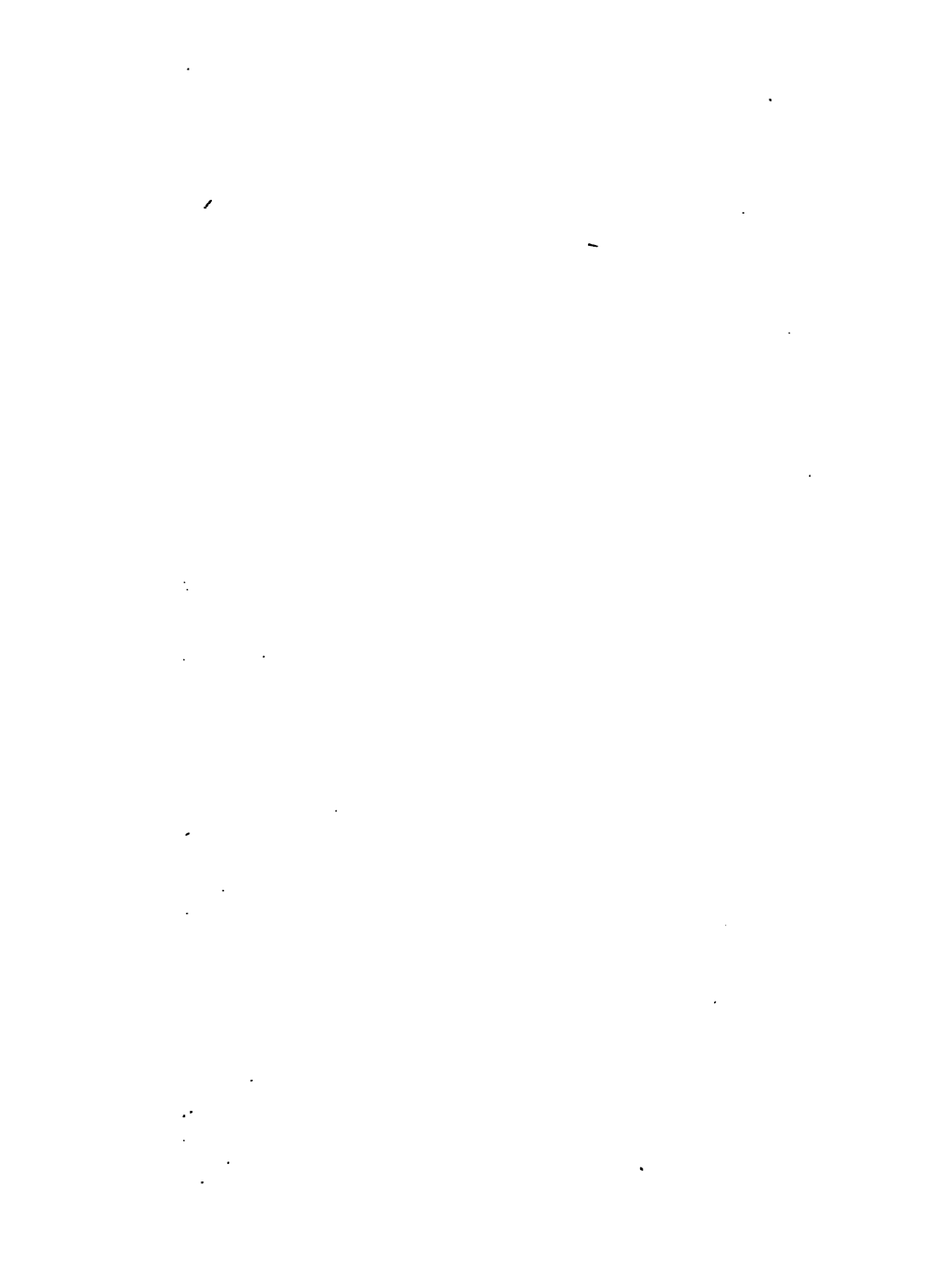
Á flor do mar, n'um momento fugidio de calma e de ventura, sob o ceo esplendoroso em que raiou o dia de hoje — irradiação de Zeus, sorriso e expansão sublime da natureza em luz: — **bôa viagem!** a todos os passageiros que vão comnosco na mysteriosa e rude travessia da vida!











100
100